

# O Patrimônio Cultural da Imigração em Santa Catarina



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES

159 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).  
O patrimônio cultural da imigração em Santa Catarina / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; organização, Maria Regina Weissheimer ; texto, Dalmo Vieira Filho. — Brasília, DF : Iphan, 2011.  
225 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-7334-202-4

1. Imigração — Brasil. 2. Arquitetura — Santa Catarina. 3. Patrimônio imaterial — Santa Catarina I. Weissheimer, Maria Regina. II. Vieira Filho, Dalmo. III. Título.

CDD 720.9520981



Roteiros Nacionais de Imigração  
Santa Catarina

# O Patrimônio Cultural da Imigração em Santa Catarina

---

textos: Dalmo Vieira Filho edição: Daisi Vogel organização: Maria Regina Weissheimer



Ministério da  
**Cultura**











Presidente da República **Dilma Rousseff**

Ministra da Cultura **Anna de Holanda**

Presidente do Iphan **Luiz Fernando de Almeida**

Diretor do Departamento de Patrimônio  
Material e Fiscalização **Dalmo Vieira Filho**

PROJETO ROTEIROS NACIONAIS DE IMIGRAÇÃO  
INSTITUTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL — IPHAN

Organização **Maria Regina Weissheimer**

Textos **Dalmo Vieira Filho**

Projeto Gráfico e Editorial **IMK Relações Públicas**

Coordenação Geral **Márcia de Azevedo**

Design Gráfico **Mariana Naomi Suzuki**

Assistente Design Gráfico **Antonio Marcos Martinez Gimenez**

Assistente de Produção Gráfica **Vivian Kinoshita**

Editor Chefe **Fraterno Vieira MTb nº 7760**

Edição Final e Revisão de Textos **Daisi Vogel**

Imagens **Banco de Imagens Superintendência  
do Iphan em Santa Catarina**







Apresentação .....	11
A imigração no Brasil: breve histórico .....	17
As regiões de imigração em Santa Catarina.....	29
Características da implantação das colônias.....	55
O patrimônio da imigração em Santa Catarina.....	67
Mapeamento e localização de bens.....	135
O projeto dos Roteiros Nacionais da Imigração.....	189
Lista de Bens Tombados pelo Iphan, Proposta de Tombamento Estadual e Termo de Cooperação assinado em 2007.....	195
Referências bibliográficas.....	225



# Apresentação

**E**ste trabalho procura apontar um dos justos motivos que o País tem para constatar a qualidade criativa e adaptativa de sua gente, base para acreditar em si e na sua capacidade de propor melhores dias aos seus cidadãos. Foi realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em parceria com a Fundação Catarinense de Cultura, a Lei de Incentivo a Cultura do Estado de Santa Catarina e diversos municípios do estado, com a participação de suas equipes técnicas e pesquisadores contratados.

O contexto cultural aqui apresentado constitui um dos inúmeros componentes do extraordinário mosaico cultural do Brasil. É parte de um conjunto resultante da interação de tradições vindas das mais diversas partes do planeta no amplo movimento de transmigração chamado genericamente de Imigração. Esses contextos são tesouros vivos, repletos de especificidades materiais e imateriais, que testemunham as várias formas de apropriação da natureza, por homens e mulheres que protagonizaram episódios singulares que, por suas particularidades, são únicos na história.

Desde os anos 1980, cresceu o reconhecimento da diversidade étnica de que é formado o

Brasil. A noção de que a predominância lusitana, somada ao índio e ao negro, bastava para explicar a formação da Nação praticamente desapareceu. Vieram alemães, italianos, poloneses, belgas, ucranianos, austríacos, húngaros e russos, aos que se juntaram japoneses, chineses, gregos e árabes, somados a fluxos contínuos de portugueses e espanhóis – fazendo com que todo o território se apresente variado em sua composição étnica.

No Brasil, costuma-se agrupar sob a denominação de imigração os fluxos populacionais induzidos, proporcionados por contingentes vindos principalmente da Europa e da Ásia. Esses fluxos começaram nos primeiros anos do século XIX e aumentaram no período que vai de 1850, após o término da Guerra do Paraguai, até meados do século XX, quando eclodiu a Segunda Grande Guerra Mundial.

O conhecimento e as possibilidades resultantes da conquista do espaço geográfico, depois das grandes navegações do século XV e XVI, com as conseqüentes motivações econômicas, sociais, políticas e religiosas, bem como as transformações geradas pela Revolução Industrial, fo-









Mapa de Santa Catarina mostrando a divisão das colônias

Fonte: Arquivo Histórico Nacional



A travessia do Atlântico a bordo dos navios guardava uma série de dificuldades, marcada por um cotidiano de privações, doenças e muitas mortes

ram a base da imigração. Na Europa essas transformações foram intensas, provocando a explosão demográfica nas cidades e a diminuição populacional da área rural. A opção de milhões de pessoas foi emigrar.

O Brasil foi um dos lugares escolhidos, e foi no Sul que os novos contingentes tornaram sua presença mais manifesta. Em Santa Catarina existiam condições especiais para a sua recepção. O território permanecia quase despovoado e os indígenas, sobreviventes dos ciclos de apresamento dos séculos XVI e XVII, habitavam predominantemente a vastidão de serras e planaltos.

Depois de século e meio de ocupação esporádica, a primeira iniciativa de ocupação européia deu-se no século XVII, com a fundação das primeiras povoações estáveis no litoral catarinense. Antes da

metade do século XVIII, houve nova iniciativa, com a fortificação da Ilha de Santa Catarina e a criação da Capitania de mesmo nome. Em 1748, registrou-se a primeira ação migratória clássica, com a vinda de casais das Ilhas Atlânticas, em especial dos Açores.

Com a vinda da Família Real ao Brasil e mais especialmente depois da Independência, surgiram oportunidades para o ingresso de populações não-lusas, a começar por alemães. As primeiras levas de novos brasileiros foram prejudicadas pelo conturbado período político das Regências, mas a imigração adquiriu grande intensidade a partir de meados do século XIX, num fluxo atenuado somente a partir da segunda metade do século XX. Dessas correntes decorre importante patrimônio cultural, formado por diferentes paisagens, hábitos, costumes, saberes e fazeres.





Pequena propriedade rural de Pomerode

Na atualidade, o patrimônio cultural dos imigrantes enfrenta sérios desafios. As rápidas transformações sócio-econômicas, em especial a decadência da pequena agricultura, levaram ao progressivo abandono das áreas rurais. Como resultado, registra-se o desaparecimento dos exemplares arquitetônicos e dos conjuntos urbanos e rurais mais importantes.

Há necessidade urgente de uma ação nacional de reconhecimento, preservação e restauração desse patrimônio excepcional. Os contextos do passado precisam ser vistos como trunfos do desenvolvimento verdadeiro: expressam diversidades, enaltecem qualidades e valores que conferem auto-

estima e dignidade. Nessa perspectiva, a identidade e as características culturais de cada grupamento humano são indispensáveis a um projeto atualizado e verdadeiro de desenvolvimento nacional.

É o que pretende este trabalho. Apresentar ao Brasil um de seus patrimônios culturais mais singulares, derivado dos imigrantes vindos de países como Alemanha, Itália, Polônia e Ucrânia, entre vários outros. E, uma vez reconhecido, torná-lo um instrumento sócio/econômico/cultural para gerar riquezas, proporcionar trabalho, valorizar especificidades, ampliar a qualidade de vida e aperfeiçoar os parâmetros ambientais.







# A imigração no Brasil: breve histórico

## A EUROPA E O BRASIL NO SÉCULO XIX

As viagens e descobertas marítimas do século XVI conectaram os europeus com os demais continentes, no momento em que os lucros do comércio e os avanços tecnológicos na construção de navios e na artilharia permitiram que os ocidentais iniciassem um predomínio de mais de meio milênio sobre o planeta. Dentre as ocorrências de maior alcance, registraram-se mudanças populacionais de grande monta, iniciadas com o deslocamento maciço, voluntário ou forçado, de europeus e africanos para a Ásia, África, Oceania e, principalmente, para as Américas, onde iniciou-se, ainda com Cristóvão Colombo, a enorme hecatombe indígena.

O mundo que as viagens marítimas havia tornado global foi grandemente transformado pela Revolução Industrial que, iniciada na Inglaterra, trocou, pela primeira vez na história, a força e a escala do homem pela nova dimensão da máquina. Alteraram-se as relações de trabalho, inflaram-se as cidades, rompeu-se o predomínio da vida agrícola sobre a urbana, mudaram os produtos, sua quantidade, o comércio em geral e as possibilidades de acesso aos bens de consumo.

O desenvolvimento de uma economia de mercado destruiu as formas econômicas autônomas.

Camponeses que trabalhavam para si mesmos foram substituídos por um novo tipo de população rural – produtores de mercadorias agrícolas e operários assalariados, consumidores da produção industrial. A reacomodação criou um contingente de milhões de desalojados, que não mais achavam espaço de vida e trabalho. Para muitos, a alternativa foi emigrar.

Nos cem anos anteriores a 1914, a população dos três principais países industrializados (Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos) aumentou quase cinco vezes. As populações não apenas cresceram mais rapidamente no século XIX, mas também migraram em escala considerável. Milhões de pessoas se transferiram da Europa para os Estados Unidos ou para as colônias britânicas na América do Norte, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia.

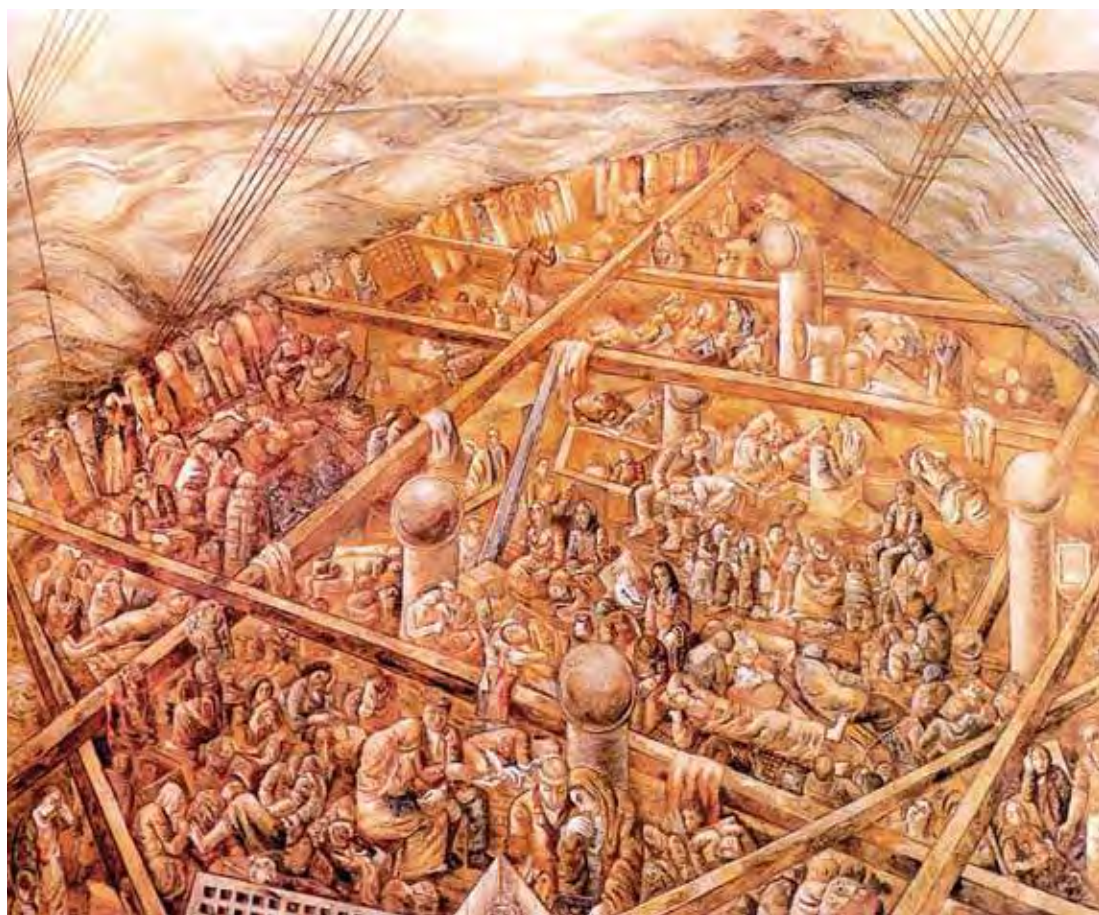
Na primeira metade do século XIX, o grosso da emigração europeia partiu do Reino Unido (2,4 milhões) e Alemanha (1,1 milhão). Na segunda metade do século, aos imigrantes do Reino Unido (9,5 milhões) e Alemanha (5 milhões) juntaram-se outros, da Itália (5 milhões), dos países escandinavos (1 milhão), da Bélgica, da

Espanha e dos Bálcãs. Os ingleses foram para os Estados Unidos e colônias britânicas, e os alemães dirigiram-se à América do Sul (em especial ao Brasil) e aos Estados Unidos. Emigrantes franceses foram à Argélia; italianos, à Tunísia e Argentina; e russos, à Sibéria. Estima-se que o

grupo branco da população mundial cresceu de 22% em 1800 para 35% em 1930.

No caso da imigração para Santa Catarina, predominaram, primeiramente, os imigrantes provenientes da Alemanha, depois ultrapassados em número por italianos e poloneses.

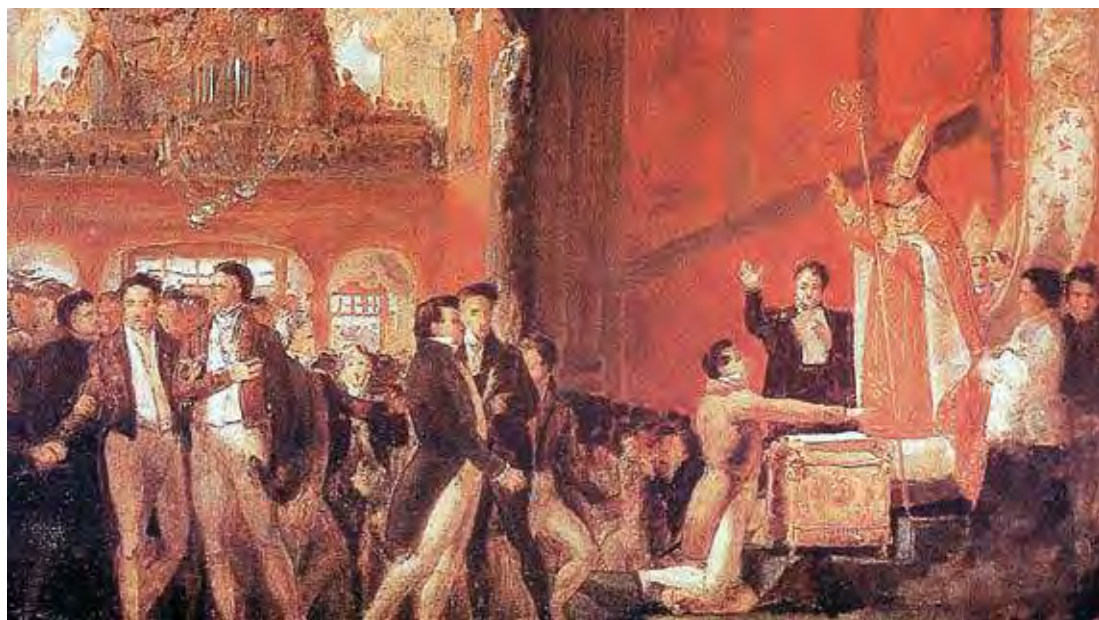
Navio dos Imigrantes, 1939. Tela de Lasar Segall retratando o convés de um dos muitos navios de imigrantes que vieram para o Novo Mundo





A chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808, resultou na abertura dos portos brasileiros, fator que possibilitou definitivamente a vinda maciça de imigrantes ao país

Enquanto D. Pedro II não alcançava a maioridade, o país foi governado por regentes. Durante a Regência Trina a experiência com as colônias de imigrantes se intensificou. Quadro "Juramento da Regência Trina". Araújo Porto Alegre. Museu Imperial - Petrópolis/RJ



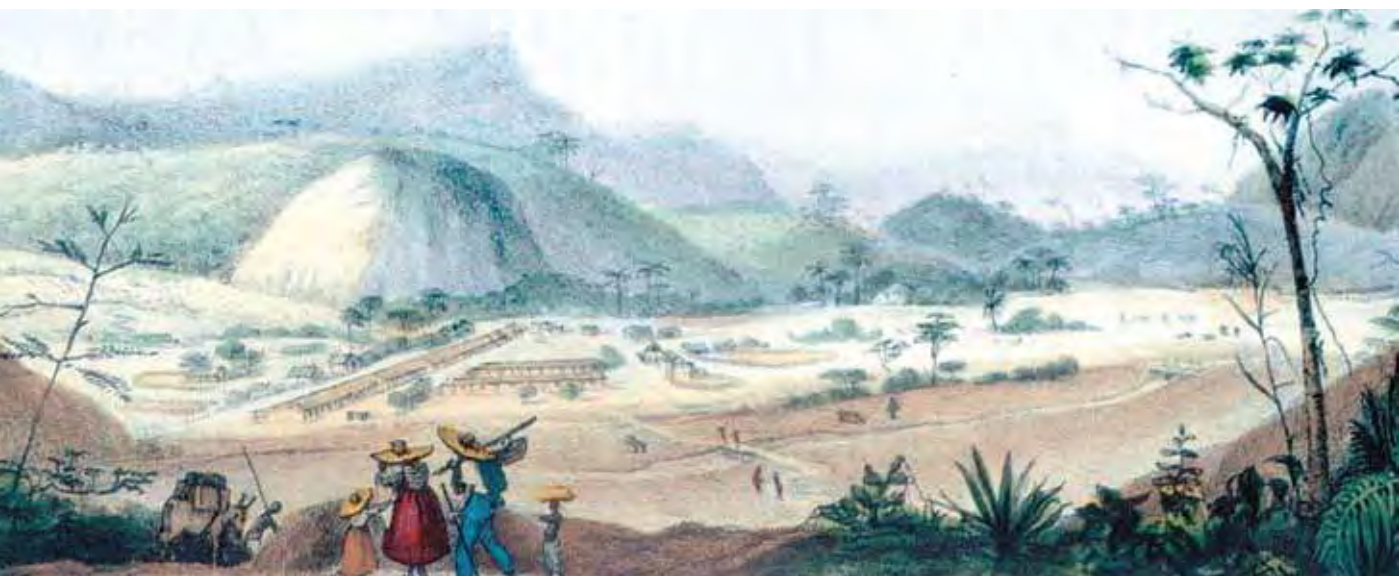
## O BRASIL NO SÉCULO XIX

Desde o início do século XIX ocorreram transformações consideráveis na história, na economia e na sociedade brasileira. Um dos mais fechados países do planeta viu-se alçado à sede do império e moradia da família real portuguesa. Além do impacto da presença de quase 15 mil pessoas ligadas à corte no Rio de Janeiro, a abertura dos portos aos navios e ao comércio inglês

iniciou verdadeiramente a comunicação do Brasil com o mundo. Os dirigentes portugueses tomaram medidas renovadoras importantes, como a organização da Missão Artística Francesa e a criação do Banco do Brasil e da Biblioteca Real.

Veio a Independência e, com ela, uma curta guerra entre Brasil e Portugal, o que não impediu a coroação do próprio Bragança como pri-







Litografia de Debret, de aproximadamente 1826, representando a Colônia Nova Friburgo. Primeira colônia fundada no Brasil, no ano de 1819 na Província do Rio de Janeiro, era formada majoritariamente por colonos suíços. As primeiras experiências com colônias de imigrantes enfrentaram dificuldades de implantação e adaptação — como também foi o caso da Colônia Leopoldina, na Bahia — e não obtiveram o mesmo sucesso daquelas que foram posteriormente implementadas no sul do país

Em cinquenta anos, o ritmo de chegada dos imigrantes cresceu vertiginosamente.

Depois, quando a escravidão foi abolida, a monarquia foi derrubada e o país atravessou novas tribulações políticas, sob a égide do novo governo republicano, o ritmo acelerado do acesso de novos imigrantes quase não se alterou, com registro de novos recordes até a conflagração da Primeira Grande Guerra.

meiro Imperador do país. D. Pedro I mostrou-se um político instável e autoritário. Com dificuldades para lidar com o momento político voltado para o final do absolutismo, abdicou do trono. A desordem foi amenizada quase uma década depois, com a posse antecipada de seu filho, então um menino de quinze anos de idade. Nesse conturbado período entre os dois reinados surgiram as primeiras experiências com imigrantes, com resultados desalentadores.

Diferentemente do pai, o Imperador Pedro II era de temperamento ameno, culto e contemporizador. Um longo reinado de aproximadamente meio século, cuja primeira parte foi tomada por lutas internas e externas, trouxe para o Brasil tempos de dificuldades suplementares. No campo interno, havia revoltas que ameaçavam a inte-

gridade nacional; no externo, a Guerra do Paraguai, para a qual o Brasil não estava preparado. Foi só depois de 1850, livre das conflagrações e embalado pelas divisas do café, que o país retomou o desenvolvimento.

Esse momento foi extremamente propício à imigração. Em cinquenta anos, o ritmo de chegada dos imigrantes cresceu vertiginosamente. Depois, quando a escravidão foi abolida, a monarquia foi derrubada e o país atravessou novas tribulações políticas, sob a égide do novo governo republicano, o ritmo do acesso de novos imigrantes quase não se alterou, com registro de novos recordes até a conflagração da Primeira Grande Guerra. Superado o conflito, a imigração conheceu novo surto, até que a Segunda Guerra veio encerrar o período clássico das imigrações para o Brasil.

Igreja Luterana da Itoupava Rego, em Blumenau



Em 1820 foi formulado um decreto dirigido “aos diversos povos da Alemanha e outros Estados”. Em seguida, colônias pioneiras foram criadas no Rio de Janeiro e na Bahia, em relação às quais persistiam dúvidas sobre se eram baseadas no trabalho livre. Segundo Sérgio Buarque, a primeira colônia com características efetivamente novas foi a de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, formada com 1600 suíços e depois reforçada por 284 alemães.

## AS POLÍTICAS DE COLONIZAÇÃO

**H**avia muito se discutia a recepção, no Brasil, de trabalhadores livres, que mudassem a natureza escravocrata da sociedade colonial. As primeiras experiências com açorianos, no norte, frustraram-se, principalmente em função da mentalidade que considerava o trabalho manual humilhante ao homem branco. A vinda da família real portuguesa, com seu forçado sopro liberalizante, trouxe os navios estrangeiros aos portos nacionais. Desde 1808, um decreto permitia, pela primeira vez, a imigração de não-lusitanos. Era natural que, podendo vir ao país, alguns estrangeiros acabassem se fixando nele.

Em 1820 foi formulado um decreto dirigido “aos diversos povos da Alemanha e outros Estados”. Em seguida, colônias pioneiras foram criadas no Rio de Janeiro e na Bahia, em relação às quais persistiam dúvidas sobre se eram baseadas no trabalho livre. Segundo Sérgio Buarque, a primeira colônia com características efetivamente novas foi a de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, formada com 1600 suíços, depois reforçada por 284 alemães.

Os delicados momentos políticos que se seguiram não impediram novas providências. Anteriores ao segundo reinado, foram fundadas várias colônias, muitas vezes com a participação de soldados transformados em agricultores. São Pedro Alcântara, em Santa Catarina, e São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, foram duas das mais importantes.

Para o governo brasileiro, esse movimento atendia a diversas necessidades internas e externas. Uma delas era de ordem estratégica e destinava-se a ocupar áreas tidas como devolutas (eram habitadas por índios), situadas nos mal demarcados limites sul do Império. Nessa região, de clima temperado, estavam as fronteiras com a Argentina, país que disputava com o Brasil a hegemonia política e militar na foz do Rio da Prata.

Também não escapava, aos políticos e administradores, que o crescimento populacional era um imperativo, e que a chegada de novos contingentes abriria novos horizontes ao país. Nesse período, o crescimento dos Estados Unidos, inclusive como poderio econômico e militar, era um exemplo do impulso trazido pelos imigrantes.



Além da ocupação das áreas tidas como vazios demográficos, os imigrantes possibilitavam a substituição da força de trabalho. O Brasil era das últimas nações a fazer da escravidão sua forma básica de mão de obra, e só a muito custo estabeleceram-se medidas que a substituíam pela força de trabalhadores livres.

Com o tempo, entretanto, prevaleceu o melhor aproveitamento obtido nas fazendas paulistas de café, que, depois de percalços iniciais, se mostraram extremamente produtivas, e nas pequenas propriedades do Espírito Santo e do Sul do Brasil.

Havia outro interesse menos confesso: o de “embranquecer a raça”. Essa visão, larga e abertamente defendida, fazia parte de um entendimen-

to europeizado, vigente nas elites que administravam as nações recém-libertas, que lutavam para se enquadrar nos parâmetros considerados civilizatórios na época.

Segundo essa visão, os contingentes que tinham formado a nacionalidade brasileira, constituída majoritariamente por brancos de Portugal, negros da África e indígenas autóctones, eram um empecilho à modernização. Era preciso trazer contingentes raciais supostamente mais inclinados ao labor da industrialização.

Por esses e outros motivos, o governo brasileiro passou a atuar na arregimentação de interessados em seu projeto estratégico/populacional, e operou inclusive como uma espécie de sócio

Tela de Portinari, mostrando o trabalho nas fazendas de café paulistas, para onde foram levados muitos imigrantes italianos





Propriedade rural em Ibirama, com residência de arquitetura teuto-brasileira e estufas para secagem de fumo, produto ainda cultivado na região

de muitos dos empreendimentos estabelecidos que lidavam com o negócio da imigração. Houve promessas não cumpridas, burocracia e incompreensão, mas no cômputo geral, a ação governamental foi decisiva para o sucesso da maioria dos empreendimentos migratórios que se desenvolveram satisfatoriamente.

Desencadeado o processo de imigração da Europa para a América, o Brasil demorou a se incorporar ao ciclo. O ingresso tardio na habilitação pela preferência dos imigrantes decorreu dos problemas políticos, militares e econômicos da primeira metade do século XIX, da divulgação das dificuldades com as experiências migratórias pioneiras no Primeiro Império e nas Regências, da fama de país escravocrata e do clima quente.

Nos primeiros anos, os europeus deslocaram-se principalmente para a América do Norte. Diversas razões são apontadas para explicar essa opção, como o rápido crescimento urbano e industrial dos Estados Unidos, a familiaridade com o clima e a religião, a liberdade política – além da já comentada imagem negativa do Brasil.

Em 1818, a fundação da colônia Nova Friburgo custou 4 milhões de cruzados a D. João VI. A iniciativa encontrou dificuldades, atribuídas à pouca aptidão para o trabalho da maioria dos colonos recrutados.

Mais tarde, sob D. Pedro I, seguiram-se as fundações das colônias São Leopoldo, Três Forquilhas e Torres, no Rio Grande do Sul; São Pedro D'Alcântara, em Santa Catarina; Santo Amaro e



Rio Negro, em São Paulo; Caravelas, no Espírito Santo; e Petrópolis, no Rio de Janeiro. Também nessas fundações dominou a desordem, e os colonos sofreram fraudes e desenganos.

Por outro lado, com a presença de princesas austríacas na corte, novas oportunidades logo se descortinaram, principalmente em São Paulo, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, e o empenho dos administradores do império e dos governos provinciais acabou por mobilizar um número significativo de imigrantes. Quando as primeiras colônias ultrapassaram a fase do pioneirismo, cartas e informações remetidas pelos emigrados a amigos e parentes demonstram o au-

mento do grau de satisfação e foram importantes instrumentos de convencimento.

De acordo com os dados de Toni Vidal Jochem, 5.431.100 alemães emigraram entre 1824 e 1914, sendo que 90% deles dirigiram-se aos Estados Unidos, e pouco mais de 2% (93 mil pessoas) para o Brasil. Logo após os alemães, levas de italianos e, pouco depois, de poloneses e ucranianos – sucedidos mais tarde por japoneses – foram fixadas principalmente no sul do país.

Ao mesmo tempo e quase sem interrupção, sempre chegaram novos contingentes de portugueses e espanhóis, durante todo o século XIX e até a eclosão da Segunda Grande Guerra.



O “ideal de branqueamento” retratado através da pintura de Modesto Brocos “Redenção de Can”, de 1895. A avó negra, a mãe mulata e o filho branco simbolizam, no decorrer de três gerações, um dos objetivos, nem sempre oculto, dos projetos de imigração

Imagem: Acervo do Museu Nacional de Belas Artes





Antigo porto de Blumenau, por onde chegavam os primeiros imigrantes  
Imagem: edição comemorativa do Centenário de Blumenau, 1950

Barração dos imigrantes, onde ficavam instalados os colonos recém chegados  
Imagem: edição comemorativa do Centenário de Blumenau, 1950







## As regiões de imigração em Santa Catarina

### SANTA CATARINA NO SÉCULO XIX

Pode-se dizer que Santa Catarina é um estado de imigrantes. Desde o início do século XVI, o estado foi ocupado por indução oficial. Até o século XX, nenhuma motivação econômica havia estimulado o povoamento espontâneo naquela parte do Brasil. Havia pouco pau-brasil, a cana-de-açúcar ficava distante dos centros de distribuição do comércio na Europa, não havia metais preciosos, nem borracha, algodão, café ou tabaco. A definição de limites ao sul do Brasil e a ocupação de espaços demográficos estratégicos foram as grandes razões para o seu povoamento.

No início do século XVI, exploradores tiveram notícias de enormes riquezas no interior do território cujo porto central era a Ilha de Santa Catarina. Américo Vespúccio, Martim Afonso de Souza, Juan Dias Solís, Álvaro Nunes Cabeza de Vaca e Sebastião Cabotto foram alguns dos que empreenderam expedições ao sul. Entretanto, os europeus logo perceberam que o ouro e a prata descritos estavam, na verdade, nas mesmas civilizações pré-colombianas do México e do Peru, que acabavam de destruir. Como consequência, a imensa região entre São Paulo e a desembocadura do Rio da Prata foi quase esquecida por um

século e meio, percorrida só por predadores de índios e alguns poucos religiosos.

Até que, em 1640, com a separação das Coroadas de Espanha e Portugal, tornou-se urgente a delimitação das possessões meridionais. Nessa época, a povoação costeira castelhana mais ao norte era Buenos Aires, criada em 1536 e praticamente refundada em 1580. No mundo português, a pequena Cananéia era o núcleo urbano situado mais ao sul. Entre esses dois povoados, quase 2 mil quilômetros distantes entre si, estabelecera-se um deserto humano.

O primeiro passo concreto foi da coroa lusitana. Portugal não dispunha de meios, porque lutava para efetivar a recém declarada independência da Espanha, enfrentava a ocupação holandesa no nordeste brasileiro e em Angola, e perdera a maior parte das possessões na Ásia. Mas não ignorou os limites ao sul da América. O rei escreveu a paulistas abastados, pedindo que “estendessem mais para o sul seus reais domínios...”.

Atendendo ao pedido, foram fundadas, entre 1640 e 1688, as três vilas pioneiras de Nossa Senhora da Graça de São Francisco, Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) e Santo Antônio

Do ponto de vista produtivo, o povoamento do século XVII era quase de subsistência e a imigração representava real possibilidade de aquecimento econômico.

A Vila de Nossa Senhora do Desterro, no final do século XVIII: o traçado regular reflete a constância da presença militar na Ilha de Santa Catarina. Imagem: Arquivo Histórico Nacional

dos Anjos da Laguna. Em 1680 Portugal construiu na margem esquerda do Rio da Prata seu primeiro empreendimento oficial na América Meridional, a Colônia do Sacramento. Os castelhanos a atacaram no mesmo ano, dando início a conflitos que se estenderam até meados do século XIX.

Em 1735, em nova iniciativa lusitana, foi fundada São Pedro do Rio Grande, primeiro núcleo estável do atual estado do Rio Grande do Sul. As lutas constantes resultaram na fortificação da Ilha de Santa Catarina, em 1738, e na criação da Capitania do mesmo nome, subordinada inicialmente a São Paulo e logo depois ao Rio de Janeiro. Em 1748, começaram a chegar a Santa Catarina os primeiros imigrantes na verdadeira acepção do termo: os açorianos.

Os açorianos vieram em movimento coletivo, estimulado e financiado pelo governo, que lhes destinou terras específicas e comprometeu-se a providenciá-los. A maior parte dos compromissos não foi cumprida, mas aproximadamente 5 mil pessoas foram trazidas do meio do Atlântico, dando tintas permanentes à cultura do litoral catarinense.

Essas providências portuguesas não impediram que, em 1777, uma grande frota castelhana invadisse a Ilha de Santa Catarina, que a Espanha considerava sua desde o século XVI. A ilha foi de-





volvida no ano seguinte, porém desentendimentos e guerras continuaram marcando a região. Colônia do Sacramento, São Pedro do Rio Grande e Sete Povos trocaram de mãos várias vezes, e mesmo o inovador Tratado de Madri foi insuficiente para definir e pacificar definitivamente as fronteiras.

Logo que planejou receber colônias de imigrantes, a atenção dos governantes voltou-se para o sul do Brasil, e Santa Catarina oferecia excelentes condições. Estava povoada apenas no litoral. No planalto, cortado pela importante via de abastecimento que era o Caminho das Tropas, o único núcleo urbano era a vila de Lages. No início do século XIX toda a população da capitania não alcançava 50 mil habitantes.

Do ponto de vista produtivo, o povoamento do século XVII era quase de subsistência e a imigração representava real possibilidade de aquecimento econômico. São Francisco do Sul teve seu

porto dinamizado por produtos e passageiros que iam e vinham da Colônia Dona Francisca, fundada em 1851 no norte da província. O mesmo aconteceu com Itajaí, cujo desenvolvimento esteve ligado ao comércio com a colônia de Dr. Blumenau. Em Desterro não foi diferente, nem em Laguna.

No estudo intitulado *Negros em Florianópolis*, Fernando Henrique Cardoso estima a população da província de Santa Catarina como sendo de 30.309 habitantes em 1810, 66.218 em 1840, 101.559 em 1854 e 159.802 em 1872. Nesse período, o percentual de população escrava diminuiu de 23,07% para 9,39%, devendo-se atribuir boa parcela do crescimento ao novo contingente de imigrantes. Em 1860, Laguna tinha a maior população residente, com 33.452 moradores. Era seguida pela capital, com 19.995; São Francisco, com 17.476; São José, 15.699; Porto Belo, 12.540; São Miguel, 9.665; e Lages, com 5.820.

## A LIGAÇÃO DO LITORAL COM O PLANALTO

A ocupação de Desterro pela Armada Espanhola, em 23 de fevereiro de 1777, mostrara a necessidade de ligar as vilas do litoral ao planalto, para abastecimento e segurança. A ideia era alimentada por Antônio José da Costa, filho de pais açorianos, nascido em Desterro, militar e vereador à época da invasão; e pelo capitão-mor de Lages, Antônio Correa Pinto, que precisava do litoral para abastecer o planalto.

Correa Pinto morreu em 1783, mas o governador major José Pereira Pinto fez com que o vice-rei do Brasil apoiasse a abertura da comunicação entre a vila de Lages e a Capitania Litorânea. Antonio José da Costa foi escolhido

para traçar o caminho entre o litoral e o planalto. Saiu rumo a oeste em 11 de janeiro de 1787, com doze homens armados, doze escravos e sete cargueiros, e completou a viagem a 7 de agosto de 1787.

O caminho de 16 léguas e 350 braças de extensão, de São José ao Morro do Trombudo, foi arrematado pelos capitães Antônio José da Costa e Antônio Marques Arzão. Começaram em 14 de novembro de 1788 e concluíram em 6 de dezembro de 1790. Tratava-se de uma obra fundamental para toda a região e foi em suas margens que instalou-se, décadas depois, a Colônia São Pedro, com contingentes de não afro-lusitanos.

## A POLÍTICA DE COLONIZAÇÃO NA PROVÍNCIA

**A**té 1820, a Província de Santa Catarina tinha como território somente a faixa litorânea, entre as serras do Mar e Geral e o Oceano Atlântico. Naquele ano, foi incorporado o planalto adjacente, cujos limites a oeste permaneciam indefinidos e que até então pertencia à Província de São Paulo. Essa configuração demonstra os objetivos da criação da capitania de Santa Catarina em meados do século XVIII: posto avançado na luta pelos limites litorâneos, que deveriam estender-se até o Rio da Prata, onde ainda estava encravada, na época, a Colônia do Sacramento.

Durante o Império, os presidentes das províncias eram nomeados pelo Imperador, em função dos arranjos políticos que se alternavam no poder. As relações com o governo central tendiam a ser de dependência e correspondência de propósitos. Em alguns estados, a chegada de imigrantes representava um risco ao status econômico, social e político precariamente obtido, e foi tratada com oposição por mais de uma assembleia provincial. Esse não parece ter sido o caso de Santa Catarina. As possibilidades da imigração haviam sido testadas com os açorianos e a vinda de novas levas era defendida desde o século XVIII.

Em alguns estados, a chegada de imigrantes representava um risco ao status econômico, social e político precariamente obtido, e foi tratada com oposição por mais de uma assembleia provincial. Esse não parece ter sido o caso de Santa Catarina. As possibilidades da imigração haviam sido testadas com os açorianos e a vinda de novas levas era defendida desde o século XVIII.

## Primeiras Colônias em Santa Catarina



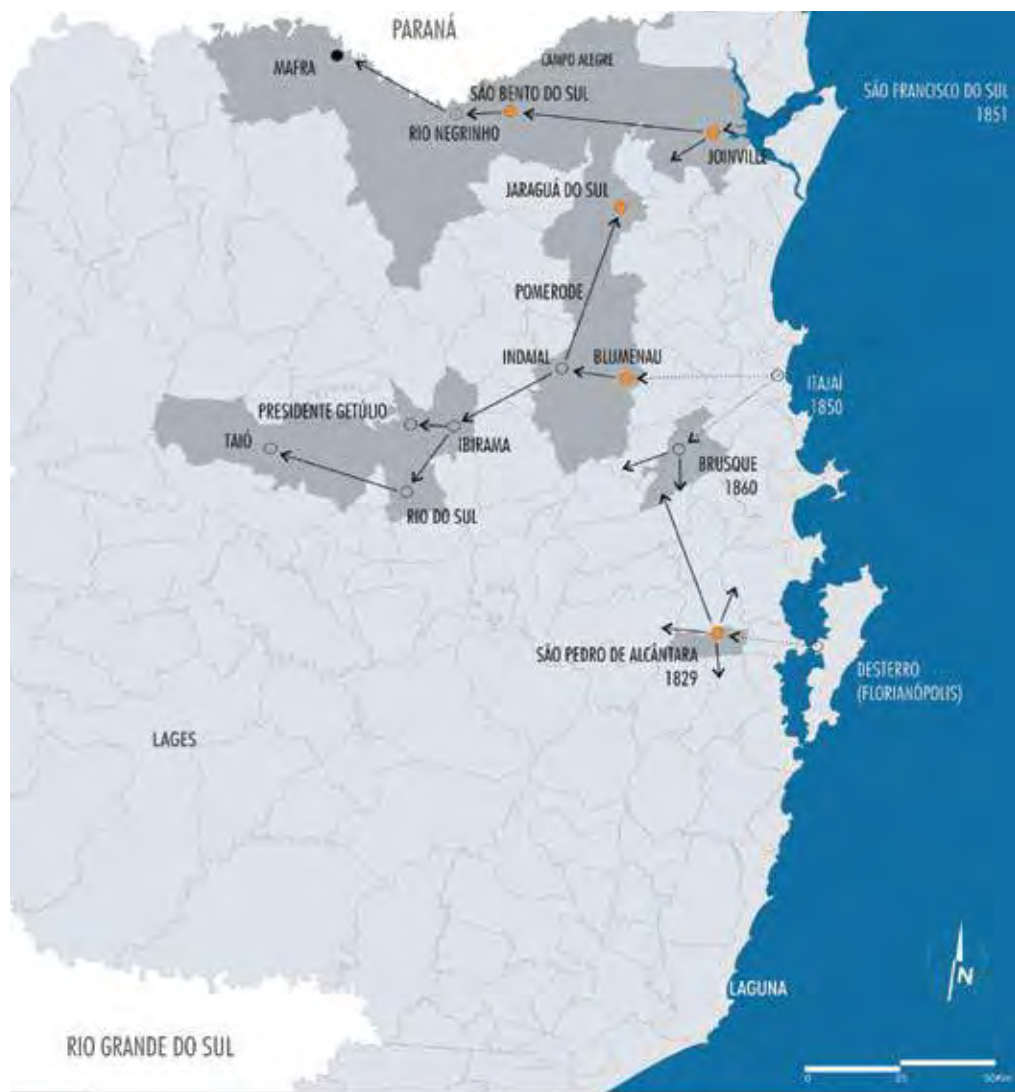
### LEGENDA

- 1 - Colônia São
- 2 - Colônia Dona Francisca
- 3 - Colônia São Bento do Sul
- 4 - Colônia Lucena
- 5 - Colônia Blumenau
- 6 - Colônia Luís Alves
- 7 - Sociedade Colonizadora Hanséatica (Hansa)
- 8 - Colônia Brusque (Itajai-Brusque)
- 9 - Colônia Nova Ericeira
- 10 - Colônia Militar Santa Tereza
- 11 - Colônia Nova Itábia
- 12 - Colônia Leopoldina
- 13 - Colônia Angelina
- 14 - Colônia São Pedro
- 15 - Colônia Santa Izabel
- 16 - Colônia Teresópolis
- 17 - Colônia Grão Pará
- 18 - Colônia Azambuja
- 19 - Colônia Urussanga



Mapa baseado no livro *A Colonização de Santa Catarina* de Walter Piozzo





Mapa baseado no livro *A Colonização de Santa Catarina* de Walter Pizzato

## A COLÔNIA SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

A experiência pioneira com colonos não-lusitanos ocorreu com imigrantes alemães, durante o reinado de Pedro I, nas margens da estrada que ligava a Ilha de Santa Catarina à vila de Lages. A escolha do local se deu por razões estratégicas, para reforçar o posto avançado da vila de Lages, criada, em 1766, como sentinela lusitana na divisa oeste do Brasil.

Em 1828 chegaram os primeiros 523 alemães, originários principalmente de Bremen. A eles se juntaram 112 soldados da Legião Alemã, desengajados no Rio de Janeiro. Despachados pelo Inspetor da Colonização Estrangeira, monsenhor Pedro de Miranda Malheiros, chegaram ao porto do Desterro 635 pessoas, 276 no navio Luiza – em 7 de novembro – e 359 no Marquês de Viana – no dia 12 do mesmo mês. A eles se juntaram, em novembro de 1829, 50 colonos transportados pelo brigue Lucinda, quase todos soldados do 28º Batalhão da Corte e, em dezembro de 1830, mais nove pessoas, pelo bergatim Santa Catarina.

A colônia era um empreendimento oficial, bancado pelo governo, a quem caberia receber os imigrantes, oferecer os lotes e garantir-lhes a sub-

sistência até a terra suprir o sustento da família, e sofreu com o momento político conturbado. A imperatriz morrera, o imperador abdicaria poucos anos depois e o período de regência descuidou do projeto. O Governo da Província procurou remediar, mas tinha poucas condições para tanto.

Os colonos esperaram longamente pela demarcação dos lotes, e o pagamento das diárias demorou a ser honrado. Houve tumultos, causados pelos antigos soldados, que aos poucos deixaram a região. Os produtos eram comercializados com os viajantes que percorriam a estrada, ou levados às costas, e comercializados em Desterro ou São José. As famílias enfrentaram as adversidades comunitariamente e, em poucos anos, todas possuíam porcos, vacas de leite e cavalos.

A baixa qualidade de parte das terras e as dificuldades no comércio dos produtos fizeram muitos colonos procurar outras áreas. O núcleo estendeu-se para a bacia do Rio Biguaçu, onde lançaram-se os alicerces de Antônio Carlos, e para a do Rio Cubatão, mais próximo a Caldas da Imperatriz. Mas a Colônia progrediu, e a região atualmente é das mais harmônicas de Santa Catarina.

A colônia era um empreendimento oficial, bancado pelo governo, a quem caberia receber os imigrantes, oferecer os lotes e garantir-lhes a subsistência até a terra suprir o sustento da família, e sofreu com o momento político conturbado.

## O PERÍODO REGENCIAL

Os empreendimentos coloniais estabelecidos na fase das Regências lutaram contra problemas sérios. Walter Piazza afirma que após a abdicação de D. Pedro I, a 7 de abril de 1831, e o início do Período Regencial, instaurou-se uma fase de xenofobia, em que estrangeiros eram mal vistos e mal recebidos. Mas a província de Santa Catarina era uma exceção.

Valendo-se de documento do Regente Diogo Antônio Feijó, de 1834, autorizando despesas com transporte e manutenção de imigrantes, foram promulgadas em 1835 leis que criaram duas colônias no Rio Itajaí-Mirim. E em 1836 a Lei nº 49 autorizou “a colonização por empresas, quer por companhias, quer individualmente, tanto a nacionais, como a estrangeiros”. Nessa lei se basearia, mais tarde, a Colônia Nova Itália. A Lei nº 79, de 1837, assim como a nº 142, de 1840, também se referem à colonização.

Em 1837 o tenente coronel José Joaquim Machado de Oliveira, presidente da Província, fundou a Colônia Vargem Grande, na margem do Rio Bugres, afluente do Cubatão. Em 1842 saem da Colônia São Pedro de Alcântara colonos rumo à

Colônia Itajaí, na frente pioneira que facilitará a fundação da Colônia Blumenau e a ocupação definitiva do Vale do Itajaí-Açu.

Outros partiram em direção à Colônia Santa Isabel, fundada em 1847, e daí, pelo caminho das tropas, adentraram em outros vales. Alcançaram as nascentes dos formadores do rio Itajaí do Sul e, em suas margens, o Governo Imperial instalou a Colônia Militar de Santa Teresa, em 1854.

A Lei nº 11, de 5 de maio de 1835, estabelecia a fixação de duas colônias, de nacionais e de estrangeiros, nos rios Itajaí e Itajaí-Mirim. Foram assim implantados os arraiais de Pociño, no Rio Itajaí-Açu, e do Tabuleiro, no Itajaí-Mirim. A mesma lei ainda estabelecia a criação de outros dois arraiais, um no Ribeirão Conceição e outro em Belchior.

Em 1836, 186 colonos provenientes da Ilha de Sardenha chegaram à província para efetivar a Colônia Nova Itália, no vale do Tijucas. Era uma ligação entre o Vale do Maruí, onde ficava São Pedro de Alcântara, e os habitantes do Rio Tijucas, interligando-se, mais tarde, também com a Colônia Brusque.

## SANTA CATARINA NO SEGUNDO IMPÉRIO

Novo surto colonizador deflagrado a partir de meados do século XIX, decorrente da posse de D. Pedro II como imperador, se refletirá na Província de Santa Catarina pelo estabelecimento de várias colônias. A legislação provincial foi incrementada pela Lei nº 234, de 31 de março de 1847, que dispunha sobre a instalação de imigrantes alemães recém-chegados. Data também desse período – 1850 – a “Lei de Terras”, um importante estímulo à colonização.

Nesse contexto, marcado pela pacificação política ocorrida depois de decretada a maioridade do imperador, e principalmente após o término da Guerra do Paraguai, instalaram-se algumas das mais representativas colônias de imigrantes. Deram origem a núcleos urbanos prósperos, como foi o caso das colônias Blumenau e Dona Francisca, e também a alguns núcleos fracassados, como as colônias do Saí e da Piedade.



## COLÔNIA BLUMENAU

É um dos mais importantes núcleos coloniais de Santa Catarina e do Brasil. Sua implantação resultou em uma das regiões mais prósperas do estado, atualmente subdividida em numerosos municípios, nos quais prevalecem as especificidades culturais, os altos índices de industrialização urbana e as pequenas propriedades rurais.

**Dr. Blumenau e a fundação da colônia** – A Colônia Blumenau é fruto do empenho e visionarismo do Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Nascido em 1819, Blumenau era o mais novo de seis filhos. Em 1836, interrompeu os estudos por ordem do pai e tornou-se aprendiz de Farmácia. Associou-se a uma fábrica de produtos químicos, esteve em Londres e, na volta, matriculou-se num curso de Química. Em 1846 defendeu tese sobre alcalóides.

Travou relações com o naturalista Von Martius, que percorrera o Brasil anos antes, e com

Alexander von Humboldt. Em Londres, conheceu o cônsul geral do Brasil na Prússia, João Jacob Sturtz, que transmitiu a Blumenau sua admiração pelas terras brasileiras. Blumenau, que já cogitava transferir-se para algum país da América (Estados Unidos, Brasil ou Chile), entusiasmou-se.

Sete dias após sua formatura, em 30 de março de 1846, Blumenau partiu para o Brasil. Fazendo escala na Corte, fez contato com autoridades. Visitou o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde apresentou planos concretos e viajou, a pé, de Desterro até Itajaí, empolgando-se com a região. Constituiu sociedade com o comerciante Fernando Hackardt, com quem subiu, em janeiro de 1848, o Rio Itajaí-Açu, passando pelos vários estabelecimentos já existentes em suas margens, como a Fazenda das Flores, a Colônia Belga, Pocinho e Belchior.

Blumenau dirigiu à Assembleia Provincial uma proposta para a colonização das terras recém-

### Ingresso de Imigrantes na colônia Blumenau

1850 - 1859

Ano	Imigrantes entrados	Total populacional
1850	17	-
1851	8	-
1852	110	-
1853	28	-
1854	146	-
1855	34	264
1856	204	498
1857	199	-
1858	82	-
1859	29	943

Fonte: PIAZZA, Woller. Santa Catarina: sua história.

Mapa da Colônia Blumenau, de 1864  
Fonte: Arquivo Histórico Nacional





Antiga Rua XV de novembro. Imagem: Edição comemorativa do Centenário de Blumenau, 1950

visitadas, na qual a Sociedade Protetora, de Hamburgo, se obrigava a trazer agricultores alemães e se regulamentavam as obrigações das partes. A Assembleia rejeitou a proposta. A decisão negativa e a dissolução da Sociedade Protetora foram um golpe, porém ele organizou uma empresa particular com Hackardt, a Blumenau & Hackardt, que comprou uma gleba de terras nas imediações do Ribeirão Garcia, onde operaria com agricultura e indústria. Então partiu para a Alemanha em busca de apoio e de gente, deixando o sócio providenciar o necessário às acomodações dos primeiros colonos.

Na Alemanha, Blumenau encontrou campanhas contra a emigração ao Brasil, promovidas especialmente por outros países interessados em receber alemães. Além disso, soube que a fundação Kolonisations-Verein von 1849, em Hamburgo, recebera por doação, com a ajuda do governo brasileiro, 12.800 hectares de terra do dote da Dona Francisca, Carolina Joana de Bragança, irmã de D. Pedro II, casada com o Príncipe de Joinville François Ferdinand Phillippe. Tais terras ficavam próximas às de Blumenau e certamente concorreriam no aliciamento de imigrantes.

Com dificuldade, reuniu 17 pioneiros para iniciar sua colônia. A viagem de volta foi turbulenta, com

calmarias e tempestades. Na chegada ao Brasil, recebeu notícias ruins. O pai morrera duas semanas após o seu embarque, a moça com quem almejava casar respondeu negativamente a sua investida e Fernando Hackardt dizia-lhe, por carta, querer desfazer a sociedade. De volta às margens do Itajaí para receber os imigrantes, encontrou o núcleo desamparado.

Seguiu sozinho com o empreendimento. Procurou a ajuda do Governo Imperial, de quem obteve apenas promessas. Um amigo lhe emprestou dinheiro. Em condição de quase desespero, recebeu o primeiro grupo de colonos, poucos dias depois de seu regresso.

**1ª fase** – Colônia Privada (1850 a 1859) – Os recém-chegados eram protestantes luteranos, a maioria homens, de vinte e poucos anos e solteiros. As duas exceções eram as famílias Friedenreich e Kohlmann. Estavam acostumados à vida mais ou menos cômoda das cidades alemãs. Fora dois ou três lavradores, o resto possuía outra profissão. Mesmo assim, todos deveriam trabalhar na terra.

Dos dezessete chegados à Colônia, apenas o casal Friedenreich com suas duas filhas e o charuteiro Frederico Riemer, provenientes da Prússia, se estabeleceram. O restante tomou



outro rumo. Alguns se mudaram para colônias nas imediações e outros seguiram para o Rio de Janeiro ou São Paulo.

Em 1851, apenas oito imigrantes entraram na colônia. A metade acabou por abandoná-la aos poucos, e dois morreram afogados. A demarcação dos lotes urbanos e rurais se iniciou em 1852, quando a colônia recebeu 110 novos colonos. Nesse ano, contava, segundo José Ferreira da Silva, com um médico, um professor, um jardineiro, um alveitar, um ferreiro, um espingardeiro, um torneiro, dois alfaiates, dois sapateiros, um pedreiro-escultor, um covoqueiro, três marceneiros, um construtor de engenho, um moleiro, dois carpinteiros e um tanoeiro. Os demais eram agricultores.

A variedade de profissionais refletia a preocupação de Blumenau com o futuro e a sustentabilidade da colônia. Também planejava servi-la de bons caminhos, e as ligações terrestres rumo ao litoral, até Itajaí, e rumo ao planalto serrano, até Lages, foram, durante muito tempo, uma meta. Muitas foram as tratativas de Blumenau com o Governo Imperial, que lhe deveria viabilizar recursos para as obras de infra estrutura. Sua execução, porém, levou anos.

O primeiro decênio da Colônia Blumenau foi de desenvolvimento lento. A escassez de recursos, as enchentes, os ataques de “bugres”, a dificuldade de trazer mais imigrantes e a concorrência exercida pela Colônia Dona Francisca foram fatores que levaram Blumenau a pedir à Corte que lhe comprasse as terras. As negociações culminaram com a assinatura de um acordo a 13 de janeiro de 1860.

**2ª fase – Colônia Imperial (1860 a 1882)** – A partir da assinatura do acordo, todas as terras que Hermann Blumenau possuía no Rio Itajaí – com exceção dos sítios da Velha, da Ponta Aguda e do Salto – passaram ao domínio do Governo Imperial, que lhe pagaria 120 contos de réis. Deste valor, abater-se-iam 85 contos de

que o governo já era credor. Além disso, Blumenau deveria permanecer à frente dos negócios, como diretor da colônia.

A imigração intensificou-se e houve necessidade de expandir os domínios da colônia. Blumenau queria seguir na direção da Serra do Mar, nos limites da Dona Francisca. A ligação teria sido acordada entre a direção das duas colônias perante o Governo Imperial. Blumenau, porém, queixava-se do descumprimento do acordo por parte da direção da Dona Francisca que, ao invés de orientar a demarcação de lotes ao sul, requerera extensões a oeste, rumo aos núcleos coloniais de São Bento do Sul.

Seguindo o curso dos rios que deságuam no Itajaí-Açu, a colonização esparramou-se pelo Rio do Testo e seus afluentes, originando os municípios de Pomerode e Indaial, seguidos por Timbó, Rodeio e Rio dos Cedros. Os dois últimos receberam, em 1875, uma leva de imigrantes italianos e tirolezes. A influência italiana refletiu-se na arquitetura, na religião, nos hábitos alimentares e em outros planos da cultura local.

Em 1869, a Colônia Blumenau já contava com mais de 5.800 habitantes. A Sede da Colônia, onde fica a cidade de Blumenau, contava com 556 pessoas. A ocupação seguiu a passos tímidos até 1875, quando houve aumento de 1.129 novos imigrantes, a maioria do Tirol austríaco, de fala italiana e alemã. O resultado foi o povoamento da “colônia italiana”, com comunidades em Rio dos Cedros, Acurra, Aquidabã e Rodeio.

A Colônia tinha sido elevada à categoria de Freguesia em 1873. Em 4 de fevereiro de 1880, tornou-se município, e o decreto de 20 de abril do mesmo ano determinou a sua emancipação, levada a cabo em 18 de março de 1882. Acabava aí a atuação de seu fundador. Blumenau voltou à Alemanha, deixando para sempre o estabelecimento a que dedicara 30 anos de sua vida. Morreu em 30 de outubro de 1899.

## O ILUSTRE FRITZ MÜLLER

Dentre os personagens ilustres da imigração, é obrigatória a inclusão do naturalista Fritz Müller. Conta Ferreira da Silva que, quando lecionava em Erfurt, Müller conheceu “um jovem, como ele doutor em filosofia, bastante culto e simpático, grande admirador da natureza e entusiástico apologista da emigração alemã para o Brasil. Chamava-se Hermann Blumenau...”. Em 1952, quando tomou conhecimento da fundação da colônia de Blumenau, Müller resolveu emigrar, acompanhado da mulher e do irmão, Augusto.

Os Müller foram de grande valia ao Dr. Blumenau, que os admirava, embora não aceitasse sua pouca religiosidade. Talvez por isso, Blumenau sugeriu o nome do naturalista para lecionar no Liceu em Desterro. Müller relutou em aceitar, pois adaptara-se à vida simples de colono, enquanto se correspondia com cientistas como Darwin.

Nos anos que passou na atual Florianópolis, incumbiu-se pessoalmente na educação de suas sete filhas, compondo versos para suprir o material didático, além de ocupar-se na publicação das pesquisas e, na pródiga correspondência, sempre manteve o objetivo de voltar para a colônia. Conta-se que o Presidente da Província costumava assistir algumas de suas aulas.

Fritz Müller obteve reconhecimento científico em vida: em 1868, a Universidade de Bonn conferiu-lhe o título de Doutor honoris causa; em 1874, foi nomeado sócio-correspondente da Sociedad Zoológica Argentina; no mesmo ano, recebeu o título de Doutor honoris causa da Universidade de Tuebingen; em 1884, foi escolhido sócio-correspondente da Sociedad Nacional de Ciencias de Buenos Ayres e tornou-se sócio honorário da Entomological Society, de Londres.

Morreu em Blumenau, onde está sepultado, em 1897, aos 75 anos de idade.



## COLÔNIA DONA FRANCISCA

O fato de ter sido a primeira colônia implantada em terras dotais, ou seja, glebas cedidas como dotes de princesas brasileiras casadas com nobres europeus, fez, desde o início, a diferença da Colônia Dona Francisca. Ela foi, junto com a Colônia Blumenau, um dos núcleos coloniais mais importantes de Santa Catarina e do Brasil.

**Criação da Colônia** – Até meados do século XIX, restavam vastas porções de terras desocupadas no sul do Brasil, particularmente na Província de Santa Catarina. Grandes porções dessas áreas, consideradas devolutas – e, portanto, propriedade da Coroa – foram incorporadas aos dotes das princesas, filhas de D. Pedro I.

Quando a princesa Francisca Carolina se casou, seu marido, o príncipe de Joinville, recebeu uma gleba de “25 léguas quadradas de três mil braças de terras devolutas, que poderiam ser escolhidas nas melhores localidades da Província de Santa Catarina”. Após o casamento, em 1843, o casal foi residir na França (o príncipe era filho do monarca francês), onde a realeza, depois da revolução francesa, sustentava-se precariamente, apoiando-se nas tropas estrangeiras estacionadas em seu território.

Em 1848, toda a família real exilou-se na Inglaterra. A situação econômica do casal era precária e o príncipe resolveu se desfazer de parte das terras. Em 1844, havia nomeado representante para escolher as terras e tomar posse em seu nome. Era Louis François Léonce Aubé, que percorreu a Província e escolheu a região da atual cidade de Joinville, cujos limites foram demarcados por Jerônimo Coelho – este considerado, por Oswaldo Cabral, em sua *História de Santa Catarina*, o mais ilustre catarinense do século XIX.

Em 1849, Aubé negociava na Inglaterra, em nome do príncipe, a cessão de oito léguas de suas terras em Santa Catarina. O contrato foi assinado

com o senador Christian Mathias Schroeder, rico comerciante de Hamburgo, dono de navios e com agência no Rio de Janeiro. Previa, entre outras cláusulas, a obrigatoriedade de introduzir 1.500 imigrantes em cinco anos.

O senador constituiu, então, a Sociedade Colonizadora de 1849, em Hamburgo. Ato contínuo, contratou o engenheiro Hermann Guenther, que chegou à colônia ainda em 1849, para tratar das providências necessárias à recepção dos imigrantes. Ocorreram problemas. Segundo Apolinário Ternes:

“A inevitável falência do empreendimento liderado pelo senador Mathias Schroeder começou a ser contornada a partir de 1º de fevereiro de 1851, portanto, apenas 37 dias antes da chegada do veleiro ‘Colon’. Naquele dia desembarcava aqui o filho do senador hamburguês, Eduard, que em visita à filial da empresa do pai no Rio de Janeiro, tomou conhecimento da chegada próxima dos primeiros imigrantes e decidiu inspecionar pessoalmente o local em que se iniciaria a colônia. [...] Eduard desembarcou no porto de São Francisco, acompanhado

### Ingresso de Imigrantes na colônia Dona Francisca

1851 - 1881

Ano	Crescimento pela entrada de imigrantes	População real
1851	399	-
1857	1713	1428
1860	3266	2885
1865	4792	4275
1870	-	6452
1874	-	7860
1881	-	19445

fonte: PIAZZA, Walter. Santa Catarina: sua história.



por um amigo, o médico suíço Dr. Koestlin, que permaneceria aqui por sete semanas e presenciaria o desembarque dos pioneiros de 9 de março”.

Eduard Schroeder verificou que serviços indispensáveis haviam sido negligenciados. Demitiu o engenheiro encarregado e desenvolveu febrilmente os preparativos para receber os imigrantes. Finalmente, em 9 de março de 1851, desembarcam os 192 pioneiros, vindos no “Colon” e nos patachos brasileiros que traziam 74 noruegueses inicialmente destinados aos Estados Unidos.

Os acontecimentos sucederam-se em ritmo forte. O próprio perfil dos imigrantes começou a mudar com a chegada de “capitalistas e empregadores”, que se somaram aos pioneiros, em sua maioria agricultores e pequenos prestadores de serviços. Fundamental foi o início da construção da “estrada da serra”, como fonte de trabalho e entrada de capital para a colônia, interligando-a mais tarde com o ciclo da erva-mate.

Mas custos e dificuldades também eram crescentes, e a Sociedade passou por momentos delicados. Auxiliou-a o príncipe, que decidiu investir nas terras que reservara para si. Personagens como Ottokar Doerffel (que encabeçou as iniciativas culturais, foi membro da direção da colônia, Cônsul de Hamburgo e pai da imprensa de Joinville) foram essenciais na superação dos problemas.

O início do ciclo da erva-mate trouxe o alento definitivo, reforçado pelas oportunidades surgidas com a eclosão da Primeira Grande Guerra Mundial, quando a produção industrial local teve que substituir os produtos que os exportadores tradicionais, envolvidos no conflito, não podiam suprir. Desde então, a cidade teve crescimento populacional e econômico contínuo, tornando-se o município de maior população, dono do mais importante e diversificado pólo industrial de Santa Catarina.

Primeira vista de Joinville, antes da fundação. Desenho de 1850. Xilogravura publicada na “*Illustrierte Zeitung*” de 1851. Imagem: FICKER, Carlos. *História de Joinville – subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*





São Bento do Sul, bairro de Oxford e panorâmica do centro, em 1920.  
Fonte: Portal SBS



## COLÔNIA SÃO BENTO

**E**xtensão da Colônia Dona Francisca, a atual cidade de São Bento do Sul é consequência do grande empreendimento que foi a ligação do litoral com o planalto norte de Santa Catarina, abrindo-se o caminho da Estrada da Serra, hoje conhecida como Estrada Dona Francisca. Sua construção foi estratégica para a colônia, pois possibilitou, mais tarde, o comércio e o beneficiamento da erva-mate, e criou, durante anos, alternativas de trabalho para os imigrantes, dando-lhes meios de subsistência até que pudessem tirar o sustento da terra.

Alcançado o planalto, foi possível contornar problemas populacionais já existentes na Dona Francisca. Também se abriu um novo estoque de terras férteis, valorizadas pelo clima e pela maravilhosa

paisagem da região, que atraíram imigrantes de várias regiões, em especial, segundo Walter Piazza, “do Império Austro-Húngaro, quer fossem austríacos, tchecoslovacos, pomeranos, galicianos (poloneses), ou, ainda, dinamarqueses”.

Segundo Carlos Ficker, os 70 “pais de famílias” enviados ao alto da serra levaram “dois dias de penosa viagem, transportando as suas ferramentas, sementes e mantimentos em lombo de burro”, para alcançar o local onde se iniciou, a 22 de setembro de 1873, a nova Colônia São Bento. São Bento do Sul desenvolveu-se recebendo levas contínuas de imigrantes, inclusive poloneses, e hoje é um dos municípios catarinenses mais ricos em patrimônio cultural.

## O INCREMENTO ITALIANO A PARTIR DE 1875

Com a assinatura, em 1874, do Contrato Caetano Pinto, que propunha introduzir na província, no período de dez anos, 100 mil imigrantes, grandes levas de italianos começaram a chegar a Santa Catarina. Foram inicialmente estabelecidos às margens das colônias existentes, especialmente Blumenau e Brusque. Posteriormente, novas colônias foram estabelecidas às margens do Rio Tijucas e no sul catarinense.

### ITALIANOS NO VALE DO ITAJAÍ

**Rio dos Cedros** – Os primeiros trentinos aportaram em Itajaí em dezembro de 1874. Daí rumaram à Colônia Blumenau, de onde foram transportados até as margens do Rio dos Cedros, seguindo a Estrada Pomeranos. Com a rápida ocupação da região, transpuseram o divisor de águas, em direção aos afluentes do Itapocu. Outra leva de imigrantes, chegada entre 1875 e 1876, povoou a Picada Tiroleses, formando a base do atual município de Rio dos Cedros.

**“Picada de Rodeio”** – A área situada além da confluência entre os rios Benedito e Itajaí-Açu recebeu, a partir de 1875, levas de trentinos e de imigrantes provindos de Verona, Cremona, Brescia, Treviso e outras áreas da península itálica. As primeiras 120 famílias, originárias da região de Trento, aportaram em Itajaí em agosto de 1875.

**Ascurra** – Imigrantes oriundos da Lombardia e do Vêneto fixaram-se a partir do final de 1876 às margens do Ribeirão São Paulo e do Rio Guaricanas, nas proximidades do Rio Itajaí-Açu. Deram origem a Ascurra, um dos municípios mais marcadamente influenciados por imigrantes italianos.

**Apiúna** – O atual município de Apiúna foi formado a partir do deslocamento de famílias provenientes de Rio dos Cedros, Rodeio e Ascurra, que decidiram rumar mais para oeste, a partir de 1878, Itajaí-Açu acima, até as encostas da Serra Geral.

Mais tarde, alemães e poloneses juntaram-se a esses pioneiros italianos originais.

**Colônia Luís Alves** – A demarcação dos primeiros lotes dessa colônia iniciou-se em dezembro de 1876, quando uma comissão encarregada de discriminar as terras públicas no município de Itajaí rumou para o Rio Luís Alves. O povoamento teve início em novembro de 1877, com a chegada de italianos, austríacos e alemães, distribuídos às margens dos rios Luís Alves, Braço do Norte e do Ribeirão Máximo. Colonos nacionais complementaram a ocupação da colônia.

### REGIÃO SUL DO ESTADO

Visto o excedente de italianos que chegava à província desde 1875, o Governo Imperial abriu novas frentes de expansão colonial em terras até então inexploradas, às margens do Rio Tubarão, no sul de Santa Catarina.

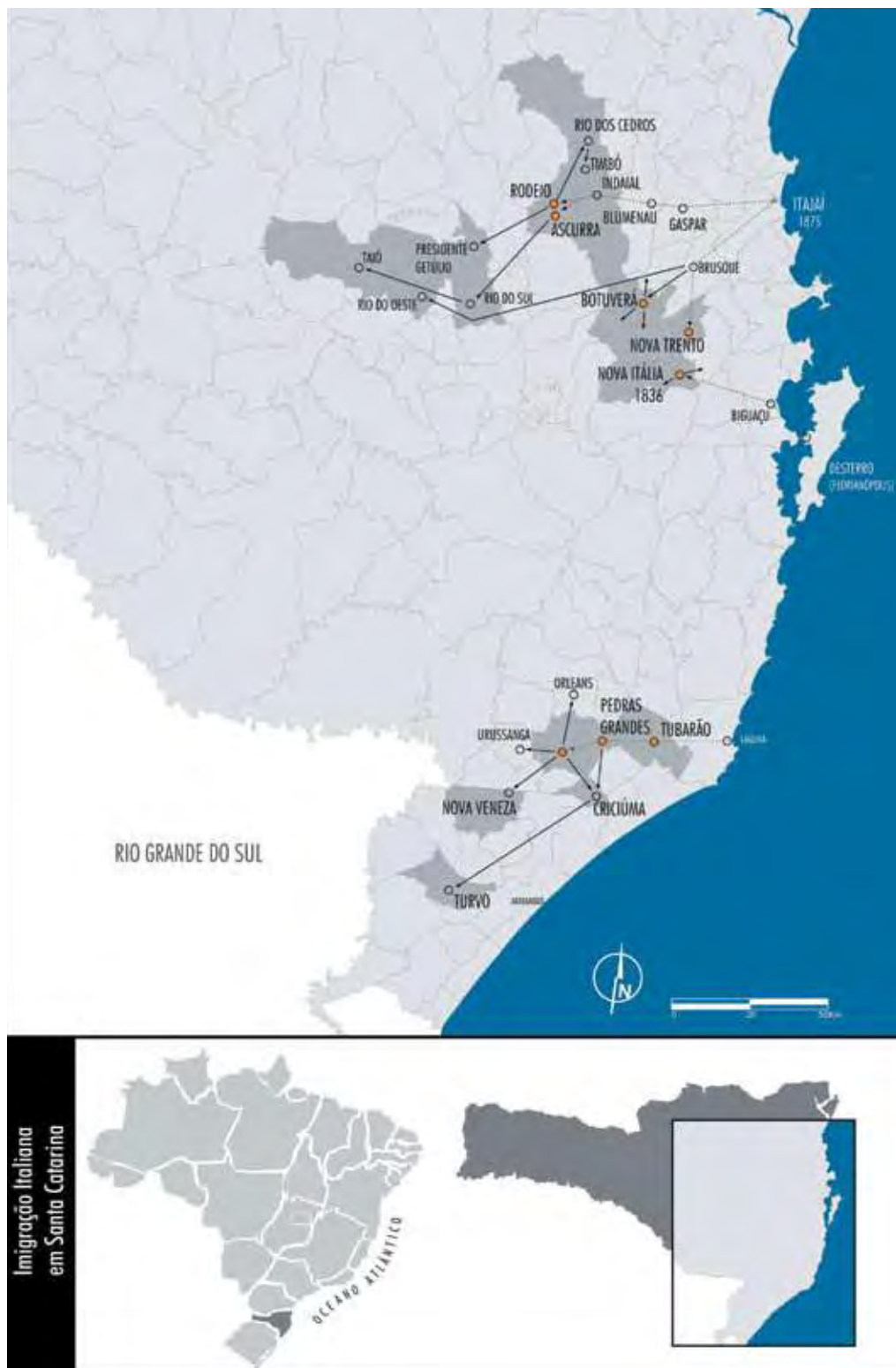
**Colônia Azambuja** – A demarcação foi iniciada em janeiro de 1877. Em abril chegaram os primeiros imigrantes que, na confluência do Rio Pedras Grandes com o Tubarão, fundaram a Colônia Azambuja. Daí se abriram caminhos vicinais, ao longo do Rio Pedras Grandes e de seus afluentes. Em 1878, novos grupos de imigrantes foram levados do vale do Tubarão para o Rio Urussanga, onde instalou-se uma sede secundária. Outros núcleos foram acrescidos posteriormente: Treze de Maio, Acioli de Vasconcelos e Criciúma. Com o crescimento demográfico, o chefe da comissão de demarcação de terras, engenheiro Vieira Ferreira, propôs a emancipação da colônia, efetivada em 31 de dezembro de 1881.

**Colônia Grão-Pará** – No Vale do Rio Tubarão, as terras da Colônia Grão-Pará faziam parte do dote matrimonial da princesa Isabel, que se casara com o príncipe Gastão d’Orleans (Conde d’Eu) em 1864. Através de contrato assinado com Joaquim









Mapa baseado no livro *A Colonização de Santa Catarina* de Walter Pizzato



Caetano Pinto Júnior, em 1881 iniciaram-se os trâmites para a efetivação da colônia, que recebeu os primeiros imigrantes, vindos de Gênova, em 1883. Eram 22 famílias, perfazendo 132 pessoas. A colônia tornou-se distrito de Tubarão, em 1888.

**Colônia Jaraguá** – Às margens do Rio Itapocu, as terras destinadas à Colônia Jaraguá também eram parte do dote da princesa Isabel. A medição do patrimônio da princesa iniciou em 1872 e, em 1879, chegaram os primeiros alemães, via Colônia Dona Francisca. Depois, chegaram italianos reimigrados da Colônia Blumenau, especialmente de Rio dos Cedros.

### ESLAVOS EM SANTA CATARINA

A história dos povos eslavos, que até 960 d.C. inexistiam de forma coesa, é marcada por sucessivas separações e unificações, determinadas, muitas vezes, por tensões religiosas. As fragmentações se iniciaram com a divisão do Império Romano, no ano de 395 d.C., em Império Romano do Ocidente, vinculado a Roma, e Império Romano do Oriente, de cultura grega, vinculado a Constantinopla e à Igreja Ortodoxa. A Rússia foi sempre o estado central, com pretensões hegemônicas sobre o conjunto dos povos eslavos. A Polônia só surgiu entre 960 e 992 d.C., e em 966 foi convertida ao catolicismo romano, cuja profissão e preservação da fé, ao longo dos tempos, fortaleceu-se a ponto de mesclar-se com as razões de estado.

Entre 1772 e 1795, a Polônia foi dividida entre a Prússia, a Rússia e a Austro-Hungria, e somente após a I Guerra Mundial começaram a surgir os novos estados desmembrados dos impérios centrais. Polônia e Ucrânia passaram a existir definitivamente como estados-nação a partir de 1918.

A imigração de eslavos para o Brasil se deu a partir de 1890. Mesmo provenientes de regiões com culturas diversas, poloneses e ucranianos foram, no início, genericamente registrados como russos ou alemães, devido à condição política de seu território. Pode-se dizer que em todo o norte

de Santa Catarina, incluindo parte da região nordeste, é mais marcante a presença do patrimônio cultural relacionados aos imigrantes eslavos.

**Poloneses** – Desde 1869 até 1934, mais de 100 mil poloneses se fixaram no Brasil, sendo os estados do Paraná e Rio Grande do Sul os que receberam a maior parte do contingente (49.415 e 41.513, respectivamente). Santa Catarina acolheu 6.350 poloneses, e o restante (aproximadamente 8 mil) distribuiu-se por outros estados.

Santa Catarina foi o estado meridional que recebeu a menor cota de poloneses, estabelecidos, na maioria das vezes, às margens de colônias alemãs e italianas já existentes, ou chegados ao norte do estado, provenientes do Paraná. O primeiro grupo chegou ao porto de Itajaí em agosto de 1869, proveniente da alta Silésia. Eram 80 pessoas, que se estabeleceram na colônia Príncipe Dom Pedro, atual município de Brusque, na linha Sixteen Lots, abandonada por irlandeses. Esse grupo migrou, em 1871, para Curitiba.

A segunda leva destinada à Colônia Itajaí veio em 1875. Entre 1888 e 1890, chegaram novos imigrantes da região de Tomaszov e Lódz, importantes centros têxteis da Polônia, o que contribuiu para o desenvolvimento da atividade têxtil da região. A partir de 1873, e em 1875 e 1878, ingressaram os primeiros poloneses na região de São Bento do Sul. Em 1880, iniciou-se a colonização polonesa no norte do Estado, no município de Papanduva, e, em 1882, um grupo estabeleceu-se na localidade de Pinheirinho, atual Jacinto Machado.

Em 1890, chegaram as primeiras famílias polonesas a Criciúma, no sul do estado, fixando-se nas localidades de Linha Batista, Linha Cabral e Linha Anta. Muitos imigrantes vieram por volta de 1891-92 no município de Grão-Pará. A presença polonesa já era sentida desde 1887 na atual cidade de Orleans.

**Ucranianos** – Cerca de 20 mil ucranianos desembarcaram em terras brasileiras entre os anos de 1895 e 1897. A maior parte dirigiu-se para o Paraná, estabelecendo-se nos arredores de Curitiba.



Imigração Polonesa  
em Santa Catarina

Mapa baseado no livro A Colonização de Santa Catarina de Walter Pizzato



Em Santa Catarina, fixaram-se principalmente nas localidades de Iracema e Moema, que hoje fazem parte do município de Itaiópolis, na antiga Colônia Lucena, onde também foi essencial a presença polonesa.

A imigração ucraniana arrefeceu no começo do século XX, tendo novo surto entre 1908 e 1914, por conta da campanha brasileira por mão de obra para construir a estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Novos núcleos coloniais foram formados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Até 1914, a imigração ucraniana no Brasil totalizava cerca de 45 mil pessoas.

Após a II Guerra Mundial houve nova pausa, sendo que, entre 1947 e 1951, mais de 7 mil ucranianos foram registrados nos portos brasileiros, dirigindo-se, dessa vez, prioritariamente para São Paulo.

### REFLEXOS DA POLÍTICA COLONIZADORA DA 1ª REPÚBLICA

Proclamada a República, para dar maior incentivo à colonização no Brasil, o governo criou várias novas colônias nacionais, pelo Decreto nº 163, de 16 de janeiro de 1890. Os assuntos referentes à colonização passaram a ser responsabilidade do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, e constituiu-se o Serviço de Povoamento do Solo. Em Santa Catarina, os reflexos dessa política logo foram sentidos, pelo incremento da legislação e pela criação de novos núcleos coloniais.

**Colônia Federal Lucena** – Oswaldo Cabral, na sua *História de Santa Catarina*, diz que os primeiros colonos chegaram em 1891 e eram de nacionalidade inglesa, ex-trabalhadores das fábricas de Londres. Depois, chegaram poloneses e alemães, entre outros. A demora na demarcação dos lotes foi um dos problemas iniciais. A situação se agravou com uma enchente, em meados de junho de 1891 e, em seguida, uma epidemia de tifo. Quando receberam os lotes, os imigrantes tiveram que enfrentar os problemas “tradicionais”: moradia precária, trabalho árduo, espera pela primeira colheita e ataques dos índios Xokleng.

**Colônia Nova Veneza** – Foi fundada em 1881, como um “burgo agrícola”, em tarefa executada pela Cia. Metropolitana que, além de Nova Veneza, fez também a medição de Nova Trieste e Antonio Olinto. Recebeu mais de 2 mil imigrantes em 1881, todos italianos. É um dos municípios detentores de significativo patrimônio ítalo-brasileiro.

### A SOCIEDADE COLONIZADORA HANSEÁTICA

Klaus Richter<sup>1</sup>, relata que “A Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo tinha sido a única empresa alemã a se dedicar à introdução de colonos no Brasil. Durante o período principal de suas atividades, de 1850 a 1888, encaminhara 17.408 colonos à Colônia Dona Francisca, em Santa Catarina, fundando os núcleos coloniais de Joinville e São Bento do Sul. A partir de 1890 se tornava evidente que a Sociedade não seria capaz de continuar o seu programa de colonização, a não ser que se fundisse com uma empresa mais abastada”.

Para que a fusão acontecesse, era necessário negociar com empresas interessadas. Disso ficou encarregado Carl Fabri, gerente da Sociedade desde 1887. Em 1891, Fabri entrou em contato com um consórcio de industriais e banqueiros da Renânia e de Berlim, bem como com as autoridades do Reich, em especial os ministros do Interior, da Fazenda e do Comércio. Com o governo, discutiu-se a abolição do Registro von der Heydt, que desde 1859 proibia angariar emigrantes para o Brasil em território prussiano.

Em 1895, após uma visita às áreas de colonização teuta, o embaixador alemão no Brasil, Krauel, emitiu um relatório positivo sobre a situação dos imigrantes. De acordo com ele, os alemães tinham uma forte posição econômica em Santa Catarina, dominando o comércio de importação. Joinville era considerada uma cidade alemã; a língua e a cultura haviam sido preservadas graças às escolas e igrejas.

<sup>1</sup> RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*



Juntava-se às impressões de Krauel a iniciativa da maior companhia alemã de navegação transatlântica, Norddeutsche Lloyd, de Bremen, cuja atividade principal era o transporte de emigrantes. Seu diretor, Heinrich Wiegand, ao visitar vários países do Cone Sul, concluiu que o Brasil era o país mais propício à imigração, onde os colonos poderiam conservar sua cultura e sua língua. Impressionado, o imperador ordenou que se estudassem meios de promover a colonização alemã no Brasil. A Sociedade Colonizadora Hanseática foi finalmente fundada, pela fusão da Sociedade Colonizadora de 1849 de Hamburgo com o consórcio formado pelas principais companhias de navegação da Alemanha, juntamente com grandes casas comerciais.

O novo convênio que estabelecia a base para uma futura colonização em larga escala foi firmado a 28 de maio de 1895, entre o Governo de Santa Catarina, sob a administração de Hercílio Pedro da Luz, e Carl Fabri, como representante da Sociedade Colonizadora de 1849, de Hamburgo. Foram destinadas para tal fim as terras devolutas dos atuais municípios de São Bento do Sul, Blumenau, Curitiba e Lages, além de terrenos do ex-patrimônio do Conde e da Condessa d'Eu no Vale do Itapocu.

Joinville era considerada uma cidade alemã; a língua e a cultura haviam sido preservadas graças às escolas e igrejas.

A expectativa da sociedade era introduzir mil colonos no primeiro ano, e que, passados cinco anos, se chegasse a 6 mil imigrantes por ano.

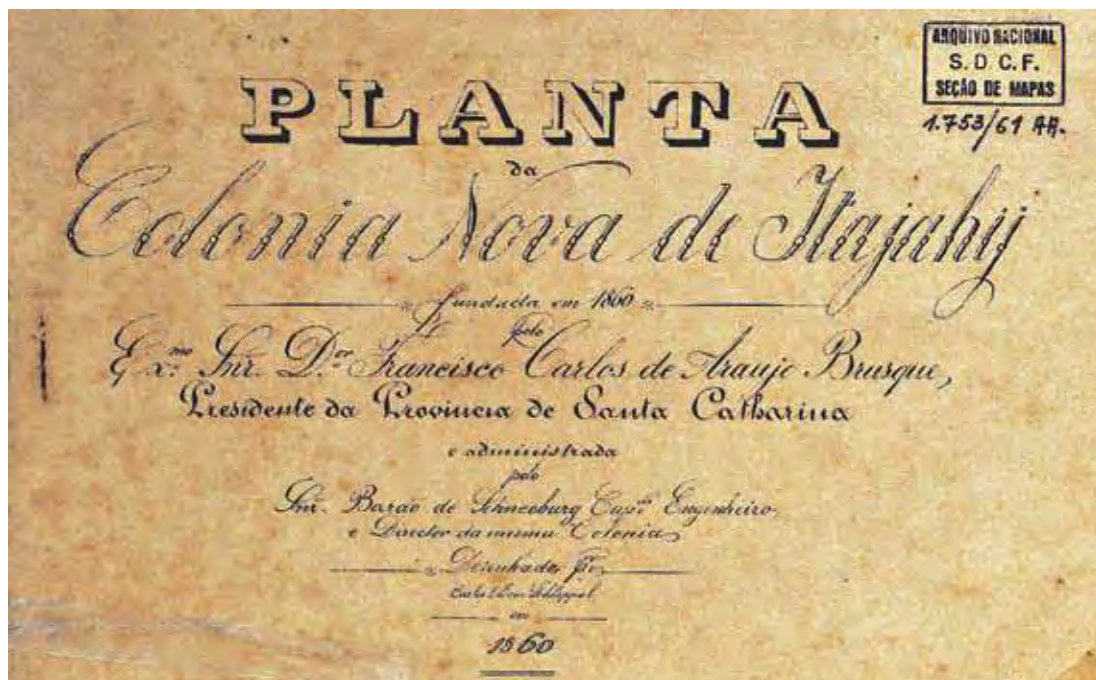
### COLÔNIA HANSA

Para atender ao novo fluxo de imigrantes, estabelecido a partir da criação da Sociedade Colonizadora Hanseática e da assinatura do convênio com o Governo de Santa Catarina, foram criados quatro novos distritos coloniais que, juntos, formavam a Colônia Hansa:

- **Itajaí-Hercílio:** o maior e mais importante, localizado no então município de Blumenau, com sua sede Hammonia (hoje Ibirama);
- **Itapocu,** no então município de Joinville (área que hoje corresponde, em grande parte, a Jaraguá do Sul), com sua sede Hamboldt (hoje Corupá);
- **Sertão de São Bento,** entre Joinville e São Bento do Sul;
- **Piraí,** no ex-patrimônio do Príncipe de Schönburg-Waldenburg, no então município de Joinville.

A expectativa da sociedade era introduzir mil colonos no primeiro ano, e que, passados cinco anos, se chegasse a 6 mil imigrantes por ano. Contrariando as expectativas, em dez anos (de 1897 a 1907) pouco mais de 3.700 colonos deram entrada nos quatro distritos. Em 25 anos, a Sociedade Colonizadora Hanseática não conseguiu introduzir na Colônia Hansa mais que o número de europeus previstos para um ano.

Com o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha na Segunda Guerra Mundial, os bens e as instituições da sociedade em Santa Catarina passaram a ser administrados pelo Governo Federal e foram incorporados ao Patrimônio Nacional em 1946.



Selo da planta de distribuição dos lotes da Colônia Nova de Itajubá, mais tarde chamada de Itajubá-Brusque, “fundada em 1860 pelo Exmo. Sr. Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, Presidente da Província de Santa Catarina”. Imagem: Arquivo Histórico Nacional

## O PODER PÚBLICO E OS EMPREENDIMENTOS MIGRATÓRIOS

Os depoimentos que comprovam a participação do governo do Império e da Província no desenvolvimento das colônias de imigrantes em Santa Catarina são numerosos. A participação iniciava-se no estímulo aos empreendimentos privados, que recebiam quantias relativamente vulgares para introduzir os imigrantes, e prosseguia na contratação dos colonos em obras públicas, de modo a proporcionar-lhes meios de subsistência.

Essas obras, além de garantir o sustento inicial das famílias, foram vitais no desenvolvimento da região, que passou a ser excepcionalmente dotada de estradas e pontes, que puderam ser logo adaptadas quando os veículos mecânicos e as

transformações do século XX colocaram as ligações viárias como imperativas ao crescimento.

Por volta da década de 1920, o prefeito de Blumenau podia afirmar que seu município “era o mais bem servido do Brasil” em estradas de rodagem. A Colônia Dona Francisca, onde estava em jogo a reputação da família real, foi, no dizer de Oswaldo Cabral<sup>2</sup>, “mais que todas as de Santa Catarina a que maior soma de benefícios e importância recebeu”, sendo que a Estrada da Serra foi obra vital no emprego dos colonos recém chegados e no posterior desenvolvimento da colônia.

<sup>2</sup> CABRAL, Oswaldo R. *Histórias de Santa Catarina*







# Características da implantação das colônias

## IMIGRANTES E NATIVOS

O sacrifício exigido dos colonos não foi pequeno, em especial dos pioneiros. A chegada representava invariavelmente um golpe. A rudeza dos ranchos, o tamanho da mata, o calor, o ataque dos insetos, a falta de provisões, a demora na demarcação dos lotes e do pagamento dos serviços, as dificuldades de escoamento das produções, as doenças e epidemias e a ausência de quase tudo o que identificavam como conforto fizeram muitos esmorecerem. A colonização não foi, porém, obra exclusiva dos imigrantes. Além da participação governamental, foi importante a colaboração de antigos moradores.

Walter Piazza<sup>3</sup> faz menção ao homem que teria sido encarregado, quando da instalação da Colônia de São Pedro de Alcântara, da recepção aos colonos recém chegados: “A 8 de outubro de 1807, fora concedida a Silvestre José dos Passos uma sesmaria de 400 braças [...], no termo da freguesia de São José da terra firme. Coube-lhe ‘homem inteligente e último morador, no sertão da estrada projetada da capital a Lages’ a tarefa de estabelecer os colonos alemães recém chegados [...]”.

O Dr. Blumenau igualmente se valeu da ajuda de antigos habitantes do Vale do Itajaí, como o “caboclo” Ângelo Dias, para a exploração e fixa-

ção de sua colônia. E o Barão de Schnéeburg, em correspondência em que relata ao Presidente da Província os primeiros dias de Brusque, enaltece o auxílio de um antigo morador. Assim foi em todas as colônias. Perfeitamente adaptados, esses homens conheciam profundamente o território, seus caminhos e segredos: sabiam quais as árvores que se prestavam para o corte da madeira, como plantar a mandioca, o feijão e o milho, como confeccionar os telhados de sapé.

Por outro lado, as terras consideradas devolutas eram há muito tempo ocupadas por grupos indígenas. No litoral, os Carijós tinham sido praticamente dizimados já nos séculos XVI e XVII. Na faixa entre o litoral e o planalto, permaneciam os Xokleng e os Kaingang. Viviam em grupos de 50 a 300 elementos, percorrendo longas distâncias em busca de alimento.

Arredios, dificilmente eram capturados ou aculturados. Estavam encurralados entre a ocupação mais densa e antiga do litoral e os caminhos do planalto, que ligavam o Rio Grande do Sul a São Paulo. A terra que restava aos Xokleng e aos Kaingang era, justamente, a que fazia parte,

<sup>3</sup> PIAZZA, Walter. *A Colonização de Santa Catarina*

desde 1829 e com mais afinco a partir de 1850, dos projetos de colonização.

Ao colocar nativos e colonos disputando o mesmo espaço, o governo criou uma situação de embate. O imigrante, que pagava por seu lote, era legalmente o dono da terra. Mas os grupos que ali já estavam também o eram, legitimamente. Na medida em que os colonos adentravam florestas ou subiam rios, recorriam à violência para conter os indígenas que, eventualmente, atacavam moradias e plantações. Algumas colônias eram providas de uma Cia. de Pedestres que, com os “bu-

greiros”, perseguia os nativos, que eram mortos ou escorraçados.

A presença do índio está marcada nas regiões onde se fixaram os imigrantes. Muitos lugares fazem referência explícita a ele, através da toponímia (Itapocu, Itajaí-Açu, Itajaí-Mirim, dos Bugres, Itoupava, Timbó, Indaial, Itaiópolis). Algumas terras indígenas, como é o caso da Reserva de Ibirama, estão situadas às margens das antigas colônias, o que permite uma leitura da sua progressiva expulsão – de seus amplos espaços ancestrais para o confinamento.



Retratos dos primeiros tempos nas colônias. A derrubada da mata, a construção das primeiras choupanas de palha e a fixação das famílias no lote marcaram o início de uma nova vida em um novo mundo para muitos imigrantes. Imagem: *Suíços em Joinville – o duplo desterro*, de Dilney Cunha



A vida no campo hoje: muitas propriedades cultivam os produtos para seu auto-sustento, restando pouco excedente para a comercialização







O desenho ilustra com simplicidade a estrutura colonial de Encano, entre Blumenau e Joinville. Nota-se a presença da igreja e dos comércios próximos à estrada principal, a partir da qual partem as estradas que margeiam o Rio Encano, onde estão distribuídos os lotes coloniais. Imagem: publicação comemorativa do Centenário de Blumenau

## RESULTADOS DA IMIGRAÇÃO EM SANTA CATARINA

O fluxo migratório determinou traços econômicos e culturais importantíssimos na região Sul. Em um século, estima-se que o Brasil tenha recebido aproximadamente 5 milhões de imigrantes, a maioria nos estados do Sul e em São Paulo, multiplicando várias vezes o seu contingente populacional. Em Santa Catarina, essa nova situação está expressa no surgimento de cidades que se tornaram pólos de desenvolvimento industrial e populacional.

Duas das três maiores cidades do estado – Joinville e Blumenau – derivam desse processo colonizador. São resultantes das maiores e mais prósperas colônias instaladas em terras catarinenses – Dona Francisca e Blumenau. Criciúma e Jaraguá do Sul, situadas entre as seis cidades catarinenses que possuem hoje um contingente populacional entre 100 mil e 200 mil habitantes e das mais importantes economicamente, são outros núcleos formados a partir da colonização por europeus no século XIX.



A história dos antepassados continua presente nas paredes das casas antigas. Casa Lümke em Pomerode

Em um século, estima-se que o Brasil tenha recebido aproximadamente 5 milhões de imigrantes, a maioria nos estados do Sul, multiplicando várias vezes o seu contingente populacional. Em Santa Catarina, essa nova situação está expressa no surgimento de cidades que se tornaram pólos de desenvolvimento industrial e populacional.

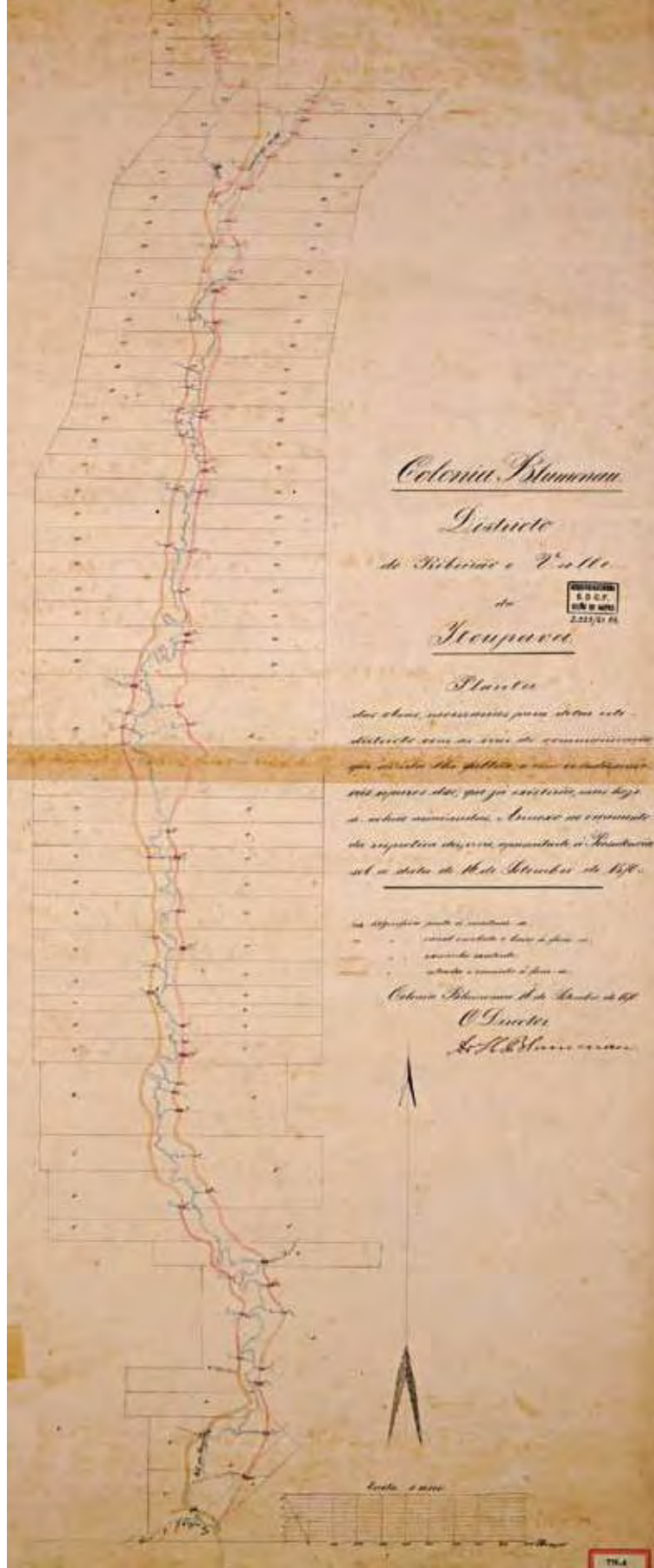
## O MODELO DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A típica propriedade rural que se desenvolveu na região da imigração é simples e serviu de base aos imigrantes de todas as etnias. Estradas principais e secundárias estendiam-se ao longo dos vales e dos rios, buscando as várzeas fertilizadas e as encostas pouco acentuadas, próprias ao cultivo e às pastagens. Transversalmente aos caminhos, distribuíam-se os lotes, faixas estreitas e alongadas que seguiam até a cumeada dos morros. Cada lote contava com 25 a 30 hectares de área média, favorecendo um certo padrão de densidade das comunidades rurais.

As casas eram construídas em geral na testada dos lotes, na maioria das vezes precedidas por jardins e pela horta. Ranchos, estábulos, estrebarias, chiqueiros, galinheiros e paióis eram construídos ao lado e nos fundos, com características arquitetônicas/construtivas próprias a cada uma das etnias, muitas vezes formando uma espécie de pátio de serviços, recreação, talvez, dos espaços comunais de origem medieval tradicionais aos imigrantes.

As áreas de plantio e de pasto para o gado organizavam-se normalmente atrás do conjunto construído. Muito raramente, como em Testo Alto, em Pomerode, a estrada corta a ligação das casas com a várzea, e conseqüentemente com as plantações. Os imigrantes alemães e italianos estabeleceram uma prática de mesclar a pequena agricultura com a produção

Mapa de distribuição dos lotes rurais da Vila Itoupava, em Blumenau. Fonte: Arquivo Histórico Nacional





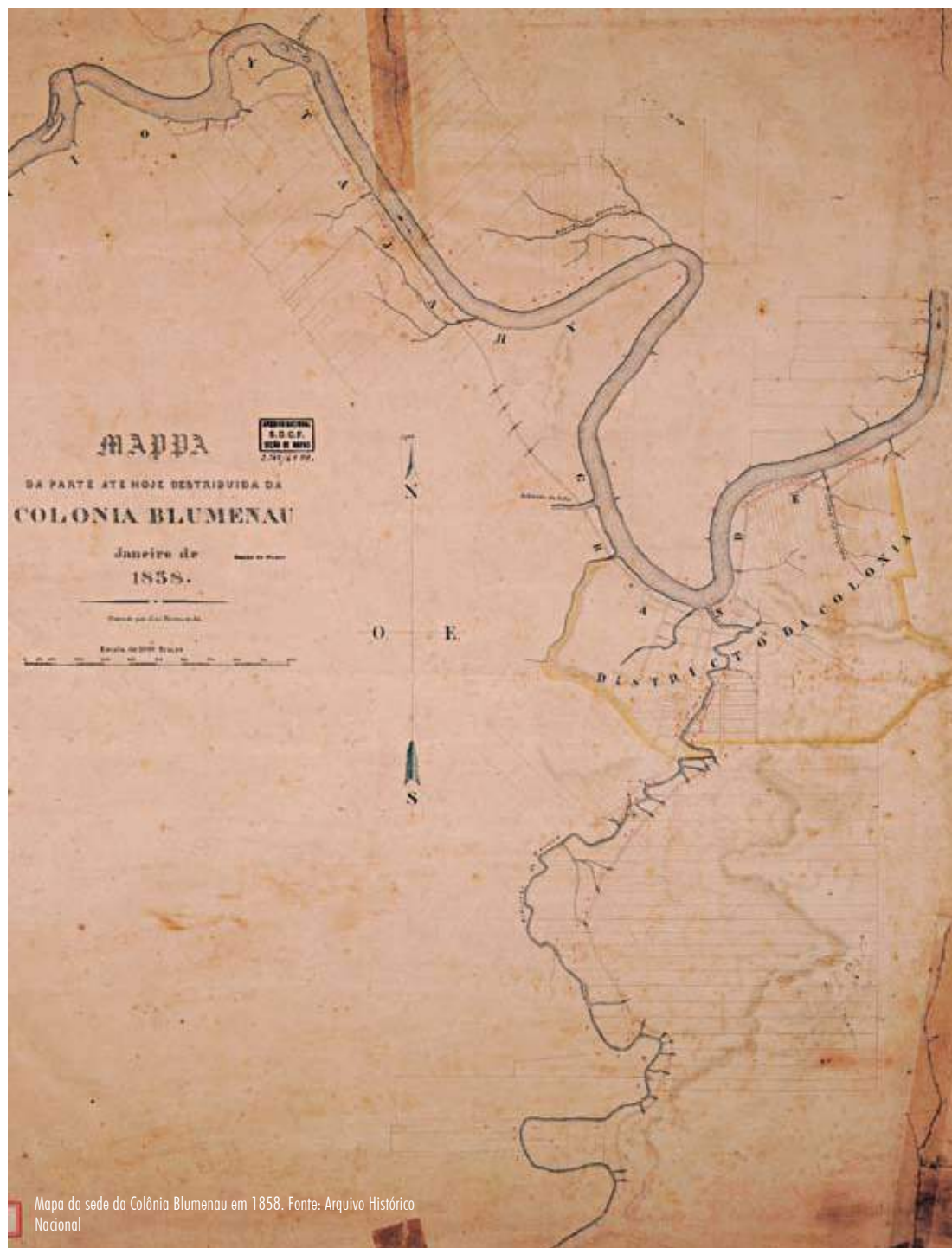


Casa Duwe, em Indaial

de derivados do leite. Além da produção agrícola, as colônias dedicavam-se ao seu processamento, como os derivados dos grãos em atafonas, destilarias e cervejarias. Nos entroncamentos, ou a certas distâncias, ficavam os estabelecimentos comerciais, os clubes recreativos, tais como salões de baile e sociedades de tiro, os comércios e as igrejas. Nem sempre esses serviços estavam agrupados, sendo comum que ocorressem isolados entre si. As indús-

trias coloniais, como serrarias, olarias, marcenarias e ferrarias, também fazem parte dessa lista. Desde cedo esses produtos foram exportados para fora das colônias.

Essa implantação típica, desenvolvida ao longo dos caminhos e formada de lotes estreitos e alongados, com casas e ranchos na testada, foi a base da ocupação de todas as regiões de imigrantes e singulariza a paisagem rural catarinense.



## NÚCLEOS URBANOS

Os núcleos originais de muitas das colônias de imigrantes se transformaram em várias das atuais cidades de Santa Catarina. Apresentam traçados diferentes dos partidos luso-brasileiros até então existentes. As cidades da região de imigração, nascidas de empreendimentos rurais, têm seus traçados urbanos decorrentes da interação entre a geometria da demarcação dos lotes rurais e a organicidade dos acidentes naturais.

A demarcação dos lotes foi o elemento básico da urbanização. Quase sempre, iniciou-se aleatoriamente, a partir do local onde o ingresso de imigrantes e mercadorias fosse facilitado por rios navegáveis ou caminhos pré-estabelecidos.

Abaixo dos contrafortes da Serra do Mar, onde os rios são abundantes, prevaleceu o estabelecimento de colônias às margens dos cursos d'água, utilizados como vias de acesso e comunicação, partindo do litoral. Assim ocorreu nos atuais centros urbanos de Gaspar, Blumenau, São João Batista, Nova Trento, Pomerode, Indaial, Timbó, Jaraguá do Sul e Joinville.

A partir dos contrafortes da Serra do Mar, em direção ao interior, os caminhos foram as vias preferenciais de penetração. A primeira colônia catarinense, São Pedro de Alcântara, foi implantada ao longo do caminho que ligava Desterro a

As cidades da região de imigração, nascidas de empreendimentos rurais, têm seus traçados urbanos decorrentes da interação entre a geometria da demarcação dos lotes rurais e a organicidade dos acidentes naturais.

Lages. A criação de São Bento do Sul, no alto da serra, derivou da abertura da Estrada Dona Francisca, ligando o litoral ao planalto norte.

No sul, os imigrantes italianos também se valem dos rios e dos vales como vias de acesso, utilizando ainda os antigos caminhos abertos pelos tropeiros, que iam de Laguna ao planalto.

Em todos os núcleos coloniais, independentemente da procedência dos imigrantes, prevaleceu a estrutura linear dos caminhos agrícolas, que pouco a pouco viram crescer, ao longo de seu traçado, núcleos comerciais ou religiosos, alguns dos quais se transformaram em conjuntos urbanos. Mesmo nos centros comerciais que vieram a se tornar cidades, quase sempre se preservou a implantação em linha, só mais recentemente acompanhada, em seus núcleos, por vias paralelas e transversais que formaram quarteirões, como nos centros urbanos de Pomerode e Timbó.

São mais raras as evoluções urbanas que parecem desenvolver-se a partir de praças ou logradouros, irradiando-se do centro para a periferia e resultando em núcleos mais compactos, formados pelo agrupamento de diversos quarteirões, como parecem ser os casos de São Bento do Sul e Joinville, no nordeste, e Orleans, no sul do estado.



Ilustração de Rodowicz (1852), representando a preparo dos primeiros lotes com a construção de cabanas rústicas — estrutura simples, de madeira, com abertura de palha — na Colônia Dona Francisca

Imagem: Ficker, 1965. pág. 77



## ÁREAS RURAIS

**T**rês elementos principais conjugaram-se para definir o modelo de ocupação do território nas áreas rurais, estabelecendo uma constante válida para as diversas etnias, ao longo de todo o processo migratório: a geografia natural, a demarcação dos lotes e a abertura dos caminhos rurais, que interligavam as propriedades agrícolas e permitiam sua comunicação com o mundo exterior.

Os lotes foram demarcados quase sempre a partir dos cursos d'água, estendendo-se até as cumeadas; os caminhos seguiam preferencialmente os rios, cortando várzeas e subindo elevações, interligando as bacias e os vales. Os caminhos assumiram as linhas da geografia, seguindo os cursos d'água nas várzeas e a topografia mais propícia nas encostas.

As primeiras edificações foram os ranchos provisórios, construídos toscamente para abrigar a família ou seus membros mais aptos à dura tarefa de desmatar os lotes e providenciar os primeiros cultivos. Esses abrigos nem sempre apresentavam implantação relacionada com os caminhos rurais. Eram, antes, apropriações primárias dos lotes.

Quando as condições tornaram-se tais que permitiram a construção das primeiras casas, a comunicação dos lotes com os núcleos coloniais já era significativa, os caminhos haviam ganhado importância e subordinaram a implantação das casas. Todos os imigrantes, das diversas etnias, construíram suas casas guardando distância da via pública, mas direcionados por ela, com a fachada principal paralela à estrada rural.



Antiga casa de taipa, em Indaial



Estrada Pomeranos, que liga Timbó a Pomerode







## O patrimônio da imigração em Santa Catarina



O patrimônio cultural dos imigrantes que se deslocaram para Santa Catarina durante os séculos XIX e XX, em especial entre 1850 e 1930, é de significância mundial. Mescla tra-

dições e conhecimentos de culturas milenares, vindas de vários continentes, adaptados às condições da história, da cultura e da geografia encontradas no Brasil.



Casa Fleith, Joinville

## A ARQUITETURA

O estabelecimento das colônias nas diversas regiões do estado resultou na produção de arquiteturas com características locais e peculiares. A interação das tradições construtivas, oriundas de várias partes da Europa, com a geografia de cada lugar, os materiais disponíveis e os grupos já fixados nas proximidades de cada empreendimento, originou soluções específicas, percebidas em cada uma das unidades migratórias.

### Materiais

A fartura de madeiras e de terras argilosas determinou a arquitetura de imigrantes em Santa Catarina. A taipa de mão foi utilizada no início dos empreendimentos e poucos desses exemplares subsistiram, tendo seu uso se restringido às paredes internas das edificações. Já a pedra foi muito usada no sul do estado.

**Argamassas e rebocos** – Argamassas de barro foram empregadas para assentamentos e rebocos por todos os grupos de imigrantes até o momento em que se generalizou uso do cimento. As argamassas de assentamento não apresentam cal na sua constituição, apenas fibras vegetais e animais.

Já os rebocos e os rejuntas de acabamento da alvenaria aparente utilizaram cal. São notáveis nos acabamentos de rejuntas de alvenaria de tijolos aparentes uma fina camada externa que protegia a argamassa de assentamento. A tonalidade esbranquiçada dessa argamassa realça o aspecto estético das alvenarias aparentes, valorizando texturas e tonalidades dos tijolos.

Os rebocos são, na sua maioria, constituídos de terra e areia e são aplicados sobre uma espécie de emboço, constituído por barro e fibras.

Detalhes construtivos do Salão Hammermeister, em Timbó. Alvenaria com desenhos geométricos de tijolos aparentes de diversas tonalidades, esmero no acabamento das cimalthas e do arco de descarga da janela. As esquadrias são de madeira, com bandeiras móveis, fixadas por elementos metálicos.







Guarda-corpo de varanda: a utilização de tijolos para composições vazadas foi comum em diversas regiões

### O uso da cerâmica

**Tijolos** – Os tijolos foram a base construtiva da arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina. Com exceção de algumas colônias italianas no sul, que se notabilizam pelo uso da pedra e dos raros exemplares construídos com adobe ou taipa de mão, desde cedo o tijolo prevaleceu entre alemães, italianos, poloneses e ucranianos. Foram usados entre as peças de madeira da arquitetura enxaimel, rebocados ou não; predominaram nas alvenarias autoportantes, também independentemente de serem rebocadas ou não. Frequentemente, os tijolos foram fixados de modo a tirar partido plástico de seu assentamento, formando desenhos, ou mesclando tonalidades diferenciadas.

Na região de imigrantes, encontram-se tijolos de diversas características – tamanhos, formatos e, principalmente, processos de produção. Como consequência, há uma enorme variedade quanto à solidez, porosidade, densidade, peso, tonalidade e textura.

**Telhas** – É comum, na área de imigrantes alemães, o uso de telhas cerâmicas planas, as Bieberschwanz-Ziegeln, ou telhas rabo-de-castor. Encontram-se também, com menor frequência e nas casas mais antigas, as Pfannenziegeln, ou telhas-panela, que, conforme Günter Weimer<sup>4</sup>, têm origem flamenga.

Há dois tipos de fixação para as telhas rabo-de-castor. Chama-se sobrepostas ao primeiro tipo, e de colocação em escama ao segundo. O primeiro é mais comum, pois a colocação em escamas exige

quase o dobro do ripamento. Funcionam principalmente por sobreposição e requerem telhados inclinados, necessidade que corresponde à tradição do uso do espaço remanescente entre os caibros e a estrutura dos telhados constituídos em sótãos.

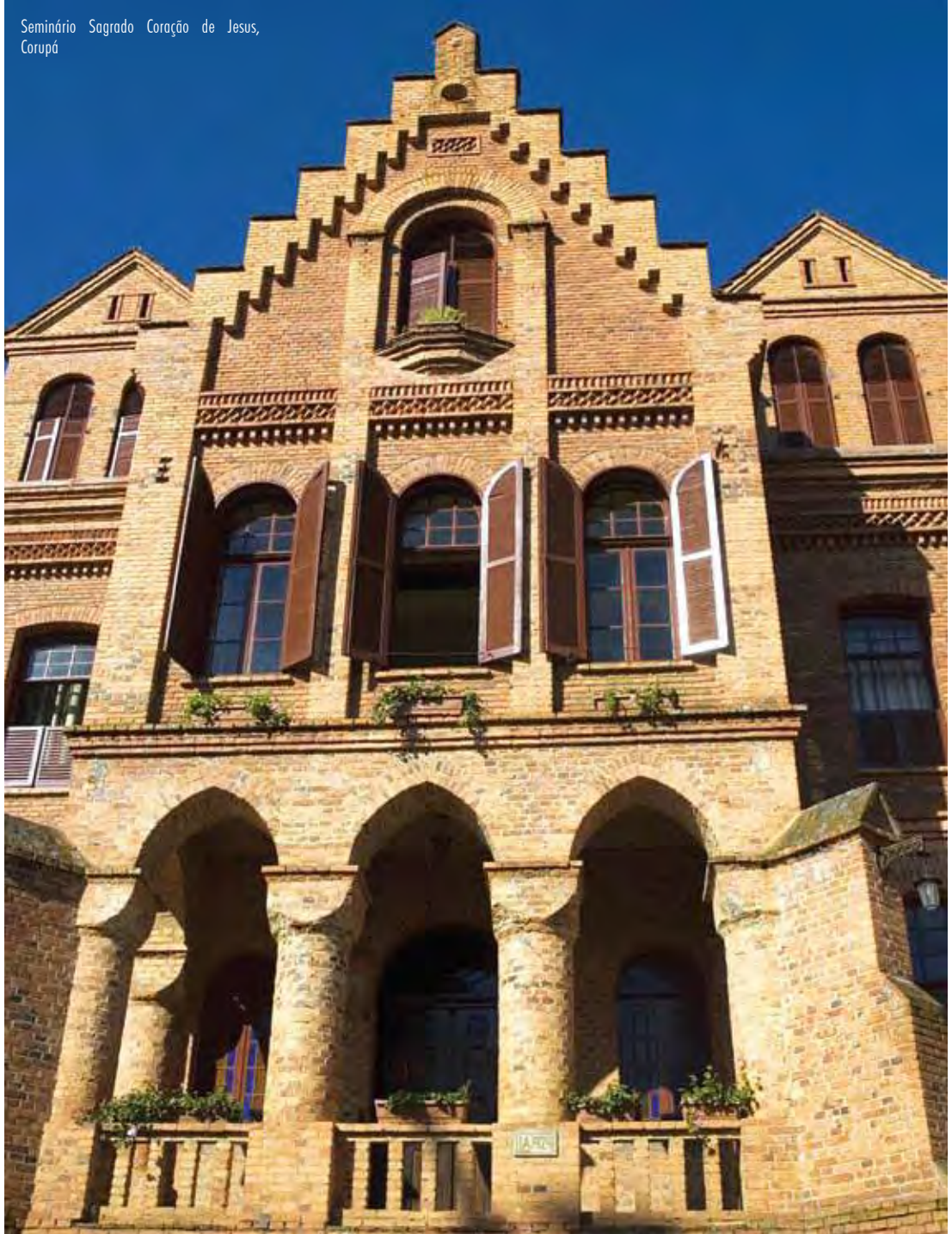
Nas áreas onde preponderaram imigrantes poloneses e ucranianos, as telhas usuais são as francesas, introduzidas desde o fim do século XIX. Já na região dos italianos, no sul do estado e na Colônia São Pedro de Alcântara (nesta, alemães interagiram com a tradição luso-brasileira pré-estabelecida), as telhas usuais são do tipo capa e canal, um pouco menores que as usadas no litoral.

No Vale do Itajaí, as construções italianas mesclam o uso de telhas planas, do tipo produzido inicialmente pelos alemães, com as do tipo capa e canal, de sua tradição. O mesmo ocorre no Vale do Itajaí. Todos os imigrantes utilizaram telhas capa e canal para cobrir a cumeeira.

**Elementos vazados** – A confecção de parapeitos vazados em tijolos, fixados de modo a alternar espaços cheios e vazios, também foi frequente em construções mais antigas, como se vê na Casa Reinecke, em Timbó. Mais tarde, elementos cerâmicos próprios para painéis vazados passaram a ser utilizados e tornaram-se comuns.

<sup>4</sup> WEIMER, Günter. *Arquitetura da Imigração Alemã* – um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul.

Seminário Sagrado Coração de Jesus,  
Corupá





### O uso da madeira

A madeira era farta, por isso, usada largamente. Era preciso desbastar a mata nativa para ganhar solo agrícola e pastagens. Assim, a madeira era tirada do próprio lote onde se pretendia construir e lavar a terra, resultando em material construtivo de baixo custo. As espécies mais utilizadas foram a canela preta (*Ocotea catharinense*) e a peroba-vermelha (*Aspidosperma olivaceum*).

A madeira foi utilizada nos embasamentos, nas estruturas (enxaimel), em divisórias internas, na estrutura dos telhados – onde seu uso foi absoluto – e até nas coberturas. Telhas de tabuinhas, feitas de pinheiro da espécie *Araucária angustifolia*, foram muito comuns nos primeiros tempos, mas desapareceram com o passar dos anos pela substituição por telhas de barro. O inventário realizado pelo Iphan em 2005 localizou

apenas dois exemplares com telhas de madeira no norte do Estado.

Por serem serradas manualmente, as tábuas de madeira eram de difícil aplicabilidade nos primeiros tempos. Quando surgiram serrarias em quase todas as colônias, e em especial durante o apogeu do ciclo madeireiro, o uso das tábuas se alastrou. Na área italiana do sul do estado, há modelo específico de moradia com paredes de madeira. Em todas as regiões desenvolveram-se, em meados do século XX, construções que preservavam volumetrias de soluções anteriores, dotadas de paredes internas e externas de madeira. A madeira era ainda usada nos ranchos, e as tábuas foram os materiais mais utilizados nas paredes internas das casas, assoalhos, forros e esquadrias. A empena das casas pomeranas também foram frequentemente vedadas com tábuas de madeira.



Edificação em madeira na localidade de Iracema, área de colonização polonesa e ucraniana no norte de Santa Catarina, município de Itaiópolis





Casa de Pedra da Família Bratti, na região de imigrantes italianos do sul catarinense, município de Nova Veneza

### O uso da pedra

Abundantes em toda a região, material construtivo básico do Brasil colonial, as pedras não podiam deixar de fazer parte da arquitetura dos imigrantes. Todas as etnias as utilizaram, em especial nas fundações. Os italianos foram os únicos a edificar paredes autoportantes de alvenaria de pedras, muitas delas aparentes na sua face externa.

As pedras foram usadas nas fundações das construções estruturadas em madeira, inclusive em enxaiméis e ranchos. Formaram a base também das edificações de alvenaria autoportante, inclusive as aparentes. Neste caso, as fundações foram

confeccionadas em alvenaria de pedras, formando alicerces corridos, sobre os quais se assentavam as paredes da casa. Nas casas de madeira, a pedra foi frequentemente empregada como sapata, como na Casa Hary Hein, em Blumenau.

Na região sul, onde preponderaram os imigrantes italianos, a pedra foi usada como principal elemento construtivo e estético. Forma e função conjugam-se em uma tipologia sóbria, mas de extrema expressividade. Um número ainda considerável de exemplares, todos situados em áreas rurais de Urussanga, Nova Veneza, Pedras Grandes e Orleans, demonstra o apuro técnico e a destreza no emprego da pedra.





Utilização de pedras nas fundações: casa de taipa do Sítio Tribess, em Pomerode; Casa Harry Hein, em Blumenau, e Casa Radoll, em Timbó



### O uso do metal

Originalmente, o metal foi utilizado apenas nos pregos que fixavam as ripas dos telhados, os forros e os assoalhos, além das dobradiças de portas e janelas. Essa tradição manteve-se quase inalterada, com exceção de poucas construções ecléticas, que se valeram, no final do século XIX, de ornamentos de varandas e beirais executados em metais.



Elementos metálicos encontrados em edificações urbanas e rurais

Onde se verifica com ênfase o uso de materiais metálicos construtivos é na cobertura das cúpulas das igrejas polonesas e ucranianas, e no telhado de muitas construções. Os telhados metálicos são encontrados em praticamente todas as colônias, em edifícios construídos a partir do final do século XIX, em especial quando relacionados aos usos comerciais, ferroviários e religiosos, como nas igrejas de São Gervásio e São Protásio, em Rio Maior, município de Urussanga, e na de Santo Estanislau, em Alto Paraguaçu, Itaiópolis.





## SISTEMAS E TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO

Os sistemas construtivos utilizados nas colônias se desenvolveram a partir da interrelação entre materiais e elementos disponíveis, juntamente com a tradição construtiva dos países de origem do imigrante e sua adaptação às condições locais. Em Santa Catarina, verifica-se a adaptação de três tipos básicos de sistemas construtivos:

- **Estruturas enxaimel**, empregadas nas regiões de imigrantes de origem alemã e, em muito menor escala, entre imigrantes de origem italiana;
- **Estruturas autoportantes**, que podem ser de tijolos (em todas as regiões e, em especial, nos núcleos poloneses e alemães) ou de pedra (exclusivamente utilizadas nas colônias italianas do sul);
- **Estruturas de madeira** (encontradas, especialmente, nas regiões de colonização polonesa no norte e também nas colônias italianas do sul).

### **Estruturas de enxaimel**

É um sistema de estrutura de madeira autônomo, de caráter universal. Pode ser encontrado na arquitetura tradicional portuguesa e na oriental, na China e no Japão, por exemplo. Tal como foi utilizado em Santa Catarina, desenvolveu-se na Idade Média, na Europa Central. Peças de madeira previamente trabalhadas formam uma espécie de grade que se responsabiliza pelos aspectos estruturais da construção. Os tramos, entre as peças estruturais, são vedados com diferentes materiais, em especial com tijolos, aparentes ou não. A confecção das estruturas enxaimel obedecia a técnicas e tradições antigas, evidenciadas nas emendas e encaixes e na marcação com algarismos romanos das peças, que eram trabalhadas individualmente e encaixadas durante a montagem da estrutura.

As estruturas são confeccionadas segundo modelos pré-estabelecidos, resultando em soluções que mesclam a funcionalidade a belas composições plásticas, normalmente simétricas. Cada uma das paredes externas forma um quadro, subdividido em painéis onde se inserem portas e janelas. Além das peças horizontais e verticais, é comum que se utilizem traves transversais, responsáveis pelos contra-ventamentos – normalmente fixadas nos tramos das extremidades. Na região de Blumenau, são comuns as peças transversais inclinadas para dentro da fachada, e não no sentido interno para o externo – que prioriza o apoio dos cunhais, como ocorre em todas as demais regiões.

**Estrutura enxaimel e vedações de terra** – Em casos atualmente raros, os vazios entre os tramos da estrutura enxaimel podem ser vedados com taipa de mão. Essa solução parece ter sido usual nas construções mais antigas. Alguns exemplares estão preservados em Pomerode, Indaial, Timbó e Join-

ville. No sul do estado, em meio à arquitetura de imigrantes italianos, também existem construções cujas paredes externas são vedadas com taipa de mão, em técnica que se aproxima da aplicação de estuque. Paredes internas construídas com taipa de mão são relativamente comuns.

**Estrutura enxaimel e vedações de tijolo** – Grande parte das casas dos imigrantes alemães e muitas dos italianos apresentam o volume principal confeccionado com estrutura enxaimel e os vãos entre as peças da estrutura vedados com tijolos – quase sempre aparentes. Varanda, puxados e anexos são frequentemente construídos em alvenaria autoportante de tijolos, embora sejam comuns também os feitos em enxaimel. Mais de mil casas, estabelecimentos comerciais, igrejas, fábricas e hospitais subsistem por toda a região de imigrantes alemães, construídas com esse tipo de estrutura, que pode ser considerado o método típico de construir no Vale do Itajaí e no nordeste de Santa Catarina.

Detalhe de estrutura enxaimel preenchida com taipa de terra







Empena Casa Duwe, em Indaial



Detalhe de marcação das peças de madeira das estruturas enxaimel. A técnica consistia quase que numa estrutura pré-moldada, cujas peças eram previamente cortadas e assinaladas conforme a sequência construtiva a ser seguida no canteiro de obras

A decoração externa se caracteriza pela relação da estrutura com os panos de vedação de tijolos, formando desenhos geométricos ou tirando partido da policromia dos tijolos claros e escuros. Os painéis decorados mostram desenhos em espi-

nha de peixe, zigue-zagues, losangos, cruzes. Os desenhos, cores e texturas dos tijolos são ressaltados por um fino rejunte de argamassa de areia e cal, de coloração quase branca, que valoriza os tons de terra dos tijolos.





Casa Neumann, São Bento do Sul (acima), e Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Indaial (ao lado)

### Estruturas autoportantes

**Alvenaria de tijolos** – Os tijolos foram utilizados desde os primórdios da imigração para o Brasil. Sua confecção correspondia a técnicas antigas, trazidas na bagagem cultural de imigrantes de diversas nacionalidades. Os tijolos foram usados em baldrame, em pisos e em paredes, entre-meando as estruturas enxaimel ou em alvenarias autoportantes. No Brasil, as alvenarias portantes costumam ser classificadas em simples ou duplas, segundo a espessura das paredes seja dada por um ou por dois tijolos; podem também ser classificadas em aparentes ou rebocadas. As alvenarias estruturais de tijolos foram usadas concomitantemente com o enxaimel, não configurando, como já se acreditou, em sequência cronológica de uma para a outra técnica construtiva.

**Alvenaria de tijolos aparentes** – Alvenaria de tijolos aparentes são usadas exclusivamente em paredes externas – característica que demonstra a vinculação dessa técnica com a solução plástica da

arquitetura dos imigrantes. Os tijolos podem ser simplesmente dispostos em fiadas, como foi comum em São Bento do Sul, ou formando desenhos, ou ainda, composições cromáticas derivadas de colorações claro/escuras, como acontece no Vale do Itajaí. As alvenarias autoportantes de tijolos aparentes exigem grande maestria por parte de quem as executa. Várias das construções feitas com maior esmero e com resultados plásticos mais significativos, em toda a região ocupada por imigrantes, foram executadas com essa técnica. Moradias, salões, capelas e estabelecimentos de comércio foram executados dessa forma.

**Alvenaria de tijolos rebocados** – Também foram muito comuns as construções, de todos os tipos, funções e tamanhos, edificadas em alvenaria de tijolos rebocados. Por vezes ornadas com motivos aplicados, essa técnica acabou por predominar ao longo do tempo, tornando-se praticamente absoluta depois da Segunda Guerra Mundial, em especial nos núcleos urbanos. As alvenarias rebocadas foram sempre predominantes nos espaços

internos. Nas salas frontais das residências, por vezes nas salas de jantar e nos quartos, nas igrejas e capelas, foram usuais as pinturas decorativas.

É comum, em todas as áreas de imigrantes italianos e alemães, a interpretação de que muitas construções em enxaimel ou alvenaria autoportante foram rebocadas como maneira de comprovar a “brasilidade” de seus proprietários, durante os anos da Segunda Grande Guerra Mundial. Essa prática, responsável pela aplicação de reboco em paredes frontais originalmente construídas em enxaimel ou alvenaria de tijolos aparentes, também pode ser

vista como tentativa de modernização ou de identificação com os modelos urbanos do pós guerra.

As casas de alvenaria autoportante conquistaram terreno frente às enxaimel, e quando a arquitetura buscou padrões urbanizados, correspondentes à evolução das colônias depois dos anos 20/30 do século XX, esses exemplares foram construídos predominantemente em alvenaria de tijolos rebocados. Esta fase está representada por dois tipos de construção. No mais comum deles, os edifícios de alvenaria rebocada substituíram praticamente todos os outros, mantendo

Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Indaial





as volumetrias básicas anteriores, mas inserindo ornamentos variados, em especial sobrevergas, mansardas, águas-furtadas e a composição dos volumes antigos em blocos justapostos.

O segundo modelo, mais raro, relaciona-se com imóveis mais pretensiosos. Externamente, a decoração incorpora estuques, que adornam vãos, balcões, arcos e varandas ou simulam paredes de pedra. O interior se divide em muitos compartimentos. Porões, sótãos e até dois pavimentos são típicos. A pintura decorativa tipo estêncil é usual em forros de massa feitos de cal ou gesso. As casas Malburg, Konder e Assemburg, em Itajaí, exemplificam a tipologia.

### Alvenaria de pedra

Em Santa Catarina, o uso das alvenarias portantes de pedra está sempre associada ao sul do estado

e aos imigrantes italianos. É encontrada nos atuais municípios de Urussanga, Nova Veneza, Pedras Grandes e Orleans. Pode se apresentar totalmente rebocada, com as pedras à vista em paredes inteiras, ou em soluções mistas, mesclando-se com alvenaria rebocada ou tijolos à vista.

A Casa Ivanir Cancelier, em Rio Maior, município de Urussanga, tem a fachada construída em alvenaria mista, de pedras aparentes e rebocadas; é um expressivo exemplo de requinte construtivo e apuro de proporções, próprios da arquitetura de imigrantes italianos. A Casa Barzan é o único exemplar conhecido edificado em granito. Apresenta vergas em arco pleno e abatido, amplo porão que configura o pavimento térreo, pavimento superior e sótão. As pedras são assentadas em argamassa de barro e rebocadas internamente.

Igreja São Pedro e São Paulo, Urussanga





## Construções em madeira

Na origem das colônias, a obtenção de tábuas regulares representava tarefa árdua, quase sempre reservada apenas para forros e assoalhos. Na construção de paredes externas, as tábuas foram utilizadas apenas na eventual vedação de empenas (casas Wunderwald, Radoll, Edeltraud Eichendorf). O uso da madeira nas empenas denota, segundo alguns autores, a influência pomerana.

No transcorrer dos anos, com a multiplicação e evolução das serrarias, a consequente facilidade de obtenção, e o baixo custo da madeira, seu uso como material construtivo tornou-se frequente, estendendo-se das primeiras décadas do século XX até meados deste mesmo século a prática de construir com paredes formadas exclusivamente por tábuas de madeira.

As casas de madeira obedecem a padrões distintos nas várias regiões de imigrantes de Santa

Catarina. No sul, são mais rústicas, com volumes relacionados com as casas de alvenaria dos imigrantes italianos. Raramente são pintadas. No Vale do Itajaí e na Colônia Dona Francisca, as construções em madeira seguem a volumetria, a planta e os detalhes construtivos das casas enxaimel e de alvenaria autoportante, inclusive nas varandas, ornamentos e anexos.

No norte do estado, que abrigou a maior madeireira do seu tempo, a norte-americana Lumber, instalada nos primeiros anos do século XX no atual município de Três Barras, a madeira foi fartamente utilizada na construção de casas, igrejas, escolas e estabelecimentos comerciais. Pequenos palacetes ingleses, assobradados e dotados de arremedos de torres ao gosto eclético, com *bay windows*, lareiras e amplas janelas envidraçadas, subsistem em Canoinhas, Mafra, Porto União, entre outros.



Casa de madeira, em Pomerode. A volumetria e a compartimentação interna permanecem as mesmas da casa enxaimel



Estabelecimento comercial em Marcílio Dias, próximo a Canoinhas, um núcleo quase que totalmente de madeira



Igreja de São Gervásio e São Protásio, em Moema, Itaipópolis



Rancho da Casa Klug, em Timbó



Casa em São Bonifácio. Enxaimel simplificado e pouca inclinação do telhado são características da região. Nota-se ainda o emprego de diferentes tonalidades de tijolos nos painéis enxaimel.

## CARACTERÍSTICAS REGIONAIS

De maneira simplificada, podemos distinguir quatro regiões de imigrantes com características arquitetônicas peculiares. Partidos plásticos, materiais e técnicas construtivas, plantas e volumes dos edifícios e o esmero com que foram confeccionados permitem as diferenciações.

**Região da Colônia São Pedro de Alcântara** – Primeira a implantar-se em Santa Catarina e das poucas em que os colonos tiveram contato frequente com elementos luso-brasileiros, sua arquitetura resultou em curiosa mescla das tradições teuto e luso-brasileiras. Do repertório dos alemães permanecem o enxaimel e a alvenaria de tijolos, muitas vezes à vista. Da arquitetura existente no litoral impuseram-se os telhados pouco inclinados, as telhas capa e canal e o engaste no solo (nabos) dos pilares da estrutura

enxaimel, prescindindo das peças transversais de contraventamento.

Em termos de planta, a forma alongada de algumas das casas da região pode estar associada ao fato de muitas delas ficarem às margens da estrada que ligava o litoral ao planalto. Os estudos realizados pelo Iphan evidenciam a frequência com que se mesclavam os usos residenciais e comerciais, e os relatos registram a constância com se albergavam os viajantes que percorriam o caminho.

**Vale do Itajaí e Nordeste de Santa Catarina** – Nessas regiões, destaca-se a arquitetura dos dois mais importantes núcleos coloniais estabelecidos no estado: a Colônia Blumenau, no Vale do Itajaí, e a Dona Francisca, no nordeste do estado. Fundadas praticamente à mesma época (a primeira em 1850 e a segunda um ano mais tarde), produziram, juntas, o

que talvez seja o mais extenso e surpreendente conjunto da arquitetura teuto-brasileira no país.

As construções enxaimel e de alvenaria autoportante de tijolos aparentes excepcionalizam a arquitetura das duas colônias, especialmente no Vale do Itajaí, embora tanto lá quanto na antiga Dona Francisca esses tipos de edificação equivalham, em número, aos edifícios rebocados.

Além dos tijolos à vista e da volumetria característica, que permite sempre o uso do sótão, as varandas são comuns, assim como os puxados nos fundos – onde quase sempre se instalam as cozinhas. Os jardins frontais são espessos e é frequente que cubram a vista das casas.

A chegada de italianos e poloneses (entre outros), alguns anos após a implantação da Colônia Blumenau, fez surgir uma nova mescla, que incorporou elementos clássicos da arquitetura italiana e particularidades da tradição polonesa em estruturas enxaiméis, dando origem a um novo hibridismo.

É possível verificar consideráveis diferenças entre as construções de imigrantes italianos no sul do estado e na região do Vale do Itajaí. No Vale, os italianos, despachados para os limites da colônia, valeram-se de tradições desenvolvidas anteriormente pelos imigrantes alemães. Ali não existem casas de cantaria e nem mesmo edificadas em pedra – usaram madeira e, principalmente, tijolos. No sul do estado, não existem edifícios enxaimel relacionados com os italianos. Em contrapartida, registram-se várias construções em pedra, inclusive em cantaria.

Em alguns lugares, onde os colonos italianos provinham de outras regiões e se mantiveram mais afastados dos núcleos originais alemães, há exemplares que se aproximam mais de uma arquitetura clássica italiana. Essa característica reflete-se nos volumes, nas proporções, nas estruturas de telhado e na técnica construtiva empregada. É o caso de algumas construções em Ascurra, como a Casa Buzzi.



Casa Buzzi, Ascurra



Casa de Felix Canever, Palmeira  
Alta, Orleans



**Sul do estado** – A predominância de soluções tipicamente italianas e, por outro lado, as frequentes soluções híbridas com a arquitetura luso-brasileiras são as características principais. Para essa região vieram, a partir de 1877, imigrantes provenientes do Vêneto, Lombardia (atual Trento), Friuli e Emília Romagna. Foi influenciada por cidades como Laguna, Tubarão e outras vilas litorâneas já estabelecidas. Os núcleos mais homogêneos são Urussanga, Orleans e Nova Veneza, onde, além da arquitetura, preservaram-se dialetos e cantigas.

Os assentamentos apresentam claras influências da Itália setentrional. Os exemplares mais expressivos são edificados em alvenaria de pedras aparentes. A maioria das construções é térrea, embora existam os sobrados. As plantas tendem ao retangular, quase quadrado, prevalecendo o uso residencial, usualmente com a cozinha separada do corpo principal da casa.

Nas casas, preponderam os partidos de fachada cuja base é o pavimento térreo valorizado por fundação alteada, forte modulação das aberturas (cujos requadros são frequentemente trabalhados, principalmente quando confeccionados em pedra), composição simétrica e beirais recortados.

As estruturas de telhado são únicas: as ripas são dispostas no sentido longitudinal das telhas capa e canal, os caibros paralelos às fachadas (ao contrário da solução luso-brasileira) e as peças mestras na posição oposta à de frechais, terças e cumeeiras. As folhas das esquadrias são montadas segundo modelo específico, com peças inclinadas em diagonal. As ferragens também são específicas dos imigrantes italianos. As pinturas ornamentais internas são frequentes, quase sempre em tonalidades vivas. Os pés-direitos são mais altos do que os existentes entre os imigrantes alemães.

Registra-se também, no Vale do Itajaí e no sul de Santa Catarina, uma segunda tipologia, onde o sótão se incorpora, formando nova composição – em que continua preponderando o pavimento térreo. Esse partido plástico e funcional (que permite o uso do segundo pavimento) resulta no térreo valorizado por um prolongamento da altura das paredes, de modo a receber uma segunda linha de janelas, colocada sobre as aberturas do térreo, sempre em proporções menores, e normalmente muito próximas ao beiral, como, por exemplo, a casa da Família Bez Fontana.



A partir de cima, no sentido anti-horário: Casa Bez Fontana, em Urussanga; Casa em Orleans, no caminho para Urussanga; Casa Família Bocardo, Urussanga

Abaixo, detalhes das estruturas de telhados, típicas da região de colonização italiana do sul de Santa Catarina

Na página ao lado: casa Waldemiro Struck, na estrada Dona Francisca, em São Bento do Sul. Composição e volumetria diferenciadas daquelas encontradas no Vale do Itajaí







**Norte** – Nesta região do estado a arquitetura apresenta volumetria característica, com telhados maiores e por vezes mais inclinados do que no Vale do Itajaí ou no nordeste de Santa Catarina. Essa particularidade, presente tanto nas casas de alvenaria quanto nas de madeira, influi na estrutura dos telhados, que apresenta linhas altas, além de contar frequentemente com apoios longitudinais intermediários, raros na arquitetura teuto-brasileira.

Na região, preponderam os imigrantes poloneses, chegados no período em que era grande a disponibilidade da madeira como material construtivo. A arquitetura apresenta-se em construções de madeira ou alvenaria autoportante de tijolos, quase sempre rebocados, embora existam bons exemplares em tijolos à vista. As construções em madeira são variadas, contando com exemplares de arquitetura religiosa, comercial e de lazer. São comuns, em toda a região, os edifícios que apresentam a fachada construí-

da em alvenaria de tijolos e as demais paredes, externas e internas, em madeira, especialmente na cidade de Mafra. A característica da planta é a presença de corredor central, que interliga a porta principal com a cozinha e o comedouro, situados nos fundos da construção.

Outra característica da influência eslava na região está relacionada ao emprego das cores azul, rosa e verde, em tonalidades específicas, na pintura externa e interna de casas e edificações de uso comercial e recreativo. Elementos na forma de losangos – como que pequenos óculos – estão presentes em aberturas nas empenas, na altura do sótão ou ventilando o telhado.

Igrejas, capelas e oratórios são comuns. A religião ocupa papel de destaque nessas sociedades, o que se reflete no número, nas dimensões e no esmero construtivo das igrejas e capelas. A marca registrada dessa arquitetura são as cúpulas metálicas, formadas por bulbos.





Comércio Haut, Testo Rega, Pomerode

## FUNÇÕES DA ARQUITETURA

**Arquitetura comercial** – As casas comerciais, tanto rurais como urbanas, funcionavam não só como venda, mas frequentemente englobavam a residência dos proprietários e exerciam a função de casas bancárias, aceitando depósitos e emprestando dinheiro. Muitos comerciantes agregavam outras atividades ao seu negócio, como engenhos de farinha ou açúcar, fábricas de embutidos de carne, queijarias e serrarias. Tinham grande importância na economia local e eram os únicos capazes de acumular capital.

O comércio permitia também as trocas sociais. As casas comerciais eram locais de reunião e encontro, onde se discutiam assuntos da vida social e política. Eram o ponto de chegada das informações de fora, e a partir delas os colonos se comunicavam com o mundo exterior, através

de jornais, revistas e cartas, entregues e enviadas do mesmo local.

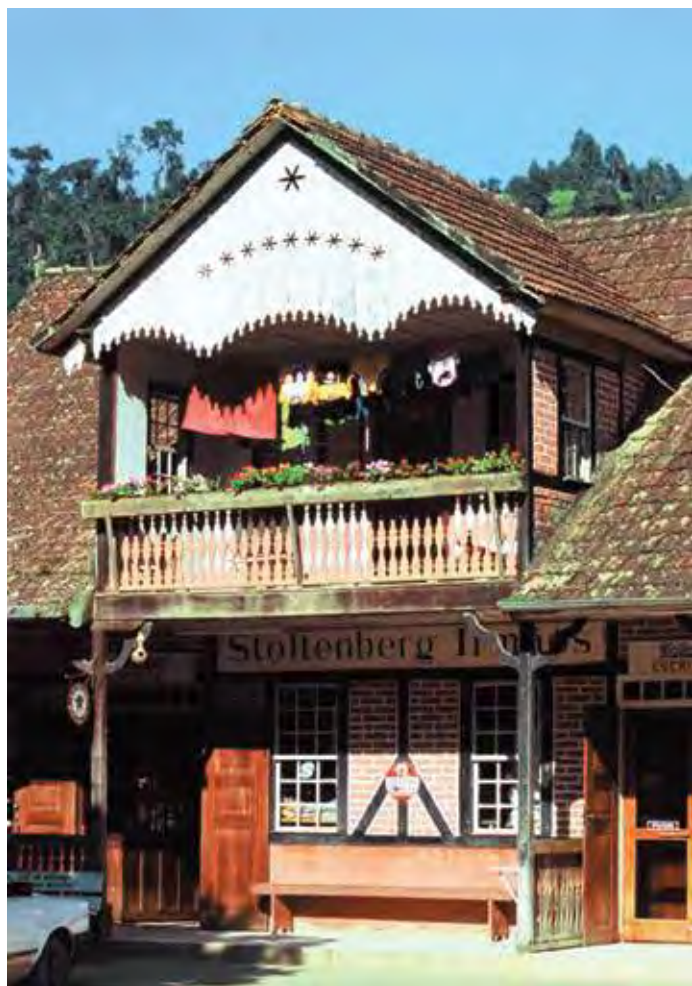
É regra quase geral, na implantação dos estabelecimentos comerciais, servirem de definidores precoces do espaço urbano, fixando os alinhamentos prediais. Não fazem concessões a jardins ou paisagismo, guardando apenas a área de estacionamento, para cavalos e carroças, nos exemplares mais antigos, para automóveis, ônibus e caminhões, nos mais recentes.

Os estabelecimentos comerciais estão sempre situados próximos às estradas, para a qual se voltam suas portas principais. São edificados na mesma técnica das casas de moradia (madeira, enxaimel ou alvenaria autoportante, rebocada ou não), embora usualmente se apresentem maiores e mais alongados, conjugando a moradia com a loja.

**Arquitetura industrial** – Na área rural, prevalece a indústria artesanal, representada por olarias, marcenarias, serrarias, engenhos, moinhos e atafonas. Usualmente resumem-se a simples galpões, com paredes nem sempre vedadas com tábuas. São construções relacionadas a um rio ou veio de água, já que as máquinas eram impulsionadas por rodas d'água. São raras as rodas ainda em funcionamento, destacando-se as da propriedade Bez Fontana, em Urussanga, e

os maquinários do Museu ao Ar Livre, em Orleans. Do ponto de vista arquitetônico, a arquitetura industrial costuma ser despojada. É por vezes edificada em madeira; outras, em alvenaria autoportante ou mesmo em enxaimel. Vários desses edifícios guardam relação importante com a paisagem central de sua cidades, como ocorre com o conjunto Weege, recentemente adquirido pela prefeitura de Pomerode, que deseja transformá-lo em amplo complexo cultural.

Foto à esquerda, comércio na estrada rural de Moema, município de Itaiópolis, e à direita, conjunto Comercial Irmãos Stoltenberg, Vidal Ramos







Acima, da esquerda para a direita, antigo moinho Schwarz, na Estrada Dona Francisca, em São Bento do Sul, hoje desativado, e conjunto Comércio Zimmdars, Itoupava Rega, em Blumenau. Abaixo, casa Zummach (Haut Filial), Testo Alto, Pomerode







Cada vez mais raras, as pequenas indústrias artesanais da área rural guardam a memória das técnicas utilizadas para a produção de farinha, cachaça, telhas, tijolos, madeira para a construção, móveis, esquadrias e todo o tipo de produto essencial para a vida nas colônias

Acima, Engenho Helga Trapp, na Vila Itoupava, em Blumenau; abaixo, interior do Engenho Helga Trapp; ao lado, interior do engenho no Museu ao Ar Livre de Orleans



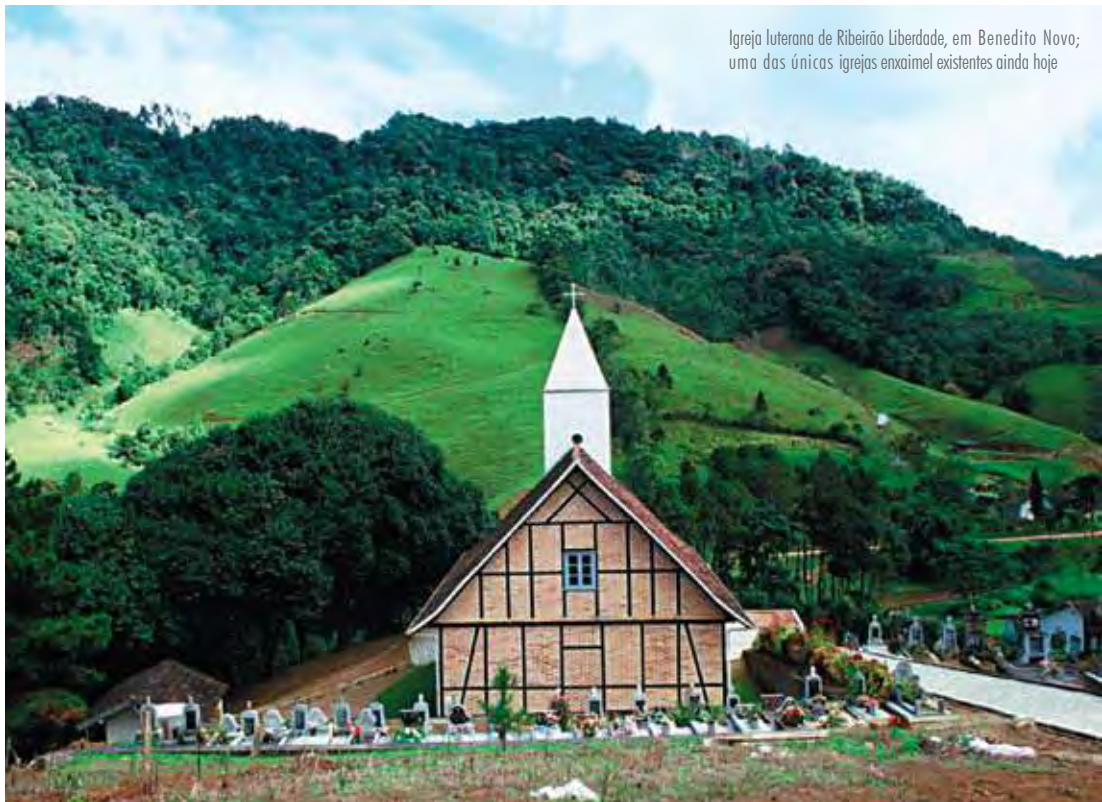
**Arquitetura religiosa** – A organização comunitária esteve sempre relacionada com as atividades religiosas, sejam católicas ou protestantes. Nos dois casos, a igreja não é uma entidade isolada. Aglutina uma série de funções sociais, que podem incluir a escola, a casa paroquial, a residência do padre, áreas de lazer e edifícios recreativos, como os salões, além de entidades assistenciais, como asilos e orfanatos.

Essa soma de funções acontece com mais frequência nas colônias italianas, ucranianas e polonesas, especialmente no que diz respeito à combinação religião/atividades sociais. A vida comunitária, assim como a estruturação espacial, está, nesses núcleos, muito mais ligadas à igreja do que nas colônias alemãs. Nestas, as igrejas compõem a paisagem rural e urbana, sobres-

saindo-se com as suas torres, mas sem interferir com tanta ênfase na vida social.

Quanto à implantação, a arquitetura religiosa assume parâmetros próprios: as igrejas são invariavelmente voltadas para as estradas e quase sempre construídas elevadas em relação à via pública, sendo usuais as escadarias frontais. O jardim é geralmente presente, antecedendo o templo. É comum, ainda que não indispensável, o cemitério integrar o conjunto religioso, instalando-se ao lado ou mais amiúde nos fundos da igreja.

A arquitetura é quase sempre dotada de torres, que ressaltam sua inserção na paisagem rural. As torres costumam ser inspiradas em motivos medievais e permitem uma distinção imediata: as italianas costumam inspirar-se nos campanários; as polonesas e ucranianas usualmente são dota-



Igreja Luterana de Ribeirão Liberdade, em Benedito Novo; uma das únicas igrejas enxaimel existentes ainda hoje





Interior da Igreja de Santo Estanislau, em alto Paraguaçu, Itaipópolis

das de bulbos metálicos, construídos no topo das torres ou até mesmo da nave; as alemãs quase sempre apresentam torres únicas, colocadas no eixo de simetria dos templos.

Merecem registro os vários seminários, em especial onde os grupos italianos são majoritários, e também os colégios filiados a entidades religiosas. Os seminários possuem grandes dimensões, construídos em alvenaria autoportante de tijolos, rebocados e tratados com ornamentos ecléticos.

Do ponto de vista tipológico, é possível distinguir as características da arquitetura religiosa de cada uma das regiões estudadas. No sul, prevalece a

arquitetura ligada às tradições construtivas italianas, edificada em tijolos, apresentando elementos clássicos e muitas vezes com campanários laterais, destacados do corpo da igreja. Os interiores são decorados e coloridos. No Vale do Itajaí e na região da Dona Francisca, a preponderância é dos luteranos, resultando em construções neogóticas, com portas e janelas dotadas de arcos ogivais e torres centrais. No norte do estado, com o predomínio de poloneses e ucranianos, destaca-se a antiga influência bizantina. As igrejas dos núcleos ucranianos (Moema, Xavier da Silva e Iracema), no interior de Itaipópolis, merecem destaque especial.



Igreja Luterana de Warnow, Indaial



**Arquitetura recreativa** – Ao contrário do que acontece nas comunidades de imigrantes italianos, poloneses e ucranianos, onde a igreja é o ponto focal das relações sociais, nas comunidades alemãs e luteranas as igrejas respondem quase que estritamente pela função religiosa. Nesses núcleos, as atividades sociais desenvolvem-se, principalmente, a partir da constituição de sociedades recreativas.

Tais instituições, como as sociedades de canto (*Gesangverein*), as de ginástica (*Turnverein*) e, em especial, as de Tiro (*Schützenverein*), tinham como objetivo preservar a cultura e o espírito esportivo e associativo entre os teuto-brasileiros. Vinculados a elas existiam grupos teatrais, pequenas orquestras ou bandas de música e grupos folclóricos.

Os salões e os clubes de caça e tiro identificam os núcleos de imigrantes germânicos, constituindo-se em presença obrigatória na formação dos seus núcleos urbanos e rurais. Os edifícios que abrigam essas atividades são avantajados e

construídos de maneira despojada, com as mesmas técnicas usadas nas casas e nos ranchos rurais. Os interiores são tratados com simplicidade, existindo sempre o balcão, próximo à entrada e de onde se servem as bebidas, e o salão amplo, por vezes com espaço alteado para a orquestra. É comum que a estrutura seja aparente e, na maioria das vezes, não existe forro.

Esses espaços rústicos cederam espaço a sociedades elitizadas, quando da urbanização e industrialização das colônias. Em Joinville, a tradicional Sociedade Harmonia Lyra, construída em estilo eclético, abrigou até o final do século XX as principais atividades sociais e culturais da então Dona Francisca. Em Blumenau, o Teatro Carlos Gomes, projetado pelo arquiteto alemão Erwin Bruner e inaugurado em 1939, passou a ser o centro cultural do município. Em São Bento do Sul instalou-se uma das Sociedades Literárias mais antigas da América, fundada em 1881 e existente até hoje.





**Arquitetura educacional** – As escolas tiveram um papel importante nas colônias, especialmente naquelas onde predominavam os alemães. O imigrante vivia em comunidades isoladas, praticamente sem contato com cidades e vilas brasileiras. Não via, assim, razão para que os filhos aprendessem português, e muitas escolas comunitárias foram erguidas em regime de mutirão pelos próprios colonos. Assim surgiram inúmeros conjuntos (escola e casa do professor). Dezenas dessas construções pontilhavam a paisagem rural. Durante a Segunda Grande Guerra, com a nacionalização das escolas e a proibição do ensino em alemão, a maioria delas foi abandonada, e poucos

exemplares restaram. As escolas e casas do professor foram tratadas com cuidados incomuns às moradias. São usuais os caibros trabalhados nas extremidades dos beirais, a colocação caprichosa de tijolos à vista nas fachadas, portas e janelas confeccionadas com zelo diferenciado.

Nas áreas italianas, polonesas, ucranianas e luso-brasileiras, era comum que a igreja ou instituições religiosas absorvessem as funções da educação e muitas vezes da recreação, principalmente nos núcleos rurais. Até hoje esses educandários mantêm-se entre as mais importantes instituições de ensino das regiões onde predominaram imigrantes católicos.

Escola Número 1, de Blumenau







Antiga prefeitura de Blumenau, hoje Secretaria de Cultura, com salas de teatro, exposições e oficinas



Prefeitura de Campo Alegre

Como regra, pode-se afirmar que a arquitetura institucional atualmente existente é quase toda formada por edifícios das primeiras décadas do século XX, construídos em especial entre 1930 e 1950, em alvenaria de tijolos autoportantes rebocados, para abrigar as Prefeituras Municipais e as Câmaras de Vereadores das colônias emancipadas.

**Arquitetura institucional** – Sobre a arquitetura institucional, pode-se dizer que de certa forma antecede a arquitetura das colônias de imigrantes, uma vez que os ranchos comunais que abrigavam os pioneiros não podem deixar de ser vistos como construções comunitárias que, embora provisórias, eram institucionais. Desses ranchos e da posição que ocupavam, originaram-se o arruamento das cidades e alguns de seus principais logradouros.

Como regra, entretanto, pode-se afirmar que a arquitetura institucional atualmente existente é

quase toda formada por edifícios das primeiras décadas do século XX, construídos em especial entre 1930 e 1950, em alvenaria de tijolos autoportantes rebocados, para abrigar as Prefeituras Municipais e as Câmaras de Vereadores das colônias emancipadas. Como esse período marcou a fase da nacionalização forçada, eles foram invariavelmente construídos em arquitetura apenas difusamente relacionada com as regiões de origem dos imigrantes. Apresentam sempre dois pavimentos, abrigando a Câmara de Vereadores e a Administração Municipal.



Cemitério de Testo Alto, Pomerode

**Cemitérios** – Os italianos agregaram os cemitérios às igrejas e é comum que construam sepulturas de grandes dimensões, quase capelas, edificadas em alvenaria de tijolos, ornadas com imagens de anjos e com aplicações em gesso e argamassa, muitas vezes com motivação neogótica ou neoclássica.

Os poloneses acompanham essa tendência, mas seus cemitérios são mais comedidos e caracterizam-se, nas áreas rurais, pela presença constante de cruzeiros singelas de madeira.

Os cemitérios alemães apresentam configurações variáveis. Embora existam pequenas construções de alvenaria, com nichos adornados por estátuas, as sepulturas costumam ser despojadas. Muitas têm lousas gravadas com recomendações e citações religiosas, acompanhadas dos nomes e datas de nascimento e morte. São comuns as cruzeiros metálicas, muitas trazidas da Alemanha.

O cemitério dos imigrantes em Joinville foi tombado pelo Iphan em 1942 e, atualmente, alguns outros encontram-se na lista dos bens protegidos em nível nacional, fazendo parte dos conjuntos urbanos e rurais tombados desde 2007, como os de Alto Paraguaçu e da Igreja de São Pedro e São Paulo de Moema, no município de Itaiópolis; e os que se encontram ao longo das estradas rurais de Testo Alto, em Pomerode, e Rio da Luz, em Jaraguá do Sul.

A alvenaria de pedra é encontrada em abundância na região de colonização italiana do sul do estado. São exemplares especiais as casas de pedra da Família Bratti, em Nova Veneza



**Arquitetura residencial** – Um grande número de moradias de pequenas proporções – executadas com os cuidados inerentes ao fato de terem sido edificadas com a participação direta dos proprietários e suas famílias – constitui o maior demonstrativo construído do episódio da imigração, sua evolução e seus desdobramentos. São bens numerosos, distribuídos às margens dos caminhos rurais, agregando ranchos e anexos ao conjunto residencial. Seus volumes característicos, formados pelos panos dos telhados, marcam as paisagens regionais.

Efetivamente, as casas dos imigrantes italianos, alemães, poloneses e ucranianos apresentam pou-

cas diferenças entre si no que se refere ao arranjo dos espaços de vivência e na implantação do complexo rural, embora demonstrem alterações visíveis em detalhes técnicos e nos partidos plásticos.

São comuns a todos os imigrantes quartos e salas frontais, porta principal no eixo de simetria, cozinha nos fundos ou na lateral, incorporada à casa ou pouco distante dela. Varandas frontais, celeiros e depósitos cercando os fundos ou as laterais das casas, quartos secundários nos sótãos ou nos compartimentos posteriores. Jardins emoldurando as fachadas, hortas nos fundos ou na lateral das moradias, pastagens entre as várzeas e as colinas.



Casa Fleith, na Estrada do Pico, Joinville





Cabanas rústicas dos primeiros moradores de "Schroedersort", segundo ilustração de Rodowicz

Imagem: Flickr, Carlos. *História de Joinville – subsídios para uma crônica da Colônia Dona Francisca*

## A PEQUENA PROPRIEDADE RURAL

A unidade econômica básica do processo dos imigrantes em Santa Catarina não era o povoado, nem as vilas ou cidades maiores, e sim a pequena propriedade policultora. A produção baseada na mão de obra familiar foi a peça-chave para o desenvolvimento e a sustentabilidade das propriedades, desde o tempo da colonização até hoje. A partir dessa base foi que se desenvolveram efetivamente os núcleos urbanos e, posteriormente, a indústria ganhou corpo.

A manutenção e a distribuição dos espaços e das construções dentro da propriedade eram características e derivaram da necessidade de adequação do lote às atividades desenvolvidas pela família. Em geral, prevalecia uma policultura aliada à criação de pequenos animais, que garantia a subsistência, somada a uma agricultura comercial ou uma pequena indústria caseira, que viabilizavam o sustento econômico da propriedade.

As casas rurais apresentam quase que uma única implantação, generalizada em todas as colônias, encontrada nas várias etnias e durante todo o período histórico em que foram mais fortes as influências das terras de origem dos imigrantes (entre 1850 e 1940). Estão normalmente recuadas

das estradas, embora guardando estreita relação com as vias, para onde geralmente estão voltadas. No Brasil, a tendência foi sempre a de dispersão: as várias funções, que na Europa, em virtude do frio, se aglomeravam em um grande espaço único, aqui se dividiam em unidades diversas. Somente na Colônia Dona Francisca, em Joinville, e em São Bento do Sul, foi que preservaram-se unidades compactas, onde a separação da casa e das demais unidades nem sempre está evidente.

### O abrigo

As primeiras acomodações dos imigrantes, tanto as comunitárias quanto as unifamiliares, eram rudimentares e feitas de estruturas simples e temporárias – muitas vezes de troncos de madeira, cobertos com palhas. Na época da fundação da colônia Blumenau, foi edificado um galpão rústico para instalar temporariamente os imigrantes. Esse galpão tinha estrutura enxaimel com vedações de pau-a-pique, guarnecidas de barro e cal. Conforme relatórios da Colônia, seguidamente apresentava problemas de conservação, devido à precariedade de sua construção, e a vulnerabilidade às chuvas e enchentes.



Propriedade Hornburg, Testo Alto, Pomerode. Implantação típica da região de imigrantes alemães



Sítio Tribess, em Pomerode. A implantação no lote é singular, guardando uma relação íntima com a topografia

Na atual Joinville, onde se implantou a Colônia Dona Francisca, a base também foi um galpão comunal, construído antes da chegada dos imigrantes pioneiros e destinado a abrigar os colonos recém-desembarcados. Uma xilogravura de 1850, publicada na *Illustrierte Zeitung*, na Alemanha, em 1851, apresenta os dois primeiros ranchos da Dona Francisca cobertos por palhas, estruturado com troncos verticais aparentemente fixados no solo, com as paredes vedadas também por troncos encaixados horizontalmente.

Depois do galpão provisório, os colonos se dirigiam para os lotes que lhes haviam sido destinados, com frequência encontrados sem demarcação e quase sempre cobertos por matas naturais. Durante a fase preliminar de instalação no lote, era comum a construção de uma cabana também provisória, quase uma choupana, feita em pau-a-pique e madeira vedada com barro e fibras e coberta com folhas de palmeiras.

Assim que as condições permitiam, construía-se a casa provisória, ainda pouco mais do que o abrigo dos primeiros dias, mas já dotada de

paredes, telhados, portas e janelas. Em alguns casos, essas construções intermediárias já se pareciam bastante com as construções que chegaram até os nossos dias.

Passada a fase pioneira, construía-se a casa definitiva, agora com materiais sólidos e com técnicas capazes de assegurar longa durabilidade. A opção foi, ainda neste caso, baseada principalmente em modelos derivados dos países de origem dos imigrantes. As casas enxaimel são derivadas de modelos alemães. As de tijolos autoportantes são comuns para alemães, italianos e poloneses. A pedra, aparente ou não, usual na Itália desde tempos ancestrais, é encontrada nas áreas povoadas por imigrantes italianos do sul, onde os arenitos são comuns. A madeira, disponível em grandes quantidades e a baixo custo, foi adotada por todas as etnias a partir da instalação de serrarias.

Uma quarta fase pode ser configurada quando, já no século XX, constroem-se edifícios baseados em modelos europeus; relacionados com o ecletismo e o *art déco*. O que seria uma quinta



Ilustração de um dos primeiros abrigos na Colônia Dona Francisca. Estrutura de madeira, com fechamento de pau a pique e cobertura de palha. Imagem: Ficker, 1965. pág. 77





Casa João Carlos Seefeldt, Joinville

fase, a do modernismo, quase sempre realça o desaparecimento das especificidades regionais.

Um fator relevante na análise da arquitetura do imigrante é o grau de padronização e de soluções comuns apresentado. Essa similaridade, perceptível nas várias colônias, sugere que a interação e as trocas de experiências construtivas foram bem maiores do que as fontes documentais hoje nos permitem conhecer.

### A planta básica

No caso dos imigrantes alemães e das principais colônias onde os contingentes predominantes vinham da Alemanha, pode-se falar em uma planta padrão, que permaneceu praticamente inalterada, nas várias regiões e independentemente da técnica construtiva utilizada. A origem desse módulo deve ter sido a otimização das peças que compõem as estruturas de telhados, pois os mesmos padrões, volumes e medidas prevalece-

ram tanto para a casa de enxaimel quanto para a de alvenaria autoportante, e depois também para a casa de madeira.

Mais de um especialista alemão considera possível a influência erudita na construção das casas que os colonos germânicos edificaram no Brasil. Baseiam-se em certa proximidade de volume e de programa com projeto desenvolvido, pela Universidade de Berlim, para a fixação de colonos alemães nas fronteiras orientais da Europa. A relação dessas casas com as construídas aqui pelos imigrantes, entretanto, parece remota e não é possível acreditar que os desenhos apresentados possam explicar os principais diferenciais da arquitetura edificada pelos imigrantes alemães no sul do Brasil.

A profundidade das casas dos imigrantes alemães é produto de uma espécie de módulo derivado da técnica construtiva utilizada na armação dos telhados. O volume das construções decorre principalmente desta espécie de módulo – defini-

do pela cobertura. A solução da estrutura das coberturas baseia-se nos chamados telhados de caibros. O sistema, simples e engenhoso, consiste em confeccionar sequências paralelas de tesouras primárias, formadas por apenas dois caibros (pernas), unidos em ângulo aproximadamente reto no topo e apoiados em um único barrote (base). Esse conjunto se responsabiliza por toda a carga absorvida pelos telhados. Trata-se de solução originária da Europa, extremamente adaptável às necessidades das regiões de origem dos imigrantes alemães, por ser de simples confecção, proporcionar telhados resistentes e permitir o uso dos sótãos. Amplamente conhecida por quem detinha os rudimentos da construção na Alemanha, seu uso acabou por generalizar-se no Brasil.

Para funcionarem estruturalmente, os caibros precisam estar bastante inclinados (boa parte da carga é transmitida verticalmente na base e horizontalmente no topo das peças do telhado), proporcionando o uso dos sótãos, perfeitamente sintonizados com a obtenção dos espaços compactos, ideais nos climas frios. Essa solução de telhados, em sua forma mais simples, encontra uma limitação: os caibros não podem ser demasiadamente extensos, pois os esforços de flexão passariam a ser demasiados. Para telhados maiores, é indispensável pensar em apoios e emendas, o que tornaria as estruturas das coberturas complexas e pesadas.

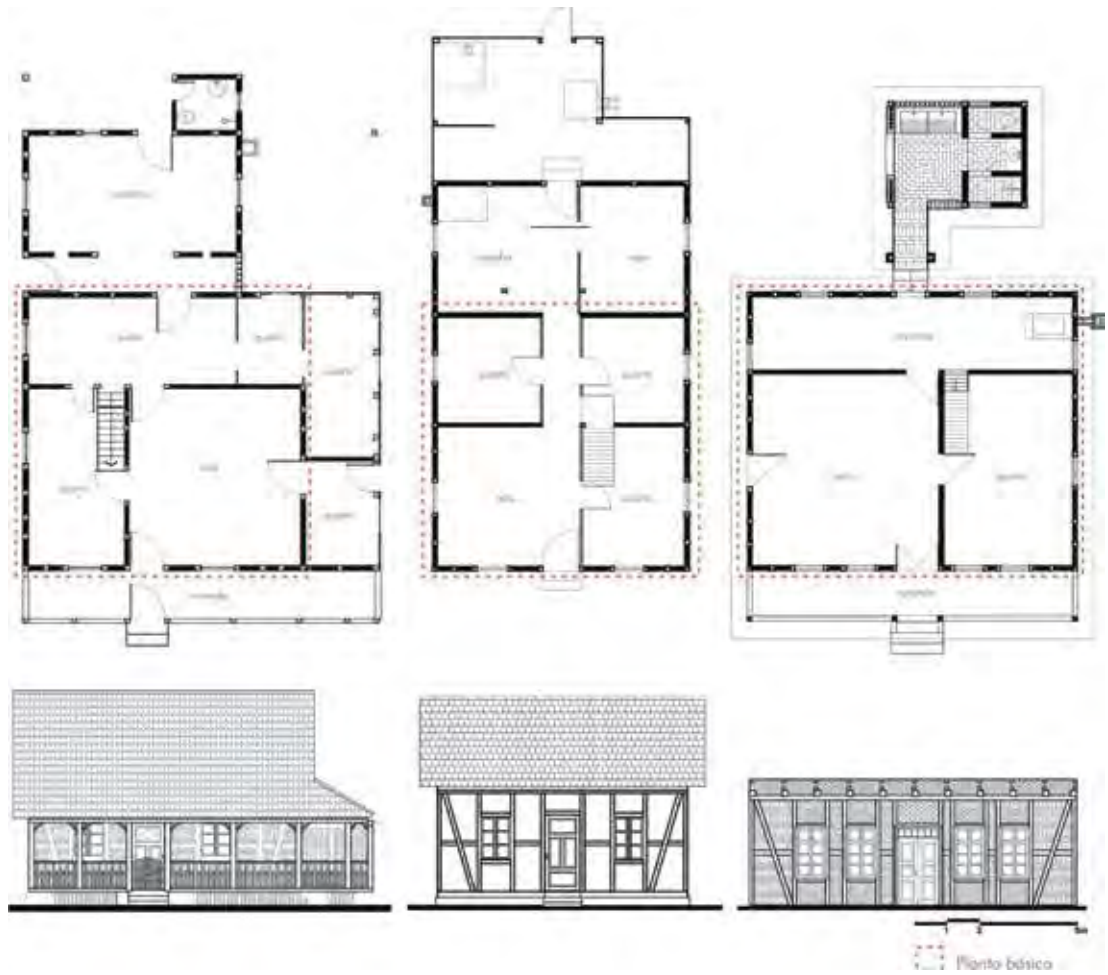
Decorre que a maioria das construções adapta-se a profundidades relativamente pequenas, apresentando plantas quase que invariavelmente retangulares, correspondendo a menor dimensão ao espaço coberto pelas duas pernas dos telhados de caibros – formando um módulo básico expresso pela empenas das edificações. Pode-se, então, admitir a existência de um módulo estrutural, que se manifesta pela empena das construções. Esse módulo é inquestionavelmente proveniente da Europa e constitui-se em baliza para toda a arquitetura que aqui denominamos de teuto-brasileira.

As constatações apresentadas transferem para a estrutura dos telhados, e não para a organização das plantas, as responsabilidades sobre a modulação básica da casa dos imigrantes alemães no sul do Brasil, em especial em Santa Catarina. As organizações em plantas, que sempre foram consideradas decorrentes das necessidades fundamentais e, portanto, as maiores responsáveis pelas definições e medidas do espaço construído da casa, ficam, assim, na condição secundária, de se estruturarem a partir dos espaços que os desvãos dos telhados lhe proporcionam.

Vários fatores concorrem para esta afirmação, como o fato de as modulações das casas não mudarem quase nada com o tamanho maior ou menor das famílias, a declividade dos lotes, o tipo de cultura agrícola, o material e a técnica de construção, o fato de o sótão atuar como dormitório ou como depósito, a ocorrência ou não dos porões. Mesmo quando as plantas se transformaram, adotando varandas e ampliando os espaços de estar, é comum que as estruturas de telhado permaneçam inalteradas, passando a apoiar os acréscimos construídos na fachada (varandas) ou nos fundos (cozinha ou quartos).

A planta padronizada apresentava as seguintes características:

- Dois compartimentos frontais – sala e quarto do casal – separados por parede, que pode ser de alvenaria, madeira ou enxaimel; no caso dos imigrantes poloneses, o corredor central participa da planta frontal estendendo-se até o setor dos fundos, com a função de distribuir o acesso ao interior da casa;
- Porta principal na fachada frontal, levando diretamente à sala;
- Sótão (sempre utilizado, como quarto ou depósito de grãos);
- Anexo, nos fundos ou na lateral, construído originalmente ou como ampliação, onde funciona quase sempre a cozinha;
- Escada para o sótão, localizada normalmente no compartimento menor (em geral o quarto), com arranque no espaço dos fundos.



Exemplos de módulos de planta básica identificados nas casas de Santa Catarina



– Varanda na frente da casa, com apoios em madeira ou tijolos, com peitoril guarnecido de parapeitos e treliças de madeira ou em trabalhos de alvenaria, intercalando tijolos de modo a formar vazios, quase sempre construída depois do módulo principal.

Sobre a questão da gênese da casa dos imigrantes alemães, vale considerar dois dados, ainda pouco relacionados. O primeiro diz respeito ao fato de que a quase padronização dessa arquitetura não foi fruto dos primeiros anos – os de implantação das colônias. As imagens de Blumenau, de Joinville, de Brusque e da Colônia São Pedro demonstram que, nos primórdios, a arquitetura foi diversificada, muitas vezes expressa através de um exotismo que desapareceu ao longo do amadurecimento dos empreendimentos coloniais.

O segundo fator, ainda pouco estudado, refere-se à possível influência exercida pelos colonos da Colônia São Pedro Alcântara, que logo depois da fundação de Brusque, Blumenau e Joinville, deslocaram-se para essas novas colônias, em busca do sucesso que não haviam colhido na primeira experiência. Na região da Colônia São Pedro, a arquitetura teuto-brasileira é sensivelmente diferente da que se construiu nos demais empreendimentos. Ali o imigrante interagiu muito mais com os “brasileiros” do caminho das tropas, das proximidades de Desterro e dos campos de Lages. A arquitetura mesclou-se de elementos da tradição local, em especial quanto às estruturas de madeira e inclinações dos telhados.

Nas coberturas, predominaram as soluções com peças de cumeeiras, terças e frechais, cobertas



Varanda da Casa Radoll, em Timbó



Casa em São Bonifácio, com cobertura de zinco, enxaimel simplificado e tijolos de tonalidades diferentes formando desenhos geométricos na fachada.

com telhas capa e canal – comuns em todo o Brasil. Os pilares, à maneira do pau-a-pique mineiro, são cravados no solo, prescindindo do travamento transversal característico da arquitetura enxaimel das outras colônias teutas do estado. Nota-se, na região da antiga São Pedro de Alcântara, que a arquitetura também tendeu, ao longo do tempo, para uma certa uniformização. As soluções, que foram se impondo nos mais de 20 anos que antecederam o nascimento dos outros empreendimentos, podem ter proporcionado pelo menos parte dos aprendizados que permitiram a padronização da arquitetura nas outras colônias.

### **Organização e variação de plantas**

A explicação para a organização das plantas domésticas é questão ainda em aberto, porque a dimensão e o volume das casas é um dos principais diferenciais da arquitetura dos imigrantes no

Brasil em relação a suas congêneres da Europa. No velho continente, as residências estavam embutidas em volumes normalmente maiores, não raro aptos a abrigar homens e animais durante os longos meses de inverno. O que na Europa foi concentrado em torno das fontes de calor, artificialmente produzido no interior das edificações, no Brasil precisou dispersar-se exatamente para dissipar as altas temperaturas que as particularidades da natureza ofereciam. O fogão afastou-se das áreas de dormir, os animais ganharam abrigos próprios, as aberturas ampliaram-se, as áreas externas impuseram-se.

Diante dos poucos recursos, da pequena segmentação social (quase todos eram agricultores em busca de melhores dias) e da oferta limitada de materiais (todos diretamente provenientes da natureza circunvizinha), a arquitetura tendeu a padronizar-se em torno de programas básicos.

No Brasil, os variados programas de organização doméstica existentes na Europa sofreram uma espécie de fusão e, com especificidades relativamente pequenas, italianos, alemães, ucranianos e poloneses reduziram a construção da casa a alguns poucos compartimentos, com vários pontos em comum, como o quarto e a sala frontais, tornando muitas vezes difícil a classificação das plantas das moradias apenas pelos países e regiões de origem dos imigrantes. Portanto, pode-se falar em uma quase padronização, que se expressa nos volumes e nas distribuições internas. A distribuição comum dos compartimentos deve ser atribuída principalmente aos estágios sociais equi-

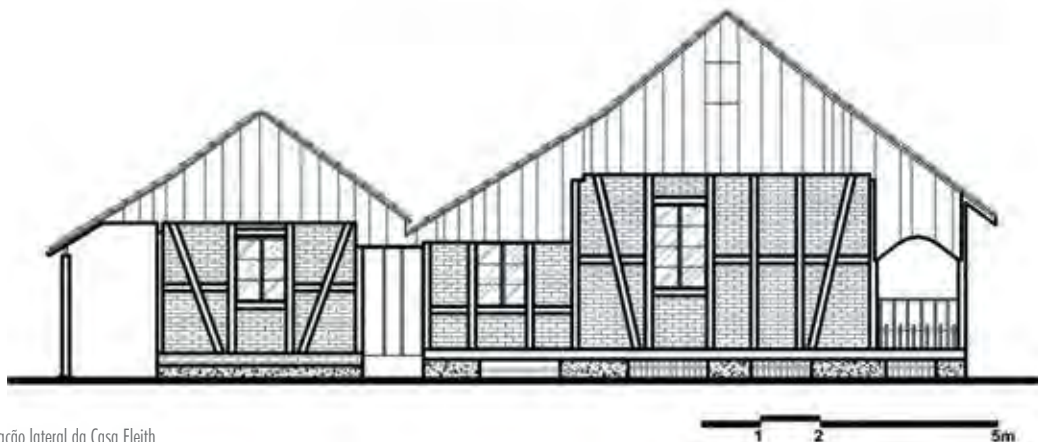
valentes, à diminuição dos volumes ao clima mais quente e à abundância de terras.

### A evolução da casa

É perfeitamente identificável, em todas as colônias, o elemento que podemos considerar o módulo básico da arquitetura residencial de Santa Catarina. Na casa de imigrantes alemães e poloneses, trata-se da parte da casa delimitada pelos caibros da cobertura frontal, à qual invariavelmente correspondem, em planta, o quarto e a sala principal. A cozinha, centro organizacional da casa primitiva nas regiões de inverno rigoroso, mudou-se para a periferia, muitas vezes para



Elevação lateral da Casa Schroeder



Elevação lateral da Casa Fleith





o exterior da casa, como atestam os numerosos exemplares preservados principalmente entre os imigrantes italianos. Esse módulo básico, que em elevação lateral se apresenta retangular, por vezes quadrado, encimado pelo frontão, conjugava as técnicas e os materiais construtivos disponíveis com o abrigo das funções essenciais e logo se tornou a base das adaptações necessárias ao clima e aos costumes que se estabeleceram no interior de Santa Catarina.

A adaptação se deu de forma simples: aumentando-se os telhados com caibros apoiados na estrutura básica e em frechais confeccionados sobre novos apoios, principalmente nos fundos e na frente das casas – mas por vezes também nas laterais. Na parte da frente, voltada para a estrada ao longo da qual se estabelecera a propriedade, instalou-se uma varanda, que passou a ocupar toda a testada do imóvel. Nos fundos, incorporada à casa principal, consolidou-se a cozinha, dividindo o espaço com o comedouro,

criando uma espécie de sala íntima, onde a família, rodeada de numerosas portas e janelas, convivia em volta do fogão e da grande mesa onde se faziam as refeições.

Essa solução – módulo central formado por sala e quarto, com sótão, tendo à frente a varanda e aos fundos a cozinha/jantar –, pode ser considerada a planta padrão de toda a região de imigrantes alemães e poloneses em Santa Catarina, e foi adotada com frequência pelos italianos do Vale do Itajaí. Essa configuração não difere em demasia da descrição que Lúcio Costa faz do volume da casa luso-brasileira, quando identifica um módulo principal a partir do qual, “como as asas de uma galinha que protege seus pintinhos”, a cobertura se estende e abriga funções agregadas aos usos e hábitos domésticos predominantes no Brasil.

Esses programas semipadronizados evoluíram, já no século XX, para soluções mais complexas, muitas vezes identificadas com o ecletismo. Varandas envidraçadas, mais de um ambiente de estar, esca-

das ligadas às áreas sociais, quartos mais amplos e arejados, instalações sanitárias e espaços de receber surgiram com as primeiras décadas do século XX e estenderam-se até meados do século. Essas moradias mais sofisticadas seguiam modelos estéticos e organizacionais europeus. É a fase do sucesso dos empreendimentos, quando os imigrantes mantinham contato com seus parentes que permaneciam na Europa, as correspondências eram fartas e as possibilidades de viagens muito maiores.

Essa trajetória de correlação com a Europa foi interrompida pela Segunda Grande Guerra, que gerou uma espécie de negação às origens – já que muitos dos países de procedência dos imigrantes entraram em estado de beligerância com o Brasil. As transformações internas e as rápidas transformações econômico-sociais, que trouxeram, entre outras mudanças, a industrialização e a urbanização, acabaram por relacionar a arquitetura residencial das áreas de imigração com o conjunto

da arquitetura de moradia no Brasil, tornando-as indistinguíveis a partir dos anos 50.

### Ranchos e anexos

A arquitetura rural de imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos no Brasil nunca prescinde de ranchos e anexos. São construções praticamente nunca pintadas, que guardam as cores naturais da madeira envelhecida ou mais raramente da alvenaria com que são construídas. Os ranchos poloneses e italianos apresentam volumes maiores, mais altos e compactos, nem sempre complementados por acréscimos laterais – muito mais comuns nos germânicos.

Nos ranchos construídos por imigrantes alemães e de origem eslava, a estrutura da cobertura baseia-se nos telhados de caibros, com a variação de que, nos lotes de descendentes de alemães, os acréscimos laterais são quase regra. Isso se justifica pela persistência dos imigrantes dessa etnia na construção de estruturas simples de caibros,



Rancho da Casa Radoll, em Timbó



Típico jardim de uma residência da região de imigrantes alemães em Pomerode. A profusão de espécies e o volume das árvores esconde a própria casa.

de dimensões modestas, e que acabam necessitando de anexos laterais, muitas vezes confeccionados juntamente com os volumes principais.

Entre os poloneses, onde o volume do telhado geralmente é maior – quase sempre com linhas altas e por vezes terças, que permitem coberturas mais amplas, os ranchos normalmente prescindem de ampliações laterais. Criam-se, assim, coberturas altas, vedadas com tábuas de madeira ou belas soluções de ripados, que permitem ventilação e aeração adequadas, internamente divididas por pilares e tabiques que estabelecem compartimentações variadas.

### **Jardim, pomar e horta**

Na área exclusiva de imigrantes italianos, parece ter ocorrido um número maior de implantações aproximadas dos modelos urbanos, resultando em casas mais próximas das estradas e um número menor de jardins grandes frontais. Nas áreas dos alemães, não é raro que a arborização do jardim sombreie toda a parte frontal do imóvel, permitindo

visualizar, da entrada do lote, apenas os amplos volumes dos telhados da casa e de seus anexos.

Os jardins podem ser organizados em canteiros, com pequenas delimitações em tijolos ou madeira, entremeados muito raramente de espaços gramados. O mais comum, entretanto, é que sejam desprovidos de qualquer elemento que não as plantas variadas, reservando-se caminhos de terra batida entre os canteiros geométricos de flores e frutos, plantadas sem ordem predeterminada. É usual que os jardins frontais sejam cercados, com telas metálicas ou ripados de madeira.

As hortas encontram-se frequentemente nas laterais das casas e mais raramente nos fundos. É comum que se entremeiem com as áreas cercadas os jardins frontais. Os pomares também podem estar situados nas laterais, mas é mais comum que ocorram nos fundos das casas. Nas áreas de imigrantes poloneses e, principalmente, naquelas em que se fixaram os italianos, as parreiras são obrigatórias, permitindo a tradicional fabricação do vinho.



## DETALHES CONSTRUTIVOS

**Pisos** – O piso mais presente na arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina é o assoalho de madeira, quase onipresente, encontrado em variadas larguras, comprimentos, espessuras, com ou sem requintes, em acabamentos ou rodapés. Os assoalhos de madeira foram usados nos quartos, salas, cozinhas, sótãos e varandas. Evoluíram dos tabuados largos, falquejados e acabados a enxó das primeiras casas rurais para modelos urbanos confeccionados, já no século XX, com madeiras mais estreitas, dotadas de bordas que emolduram, por vezes, cada um dos compartimentos, formando desenhos geométricos. Não raro tiraram partido da tonalidade clara e escura dos variados tipos de madeira, principalmente das canelas e perobas.

Os assoalhos mais antigos são facilmente identificados pela grande dimensão das tábuas (em especial pela largura) e pelo aspecto rude do seu

sistema de corte, beneficiamento e encaixe lateral. Foi só no século XX que se difundiu o encaixe macho e fêmea, substituindo o meia madeira e o junta seca dos primeiros tabuados de piso.

Comuns a partir do final do século XIX, os ladrilhos hidráulicos foram utilizados mais largamente em edifícios de uso comunitário, em especial nas igrejas e nos estabelecimentos comerciais. Nas moradias, sempre elevadas do solo, foram raros, surgindo mais amiúde em modelos ecléticos construídos nas áreas urbanas e rurais, ou na construção dos banheiros integrados às casas, já na segunda metade do século XX.

**Forros** – Os forros também evoluíram, a partir da dimensão maior das peças encontradas nos modelos mais antigos, para uma espécie de padronização de 10 a 15 centímetros, nas construções mais recentes. Também se transformaram em função do tipo de encaixe lateral do tabuado

Exemplos da diversidade de pisos encontrados nas regiões de imigração



de forração. Originariamente, as tábuas de forro eram fixadas lateralmente umas às outras, ou nos compartimentos de fundos das casas enxaimel, onde os forros acompanham a inclinação dos caibros por justaposição, pregando-se a extremidade de cada unidade sobre a peça vizinha, sucessivamente, o que resulta em uma solução do tipo escamada. Mais raramente, mata-juntas também foram utilizadas.

Com a evolução dos equipamentos, a especialização dos trabalhos e a ampliação do número de serrarias, ganharam espaço os encaixes do tipo meia madeira, que permitiram novas possibilidades de forração, inclusive dos saia e camisa, comuns em todo o Brasil e também entre os imigrantes das variadas etnias, com ênfase para os italianos. Os forros são menos notáveis na arquitetura teuto-brasileira do que nas demais. Entretanto, em modelos urbanos construídos a partir de 1890 encontram-se exemplares de grande esmero, na arquitetura de todas as etnias.

**Encaixes** – Aspecto significativo na arquitetura dos imigrantes são os encaixes de madeira, produzidos principalmente nas estruturas de cobertura e na união das peças das armações enxaimel. Na essência, a estrutura enxaimel da arquitetura teuto-brasileira é a junção, através de encaixes e cavilhas de peças transversais e horizontais de madeira, assentadas em grandes baldrames de madeira, suspensos do solo sobre sapatas altas de pedra ou alvenaria de tijolos – muito mais raramente sobre sapatas de madeira, mais comuns em construções de imigrantes eslavos. Em cada plano dessas estruturas, duas peças inclinadas respondem pelo contraventamento de cada uma das faces – que são montadas no chão, encaixadas e numeradas – para em seguida serem erguidas – muitas vezes em regime de mutirão. Detalhe fundamental é a ausência de pregos nessas estruturas, fixadas através de cavilhas de madeira inseridas em furos produzidos por puas manuais.



Na maioria das casas, o forro é formado pelo assoalho do sótão. Neste caso, o barroteamento fica aparente. De cima para baixo, casa Helmut Ulrich, Guabiruba; forro da cozinha, casa Norberto Zimath, Timbó; casa Helmut Lümke, Pomerode





São variados os tipos de encaixes, especialmente nas estruturas enxaimel, que prescindem de pregos ou outros elementos metálicos.

A partir de cima, encaixes diversos na Casa Ulrich, em Guabiruba, exemplar singularizado especialmente pela maestria da estrutura enxaimel; excepcionalidade dos encaixes encontrados em um rancho, em Luis Alves; detalhe da junção dos esteios e peças horizontais nas estruturas enxaimel e junção dos caibros no telhado da Casa Ulrich





Painéis com desenhos de tijolos na Casa Oldenburg, Jaraguá do Sul



Colocação esmerada dos tijolos na empena da Casa Duwe, Indaial



Empena do Salão Hammermeister, com desenhos geométricos formados a partir da colocação de tijolos de tonalidades diferentes



Painéis da Casa Meyer, em Jaraguá do Sul

**Colocação de tijolos** – O uso dos tijolos aparentes, tanto no Brasil quanto na Europa, pode ser facilmente classificado em duas vertentes distintas: as alvenarias autoportantes e as alvenarias associadas ao enxaimel. Nos dois casos, a arquitetura é realçada pelos tijolos, cozidos com colorações e texturas diferenciadas, além de valorizados por fugas brancas, formadas por argamassa especial de rejunte, feito de cal e areia. Pode-se dizer que a profusão do uso dos tijolos à vista particulariza a arquitetura dos imigrantes em Santa Catarina.

O uso de paredes edificadas com tijolos aparentes é usual em todo o centro-norte da Europa, sendo comum na Inglaterra, na Holanda, e em todo o norte da Alemanha, estendendo-se até as planícies da Ucrânia. A arquitetura enxaimel, de origem medieval, teve seu uso propagado, na França, Inglaterra, Bélgica, Holanda e Alemanha.

Principalmente da Alemanha, vem a tradição de executar desenhos geométricos entre as peças da estrutura, tirando partido da colocação e da coloração dos tijolos. Essa tradição está exemplarmente representada em Santa Catarina, com uma profusão dificilmente encontrada em qualquer outra região fora da Europa.

Tanto nas construções de alvenarias autoportantes, quanto nas enxaimel, foi comum tirar partido plástico dos tijolos, trabalhados de modo a permanecerem aparentes nas fachadas externas. Essa solução diferencia os edifícios, destacados pelos cuidados dos acabamentos de colocação e confecção dos tijolos, com suas texturas, cores quentes e variadas. As alvenarias de tijolos aparentes se baseiam na interação entre a função (de edificar as paredes) e a estética. O uso da técnica produziu exemplares de grande expressividade,



Casa Ivanir Cancelier. Esquadrias tipicamente italianas

Casa Ristow. Janelas com bandeiras móveis



Casa Volkman, em Pomerode





As esquadrias em geral e as portas em particular são sempre ricas em detalhes, cores e texturas. De norte a sul de Santa Catarina, italianos, alemães, ucranianos, poloneses, entre outros, deixaram também nas esquadrias as marcas do seu esmero construtivo

À esquerda, casa Ovídio Siewert, à direita, casa Hornburg







Escada que dá acesso ao sótão da Casa Helmut Lümke, em Pomerode. Simplicidade e grande inclinação caracterizam as escadas das casas teuto-brasileiras



Casa Ivanir Cancellier

em todas as colônias de imigrantes, sendo mais comuns, pela ordem, entre os alemães, os poloneses, os ucranianos e os italianos.

**Esquadrias** – As portas centralizam as composições das fachadas frontais, quase sempre marcadas por composições simétricas. Frequentemente são trabalhadas, muitas vezes almofadadas, outras com apicoados, sendo comum a divisão em painéis delimitados por travessas e marcos verticais. Elementos em losangos, retângulos e quadrados são tratados em relevo. Formas circulares são raras. As pinturas das portas principais constituem caso à parte, com ocorrências de verdadeiras obras da arte popular, com cores diversas aplicadas aos planos, entalhes e sobrevergas da porta. São comuns, também, pequenas bandeiras envidraçadas, que arrematam a composição do acesso principal da casa.

Já as janelas apresentam-se quase sempre com vidraças de consideráveis proporções, tendendo ao quadrado. São sempre pintadas de uma só cor (nas casas italianas é comum que não haja pinturas). Na arquitetura teuto-brasileira quase nunca existe folha de madeira ou qualquer tipo de veneziana ou proteção suplementar às janelas.

**Escadas** – São em madeira, simples e funcionais. Em função do maior aproveitamento do sótão e da necessidade de economia do espaço térreo, apresentam grande inclinação e são formadas, essencialmente, pelos espelhos e degraus quase da mesma dimensão, raramente secundados por corrimão que, quando existente, é desprovido de qualquer ornamento. Só em algumas poucas casas que seguem modelos urbanos, erguidas nas primeiras décadas do século XX, que ocorrem escadas esmeradas, dotadas de degraus de convite e corrimãos trabalhados.

Nas casas alemãs, as soluções estudadas tendem a apresentar inclinação acentuada, ocupando estreito corredor e interligando o compartimento dos fundos com o sótão. Nas casas italianas, as soluções são mais variáveis, apresentando-se muitas vezes em “L”, instaladas nas salas frontais ou em um dos quartos (quase sempre no menor), ou ainda na cozinha. Entre os imigrantes poloneses, onde o corredor central é mais frequente, as escadas muitas vezes se situam nesse espaço de comunicação/transição.

As escadas externas de acesso, confeccionadas sempre em alvenaria de tijolos ou pedra, são igualmente singelas e apenas em alguns poucos exemplares, quase sempre construídas em alvena-

ria autoportante de tijolos à vista, assumem papel de destaque na composição da fachada. Nesses casos, desenvolvem-se em meia lua e proporcionam acesso à varanda ou à sala frontal do edifício.

**Guarda-corpos** – Os guarda-corpos são elementos funcionais que muitas vezes aliam aspectos estéticos de grande interesse. Podem ser trabalhados de três maneiras principais: em madeira, em alvenaria aparente de tijolos e em balaústres de cimento. São encontrados, também, modelos mais recentes, formados por elementos cerâmicos vazados.

Os guarda-corpos de madeira são os mais numerosos e apresentam desenhos variados, na maior parte das vezes trabalhados no topo e proporcionando, em muitos casos, um efeito plástico singular

À esquerda, guarda-corpo trabalhado da Casa Reinecke, em Timbó, e à direita, detalhe do guarda-corpo da Casa Erich Hardt, em Pomerode, também conhecida como Casa da Varanda





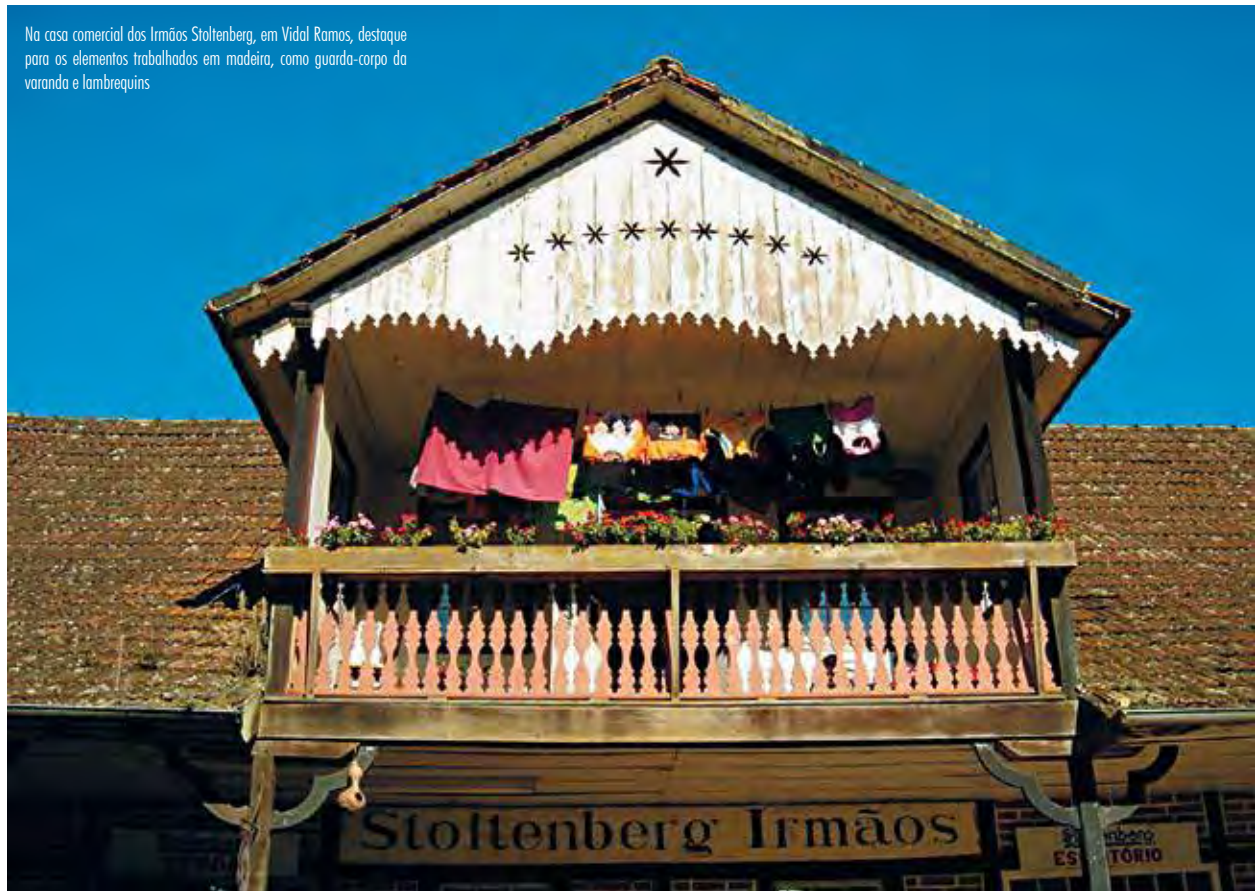
Acima, casa na Itoupava Rego, Blumenau

Ao lado, guarda-corpo da Casa Siebert, conhecida como Pousada da Estufa, em Pomerode





Na casa comercial dos Irmãos Stoltenberg, em Vidal Ramos, destaque para os elementos trabalhados em madeira, como guarda-corpo da varanda e lambrequins



na fachada. São relativamente comuns, em especial nas regiões norte e nordeste do estado, mas por vezes também no Vale do Itajaí, os guarda-corpos trabalhados com tábuas de madeira, formando diferentes desenhos e composições geométricas.

Os guarda-corpos de alvenaria autoportante de tijolos aparentes são igualmente numerosos. Podem ser encontrados em todos os grupos de imigrantes, mas são mais comuns entre os alemães do Vale do Itajaí. Os tijolos podem estar dispostos de maneira variada, intercalando espaços vazios e formando desenhos, valendo-se de coloração diferenciada, fixados na horizontal, na vertical ou inclinados.

**Lambrequins** – Esses elementos decorativos, confeccionados em madeira, ocorrem nas edificações de influência italiana, ucraniana e, em especial, polonesa, e são menos comuns nas teuto-brasileiras. Constituem-se em pequenas peças unitárias, que se somam para formar linhas decorativas. Estão muito presentes no norte do estado, associados ao ciclo madeireiro e aos imigrantes poloneses e ucranianos. Vêm aplicados tanto nas varandas como nas empenas de casas, igrejas, oratórios e, menos frequentemente, em casas comerciais e escolas. Os lambrequins metálicos são raros em Santa Catarina.



Em Santa Catarina, os lambrequins aparecem especialmente nas regiões de colonização polonesa, porém há registros de exemplares entre os grupos de imigrantes

Acima, detalhe de lambrequins da Casa Lúcia Buba, e ao lado, lambrequins e mãos-francesas da Casa Polaski, ambos em Itaiópolis





Na foto superior, detalhe do guarda-corpo de madeira da Casa Ristow, em Indaial. À esquerda, guarda-corpo de madeira da escada que dá acesso ao coro na Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Indaial. Acima, detalhe da escada da Casa Polaski, em Alto Paraquacú, Itaiópolis





## ORNAMENTAÇÃO INTERNA

As casas de imigrantes normalmente são despojadas internamente. As paredes são invariavelmente caiadas, com tonalidades claras, em especial o branco, o gelo e diversas tonalidades de cinza. Também aparecem tons de rosa, verde e azul, notadamente nos imóveis dos poloneses. Em todas as regiões, as paredes e os compartimentos internos são quase sempre rebocados, havendo raras exceções, como, por exemplo, nas casas de madeira, que não são revestidas, prevalecendo a textura do material usado na vedação das paredes. Com frequência as paredes internas se apresentam pintadas, às vezes ornadas com pinturas em barras, notadamente na sala frontal. A conjugação das pinturas internas com a fixação de quadros e molduras confere a muitas casas uma ambiência especial. Fotos de família, quadros e bordados com ditados e dizeres religiosos, pinturas de paisagens e imagens de membros da família real alemã, italiana ou polonesa, bem como santos, papas e personagens ligados à devoção cristã constituem os motivos principais.

**Pinturas** – As casas são sempre pintadas internamente, com tintas à base de cal, em cores normalmente neutras. É comum que se encontrem pinturas decorativas, usualmente confeccionadas em barras, nos compartimentos principais. As pinturas murais integram o rol das artes po-

pulares em todas as regiões de onde vieram os imigrantes para Santa Catarina e os exemplares catarinenses exemplificam com eloquência a familiaridade com interiores ornados por pinturas singelas, baseadas em modelos geométricos aos quais se adicionam motivos florais.

**Bens móveis** – Os poucos registros do mobiliário de casas de imigrantes e outras edificações civis e religiosas, expressam a primazia do trabalho de marcenaria com que as peças móveis eram comumente confeccionadas. De singelos cabides, porta-chapéus, cadeiras e mesas, até camas e cristaleiras primorosamente executados, pode-se notar diversas tipologias específicas, derivadas de tradições europeias. Infelizmente, muito do mobiliário foi perdido, substituído em verdadeiras operações de saque por peças novas, de qualidade muito inferior. São raros os casos como o da Família Bez Fontana, em que persistem os móveis antigos na quase totalidade dos cômodos.

Ainda existem, entretanto, em centenas de propriedades, verdadeiras joias da arte popular, na forma de guarda-louças, guarda-roupas, mesas, cadeiras, bancos, camas, berços e armários, além de louças, talheres, utensílios de cozinha e instrumentos agrícolas de grande valor cultural.



Casa Felipe Wacholz, Pomerode



Vista interna da sala da Casa Duwe, em Indaial



Casa Ristow, Indaial





Casa Eugênio Hardt, Joinville



Casa Duwe, Indaial



## O PATRIMÔNIO IMATERIAL

**A língua** – O uso da língua das regiões de origem de muitos dos variados grupos étnicos que vieram para Santa Catarina foi cultivado, de geração em geração, e até hoje está presente em todas as áreas de imigração. Aprendia-se o português na escola, para comunicar-se com o mundo exterior, realizar os negócios, fazer compras, conversar com os “brasileiros”. Mas dentro de casa utilizava-se sempre o falar de origem, tradição hoje ameaçada, mas que se mantém em muitas das regiões.

Mesmo com a proibição do uso de línguas estrangeiras no Brasil durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, em especial o italiano, o alemão e o japonês, países então em guerra com o Brasil, as línguas dos imigrantes permaneceram faladas nos ambientes comunitários e nos espaços domésticos, e continuaram sendo um fator importante para a afirmação de suas identidades. Atualmente, diversos municípios reintroduziram as línguas tradicionais nos currículos escolares, mas o estímulo ao uso doméstico dos falares, mantendo as tradições familiares de transmissão das especificidades culturais, parece ser a forma mais eficaz de preservação dessa importantíssima vertente do patrimônio dos imigrantes.

A igreja foi, ao lado das escolas, um elemento importante para a manutenção das tradições linguísticas. As festividades tradicionais, a música e

o resgate do folclore são igualmente importantes, estando presentes hoje na maioria das regiões povoadas por imigrantes. Os luteranos preservam textos, ditos e cânticos em alemão; na região italiana renasceram inúmeras bandas, corais e grupos folclóricos que valorizam os dialetos; no norte do estado, existem áreas onde a leitura é cultivada através dos escritos bíblicos e do uso do calendário ortodoxo, e as missas são celebradas em ucraniano.

**Culinária e hábitos alimentares** – Os imigrantes trouxeram consigo hábitos alimentares à base de cereais (trigo, aveia, centeio, entre outros), dieta dos camponeses europeus que substituíam a alimentação baseada em carnes. Assim, a cultura do trigo e da vinha é introduzida no Brasil pelos italianos e, ainda hoje, pão e vinho são elementos emblemáticos na dieta dos seus descendentes. O pão foi igualmente importante para alemães e poloneses e, devido à dificuldade do cultivo do trigo ou do centeio, seu preparo era muitas vezes feito à base de milho, aipim ou outros tubérculos.

Na região dos alemães, os marrecos, os suínos, os embutidos de carne de gado, os repolhos temperados de maneira característica e as batatas estão sempre presentes. Gasosas, cervejas, aguardentes e conhaques tratados com frutas de sabor amargo também são usuais entre esses imigrantes. Entre os italianos é indispensável o



vinho, que até poucos anos era produzido em praticamente todas as propriedades rurais. Polentas, massas feitas em casas, molhos diversos, embutidos de carne, galletos, saladas e queijos compõem os cardápios básicos das áreas onde predominam imigrantes oriundos da Itália.

**Festas** – Os festejos são variados e na maioria das vezes assumem conotações regionais. Podem ser classificados em religiosos e profanos, ou em cívicos, comunitários e familiares, já que todas essas modalidades foram ou são praticadas. Destaque-se que, entre os italianos, poloneses e ucranianos, a igreja e as festas religiosas predominam, assumindo boa parte das atividades de lazer comunitário dos agricultores e moradores urbanos.

Entre os alemães, os Clubes de Caça e Tiro e os salões de bailes e de bolão são os espaços preferenciais dos encontros e festejos. É nos clubes que ocorrem as festas que culminam

com a indicação de reis e rainhas, resultado de disputas de tiro ao alvo. Essas festas são seguidas de bailes, puxados pelo som de conjuntos regionais. Clubes e salões possuem cozinhas que permitem jantares e almoços sociais complementares aos festejos.

Entre todos os grupos de imigrantes, as festas familiares apresentam destaque. Entre italianos, poloneses e ucranianos, muitas vezes celebram-se, nas igrejas e nos salões paroquiais, as festas comemorativas dos casamentos e também de seus desdobramentos, como bodas de prata e de ouro.

**Grupos folclóricos** – São numerosos os grupos folclóricos existentes em todas as regiões de imigrantes de Santa Catarina. Italianos, alemães, poloneses e ucranianos mantêm principalmente corais, conjuntos musicais e de dança, que preservam indumentárias, músicas e tradições seculares, trazidas para o Brasil pelos imigrantes.





O pão é importante entre todas as etnias de imigrantes. Tradicionalmente feito à base de trigo e centeio, sofreu adaptações em terras brasileiras, tendo ingredientes incorporados e outros substituídos. Na Casa Erwin Arndt, em Pomerode, o pão é feito e assado artesanalmente toda a semana, suprimindo as necessidades da família.



Na pequena propriedade, milho, mandioca e batata nunca faltam, assim como uma pequena criação de aves (gansos, marretos, galinhas). São a base da alimentação diária e dos pratos típicos.



Compotas de doces e conservas variadas fazem parte dos hábitos alimentares trazidos pelos imigrantes



O vinho é indispensável nos núcleos de descendência italiana e normalmente armazenado em garrafas



## A PAISAGEM CULTURAL DAS REGIÕES DE IMIGRAÇÃO

O conceito de Paisagem Cultural, utilizado pela UNESCO desde 2000 e recentemente aplicado pelo Iphan, norteia a proposta de proteção do patrimônio da imigração no Brasil. Ao reconhecer a noção de que a integridade de uma paisagem só existe e continuará existindo a partir de uma ação que viabilize a permanência de condições ambientais, econômicas, sociais e culturais que a conformam, passou-se a trabalhar noutro patamar de preservação, que necessariamente envolve uma gama de instituições e órgãos governamentais.

Nesse sentido, a harmonia e a qualidade das paisagens devem ser vistas como pressuposto de políticas adequadas, e o reconhecimento do equilíbrio e das especificidades das paisagens e das culturas locais deve passar a integrar as políticas de desenvolvimento do país. Assim, a cultura deve necessariamente participar ativamente das verdadeiras estratégias da educação, do desenvolvimento urbano e rural, das noções de qualidade de vida e dos anseios de conforto e de modernidade da sociedade.



Indaial



Paisagem típica das áreas rurais do Vale do Itajaí







## O inventário da imigração em Santa Catarina

Desde 1983 o Iphan, juntamente com prefeituras municipais e o órgão estadual de proteção de patrimônio, vem estudando e mapeando os bens que constituem o patrimônio cultural da imigração em Santa Catarina.

Ao longo do processo de conhecimento e inventário do patrimônio cultural do imigrante em Santa Catarina, mais de 40 municípios foram visitados e mapeados. O detalhamento das informações obtidas variou desde um reconhecimento expedito (registro fotográfico e em base cartográfica) até o preenchimento de fichas cadastrais completas (com histórico, entrevista com moradores e levantamento arquitetônico detalhado) das propriedades de maior relevância e com propostas de tombamento federal.

Na sequência, procedeu-se a um mapeamento dos municípios que possuem o acervo mais expressivo, em quantidade e relevância de bens, com propostas de tombamento federal. Destaca-se o Vale do Itajaí, de colonização predominantemente alemã e italiana, com cidades formadas a partir da implantação e expansão da Colônia Blumenau. Na região nordeste, assinalam-se as cidades da antiga Colônia Dona Francisca, incluín-

do Joinville, Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul. Entre o Vale do Itajaí e o norte, no Vale do Itapocu, destaque para a Colônia Hansa, que deu origem a várias outras cidades, sendo a maior, Jaraguá do Sul. No norte do estado, onde os imigrantes oriundos da Polônia e da Ucrânia foram muito numerosos, o mapeamento abarcou a região que vai de São Bento do Sul a Mafra, com especial destaque para Itaiópolis. As cidades decorrentes da antiga Colônia São Pedro de Alcântara, originalmente instaladas ao longo do caminho que ligava a Ilha de Santa Catarina à Vila de Lages, também foram mapeadas. Concluindo o roteiro, os estudos se estenderam também ao sul do estado, especialmente Orleans, Urussanga e Pedras Grandes, onde predominaram os imigrantes vindos da Itália.

### Planalto Norte e Vale do Itajaí

#### Mapas 1 e 2

Ascurra – 7.418 habitantes

Indaial – 46.482 habitantes

Timbó – 32.836 habitantes

Rodeio – 11.012 habitantes





Casa Buzzi, em Ascurra



Casa em Ascurra



Casa Merini, em Ascurra



Casa Miguel Poffo, em Ascurra



Casa Patronieri, em Ascurra



Casa Possamai, em Ascurra



Igreja enxaimel, em Ascurra

Fachada do Colégio São Paulo, no centro de Ascurra



Pátio do Colégio São Paulo, em Ascurra











**Mapa 1**

TIMBÓ/INDAIAL/ARAPONGUINHOS  
Warnow Grande  
Ribeirão São Pele

- Unidades sem identificação e/ou grupo
- Unidades com proposta de financiamento municipal
- Unidades com proposta de financiamento estadual
- Unidades com proposta de financiamento federal

0 1000 2000



Casa Fronza, em Rodeio



Casa Gotardi, em Rodeio



Casa Tamanini, em Rodeio



Casa Tamanini, em Rodeio

Ascurra e Rodeio são dois municípios formados pela expansão da Colônia Blumenau a partir de 1875, com a introdução de imigrantes italianos. Assim como em Rio dos Cedros e em alguns casos em Timbó, é possível identificar edificações de características teuto-brasileiras com proprietários de sobrenome italiano. Nesses municípios, localizados às bordas da colônia alemã, observa-se interessante mescla entre tradições construtivas e padrões estéticos oriundos da Alemanha e Itália.

Em Ascurra, destacam-se as localidades de Guaricanas – ainda não pormenorizadamente inventariada – e Ribeirão São Paulo, onde se encon-

tram algumas das propriedades mais significativas do município. Próximo ao centro, a Casa Buzzi singulariza o conjunto com suas proporções clássicas. A partir da Casa Buzzi, seguindo a estrada que serpenteia o Ribeirão São Paulo e segue até a localidade de mesmo nome, é possível avistar as casas Merini, Miguel Poffo (entrando numa pequena estrada à direita, que vai à Vila Nova), seguida pelas casas Poltronieri e Leandro Possamai.

Rodeio é outro município que se orgulha da ascendência italiana de muitos de seus habitantes, mais especificamente da região de Trento. Na estrada que leva a Timbó, destacam-se algumas edificações que singularizam a paisagem. Mais



até que em Ascurra, são comuns na área rural de Rodeio as casas que misturam técnica enxaimel, com alvenaria de tijolos aparentes e elementos em arco pleno. São alguns exemplares de destaque: a Casa Fronza, em alvenaria autoportante de tijolos aparentes; a Casa Gotardi, também em alvenaria de tijolos aparentes e varanda frontal em arcos; a Casa Tamanini, em alvenaria de tijolos rebocados, com cozinha lateral separada do corpo principal e pinturas nos cômodos internos; as Casas do Conjunto Hering, uma em alvenaria aparente e outra enxaimel; e a Casa Sardagna, em enxaimel simplificado e com o módulo da cozinha em madeira.

Ao longo da estrada que vai de Ascurra à localidade de Warnow, em Indaial, é possível contem-

plar belas vistas do Rio Itajaí-Açu. Alguns pontos são mais densamente ocupados por loteamentos recentes de baixa renda (entre a periferia de Ascurra e de Indaial). É nesse contexto que se encontra uma das últimas igrejas enxaimel da região – a outra é a Igreja da Liberdade, em Benedito Novo.

Em Indaial, o conjunto de Warnow caracteriza-se como um pequeno vilarejo, composto por duas grandes casas comerciais (o Comércio Enxaimel e a Casa Höeschl, antigos secos e molhados), a Igreja, a Ponte de Madeira Coberta e um número significativo de casas enxaimel ou em alvenaria autoportante de tijolos aparentes ou rebocados. Seguindo a estrada que parte de Warnow, antes



Conjunto Hering, em Rodeio



Conjunto Hering, em Rodeio



Rancho Fronza, em Rodeio



Casa Sardagna, em Rodeio







Comércio Höeschl, em Indaial



Casa Carlos Höeschl, em Indaial



Casa Helga Reiter, em Indaial



Igreja Luterana de Warnow, em Indaial

de passar a ponte de madeira, em direção ao sul, chega-se a outra obra-prima da arquitetura vernacular da imigração: a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Outro lugar singular por sua paisagem rural, pontilhada por inúmeras propriedades de interesse, é a localidade de Encano, localizada ao sul do centro de Indaial (direção oposta a Timbó). Como a maioria das áreas rurais da imigração, sua estrutura é formada por lotes coloniais distribuídos ao longo de estradas que acompanham o rio na sua margem direita e esquerda. Pela estrada que segue a margem esquerda do Rio Encano, chega-se à Casa Ristow, implantada em meio à paisagem notável, construída na técnica enxaimel de tijolos aparentes, com varanda frontal com guarda-corpo

de madeira excepcionalmente trabalhada. Antes de chegar à Casa Ristow, entre outras propriedades destacam-se também as casas Lorival Hersing e Luíza Schroeder, todas tombadas pelo Iphan.

Indaial e Timbó são cidades praticamente conurbadas, separadas pela SC470. A principal via que liga os dois centros urbanos é a SC477, também conhecida como Via Haas, originalmente a estrada da margem esquerda do Rio Benedito, onde se localizam duas importantes edificações: a Casa Reinecke e a Casa Ewald. A partir da Via Haas, tomando outra estrada na direção oeste, chega-se à localidade de Araponguinhas, na divisa entre os dois municípios. Por ser uma área periférica de ambos centros urbanos em expansão, o lugar tem sofrido forte descaracterização da sua





Estação Ferroviária de Warnow, em Indaial



Casa Hilário Bratz, em Indaial

Comércio enxaimel, em Indaial







Ponte de madeira coberta, em Indaial

paisagem, a partir da introdução de loteamentos residenciais recentes.

Em Araponguinhas, a Igreja Luterana é mais um exemplar singelo da arquitetura religiosa alemã. À direita, seguindo a estrada que leva à subida do morro, chega-se à Casa Duwe, exemplar único da arquitetura residencial teuto-brasileira.

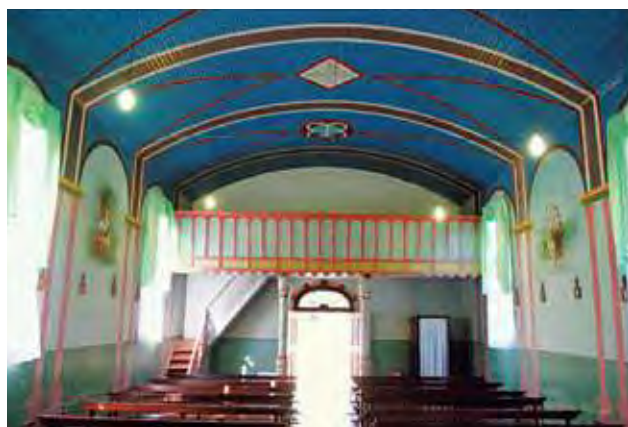
Ainda na divisa entre Indaial e Timbó, as estradas que serpenteiam o Ribeirão da Mulde ainda guardam uma paisagem de características rurais onde se sobressaem algumas propriedades exemplares, como a Casa Draeger, a Casa Kreissing e a Casa Milda Krieser.

### Mapa 3

Benedito Novo – 9.501 habitantes

Timbó – 32.836 habitantes

Na estrada que vai de Timbó em direção a Benedito Novo pela SC477 (que serpenteia o Rio Benedito pela sua margem direita), encontra-se uma das edificações de maior qualidade estética da imigração: o Salão Hammermeister. É um exemplar único da arquitetura teuto-brasileira, construído em alvenaria autoportante de tijolos aparentes de diversas tonalidades, que formam desenhos geométricos nas empenas e nas fachadas. Por suas especifi-



Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Indaial. Uma verdadeira pérola da arquitetura vernacular, com pinturas decorativas no seu interior

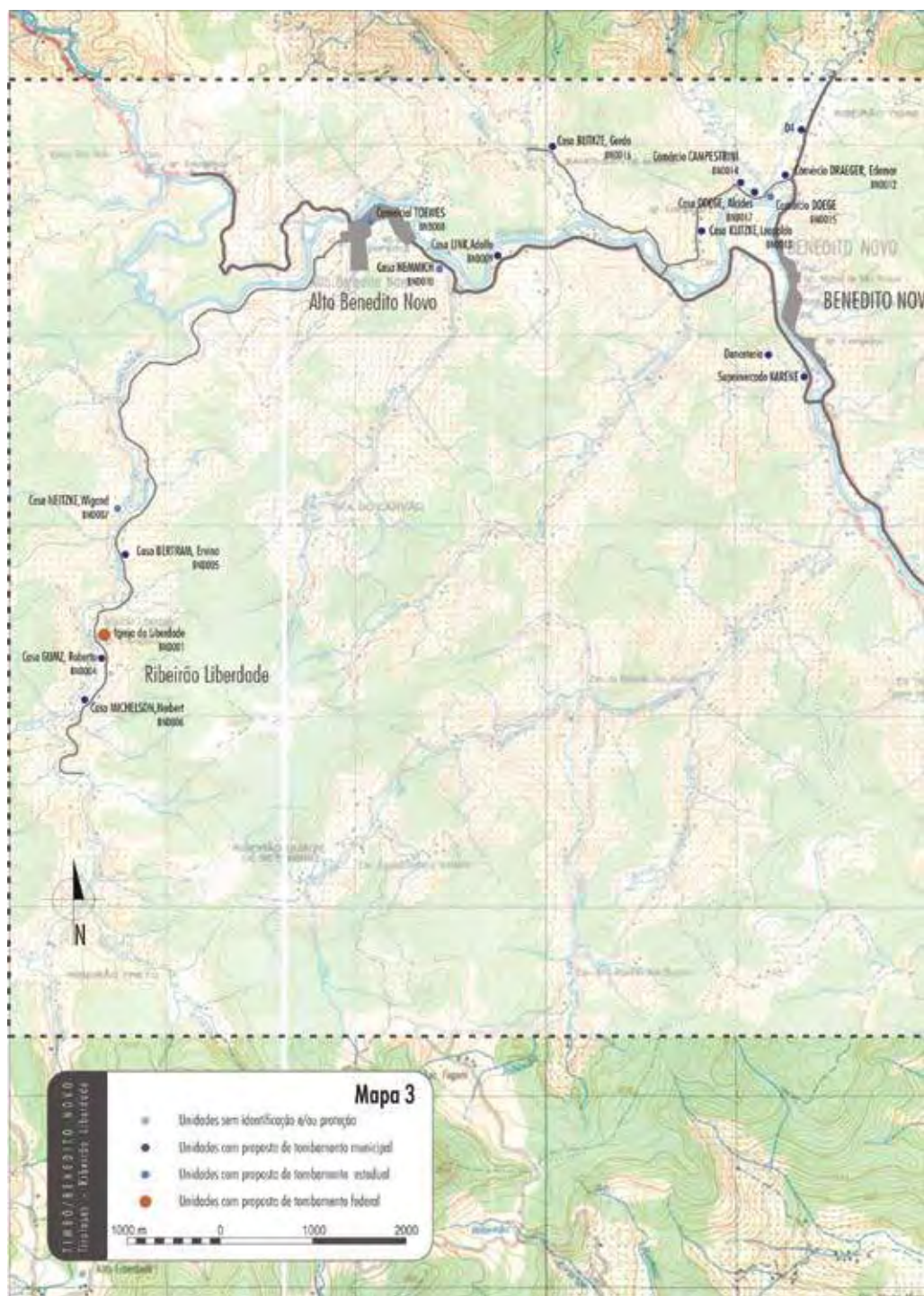




A Casa Reinecke (ao lado) e a Casa Ewald (abaixo) representam dois belíssimos exemplares da arquitetura teuto-brasileira em Timbó











idades no contexto da arquitetura rural e teuto-brasileira no país, o salão foi tombado pelo Iphan. A estrada, asfaltada até Doutor Pedrinho, atravessa a Serra da Moema e segue até Itaió, distrito de Itaiópolis localizado entre Moema e Alto Paraguaçu.

Em Benedito Novo (que está a 15 quilômetros do centro de Timbó), é possível encontrar uma gama variada de edificações teuto-brasileiras. No centro, o Comércio Doege é um importante exemplar de edificação emendada. A paisagem da cidade é configurada pelo vale do Rio Benedito, que corta o núcleo urbano e segue pelas áreas rurais. No início da subida da Serra da Moema está Alto Benedito, um pequeno núcleo onde se destacam algumas edificações, como o Comercial Towers e a Casa Hemmich, com uma composição de fachada quase inusitada.

Deixando a SC477 e tomando a estrada que serpenteia o Ribeirão Liberdade, chega-se à localidade de mesmo nome, onde está implantada a Igreja da Liberdade, exemplar singular da arquitetura religiosa teuto-brasileira. Fazem parte desse pequeno conjunto algumas casas, das quais a Wigand Neitzke se resalta no contexto por sua implantação e configuração tipológica (enxaimel, com mansarda frontal compondo a fachada avarandada, de pilares redondos e lateral com abertura em arco).

#### Mapa 4

Pomerode – 24.230 habitantes

Rio dos Cedros – 9.125 habitantes

Timbó – 32.836 habitantes



Na estrada de Araponguinhas, antes de chegar à Casa Duwe, outras pequenas propriedades se destacam na paisagem, como as casas Bohmann (acima à esquerda), Gessner (acima à direita), Agostini (abaixo à esquerda) e Gessner (abaixo à direita)





Abaixo, centro de Benedito Novo:  
Casa Leopoldo Klitzke (à esquerda) e comercial Doege (à direita)



Abaixo, Alto Benedito:  
Comercial Toewes (à esquerda) e Casa Hemmich (à direita)



Abaixo, Ribeirão Liberdade:  
Casa Wigand Neitzke (à esquerda) e Casa Michelson (à direita)



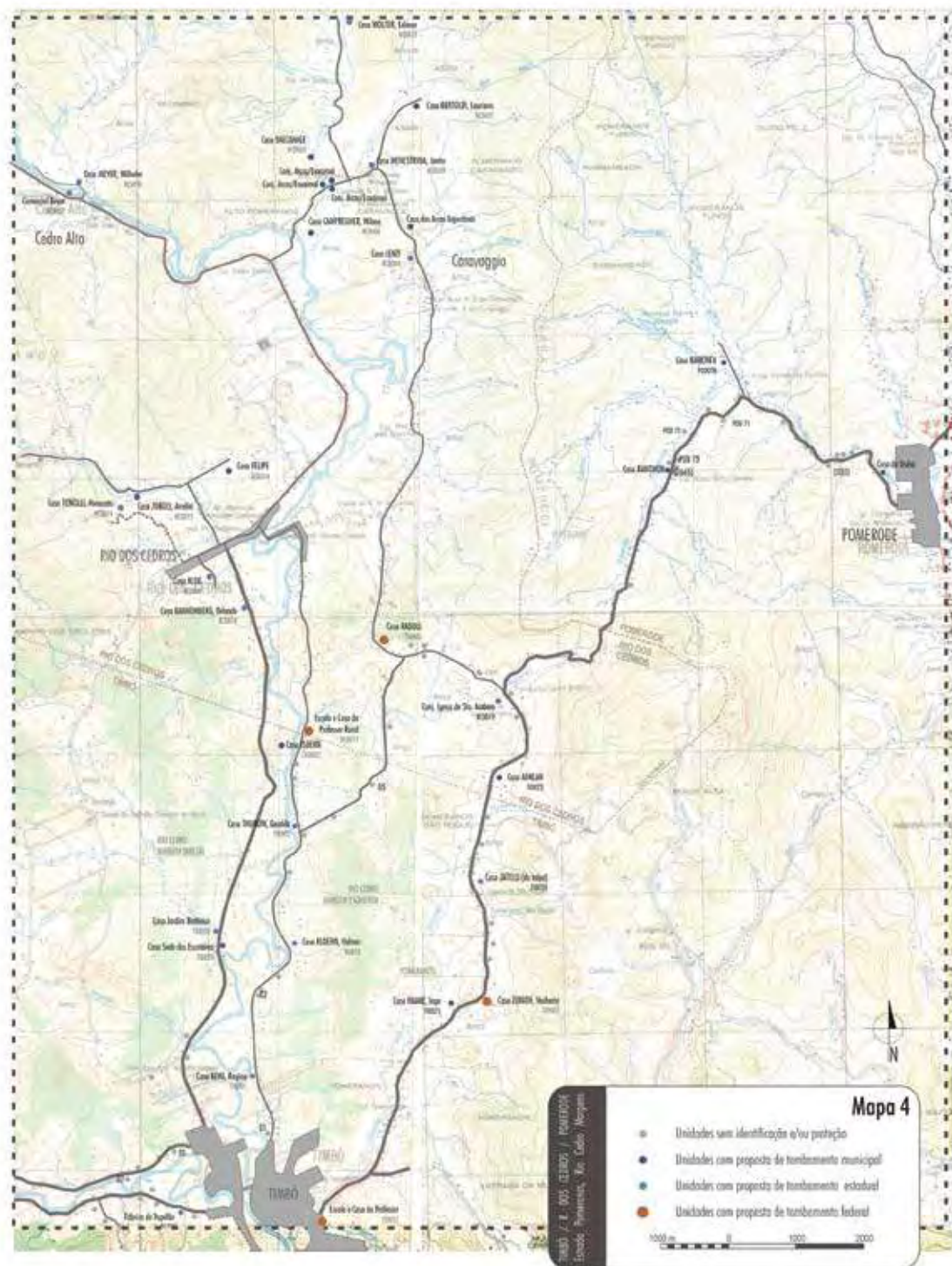


Escola e Casa do Professor na área rural de Rio dos Cedros, único exemplar da arquitetura rural dos imigrantes alemães já tombado pelo Iphan em Santa Catarina

Analisando o mapa do Vale do Itajaí, percebe-se que o núcleo urbano de Timbó está localizado numa posição central em relação às demais cidades detentoras de parcela expressiva do patrimônio do imigrante na região. De Timbó irradiam-se estradas que, a oeste, levam a Benedito Novo e, num entroncamento à esquerda, para Rodeio e Ascurra. Na direção sul, existe uma importante ligação com Indaial, por onde também é possível chegar a Ascurra. A leste está Blumenau. Ao norte, segue-se para Pomerode (via estrada Pomeranos) ou para Rio dos Cedros, outro importante núcleo de colonização italiana no Vale do Itajaí.

Para Rio dos Cedros, é possível seguir por uma das duas margens do rio (Rio Cedro), passando por importantes propriedades rurais e por uma paisagem característica das regiões de imigração ainda preservada. A estrada da margem direita é hoje a SC417, asfaltada. A da margem esquerda é a mais preservada, e passa por importantes propriedades, como a Casa Regina Klug, a Casa Wal-mor Klohen e a Casa Thurow. Seguindo em frente, chega-se à Escola e à Casa do Professor Rural de Rio dos Cedros. A escola, localizada exatamente na divisa dos dois municípios, é uma das únicas edificações relacionadas à imigração tombadas









Casa Radoll, em Timbó

Entre Timbó e Rio dos Cedros, nas estradas que margeiam o Rio Cedro, são comuns as casas avarandadas, com pilares redondos e guarda-corpo de tijolos formando desenhos vasados. Exemplos na página ao lado: em cima, as casas Regina Klug e Geraldo Thurow, da esquerda para a direita; ao centro Sede dos Escoteiros e Valmor Klohen na segunda fileira, da esquerda para a direita; embaixo, Jardim Botânico e Kannenberg, na terceira fileira, da esquerda para a direita



Casa Radoll, em Timbó

pelo Iphan ainda na década de 1980. Seguindo adiante, chega-se ao centro de Rio dos Cedros.

Outra opção para ir até o Rio dos Cedros, é sair de Timbó pela Estrada Pomeranos, que tem início no centro urbano, no entroncamento onde se localiza a Escola e a Casa do Professor, outro importantíssimo exemplar de arquitetura escolar.

A Pomeranos é a principal via de ligação com Pomerode. De paisagem notável, é uma estrada asfaltada, com uma parcela de ocupação mais recente (em expansão) pontilhada por importantes propriedades relevantes, como a casa Zimath. Adiante da Casa Zimath está um dos últimos exemplares de arquitetura enxaimel em taipa, a Casa Zatelli. No meio do caminho entre Timbó e Pomerode chega-se à localidade de Santo Antônio, pertencente a Rio dos Cedros, onde se destaca a Igreja de Santo Antônio, arquitetura religiosa caracteristicamente italiana (com torre sineira lateral, separada do corpo principal). A igreja localiza-se num entroncamento da estrada, a partir de onde pode-se rumar a Rio dos Cedros, chegando na localidade de Caravaggio, um dos principais núcleos históricos do município.

Por essa estrada, passa-se pela Casa Radoll, uma bela propriedade de paisagem exuberante e com um conjunto de ranchos significativos.

Em Caravaggio foi mapeado um importante conjunto de casas que aliam características teuto e ítalo-brasileiras. Destacam-se as casas com varanda frontal composta por sequências de arcos, como a Casa Menestrina, a Casa Mengarda – com pinturas internas cobrindo as paredes em quase todos os cômodos, inclusive na cozinha – e a Casa Lenzi – sobrado de proporções clássicas, que mistura alvenaria autoportante com enxaimel.

#### Mapa 5

Blumenau – 292.998 habitantes

Pomerode – 24.230 habitantes

Entre Blumenau e Pomerode encontra-se o maior número de propriedades rurais ligadas ao processo de imigração. As localidades de Testo Alto

Conjunto da Igreja de Santo Antônio em Caravaggio, localidade colonizada por italianos





Em Rio dos Cedros, destacam-se as casas enxaimel com varandas frontais arqueadas



Casa Santos Reis



Casa Lenzi

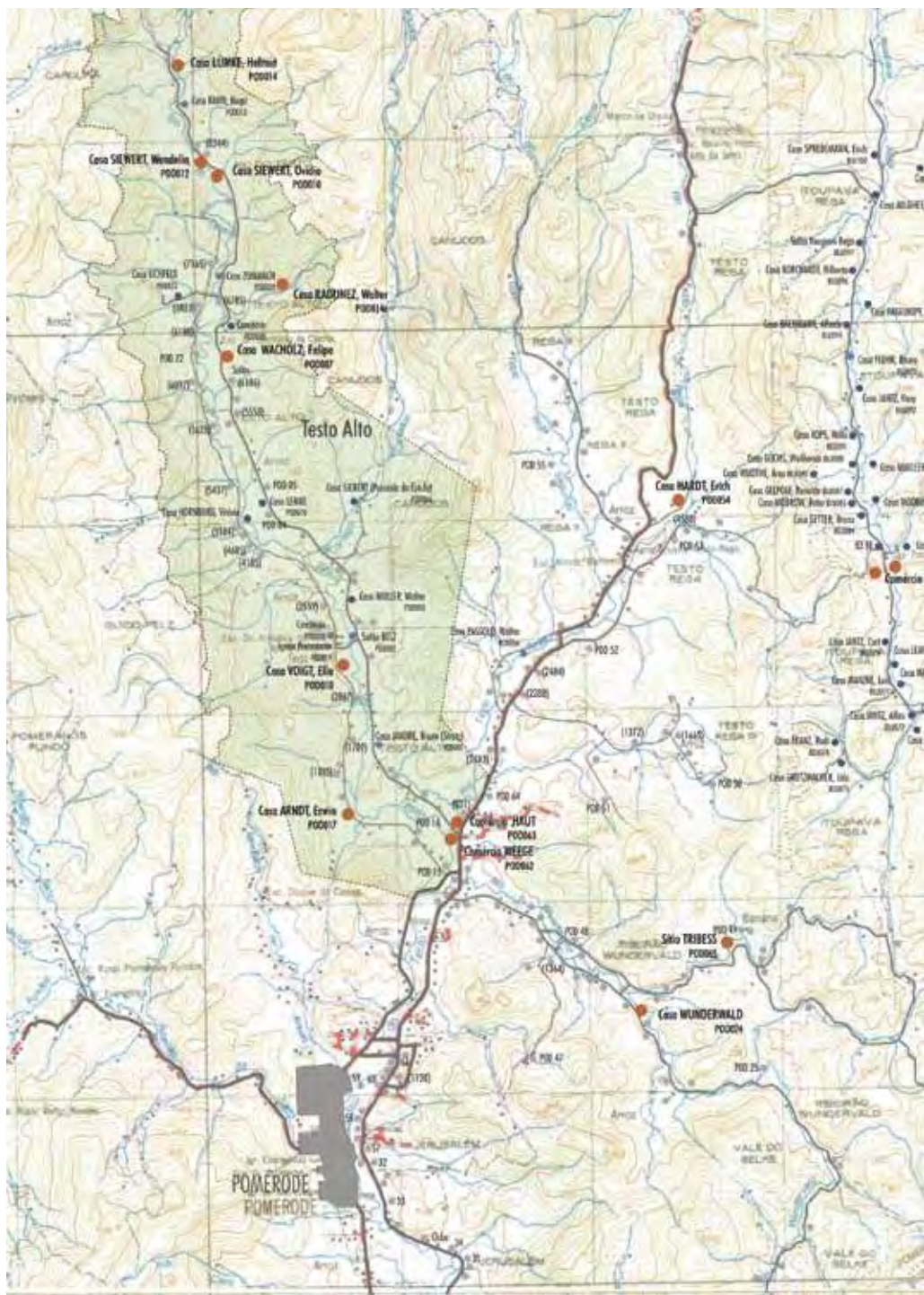


Casa Bertoldi



Casa Dalcanale











Casa Manzke, Vila Itoupava



Comercial Manzke, Vila Itoupava

(Pomerode) e Vila Itoupava (Blumenau) guardam o maior e mais significativo acervo da arquitetura teuto-brasileira do Vale do Itajaí, fato que se reflete nas unidades selecionadas para tombamento pelo Iphan (cerca de 1/3 dos tombamentos individuais de todo o conjunto da imigração localiza-se entre Testo Alto, Vila Itoupava e Itoupava Rega).

Testo Alto, apesar de suas características rurais ainda preservadas, está dentro do perímetro urbano de Pomerode e sua proximidade com o centro a tornou uma zona periférica da cidade. Nos últimos anos, o processo de crescimento urbano atingiu também Testo Alto, que teve parte de antigas estradas asfaltadas e sofre o acréscimo constante de novas edificações e loteamento de terrenos. Mesmo acelerado, esse processo ainda é lento se comparado com outras localidades de Jaraguá do Sul e Joinville, por exemplo, cidades com maior número de habitantes e grande importância para o estado. Se bem gerida, a localidade de Testo Alto tende a preservar sua paisagem, com suas propriedades coloniais imersas entre vales, rios e montanhas.

O mesmo acontece com a área rural da Vila Itoupava, em Blumenau. Ao contrário de Testo Alto, Vila Itoupava e Itoupava Rega encontram-se relativamente distantes do centro urbano. No caso de Blumenau, a proximidade com o centro seria devas-

tadora – como pode-se perceber nas linhas coloniais mais centrais, onde grande parcela do patrimônio teuto-brasileiro não sobreviveu à renovação urbana.

Do ponto de vista da preservação e da gestão do patrimônio, é importante a proximidade entre a Vila Itoupava e a Itoupava Rega, que nasceram do mesmo processo de povoamento – a Colônia Blumenau. Nessas localidades, está proposta uma série de tombamentos – federais, estaduais e municipais, incluindo o reconhecimento enquanto conjuntos rurais – Conjunto Paisagístico e Cultural de Testo Alto e Conjunto Paisagístico e Cultural da Vila Itoupava.

Tanto a área rural da Vila Itoupava como de Testo Alto destacam-se pela Paisagem Cultural preservada, que alia primorosamente cultura e natureza, onde se inserem casas, ranchos e plantações, além de tradições, línguas, culinária e outras manifestações culturais trazidas na bagagem dos imigrantes. A arquitetura vernacular de Testo Alto se sobressai dentre as demais regiões. O esmero construtivo e nos detalhes é maior do que na Vila Itoupava, o que torna o conjunto construído mais interessante do ponto de vista estético. Isso também reflete nas propostas de tombamento individual: dos vinte bens sugeridos para tombamento federal nessa área, nove estão situados em Testo Alto.





Casa Hary Fran, Vila Itoupava



Casa Steinbrick, Vila Itoupava

Propriedade Nelson Bauer, Vila Itoupava





Conjunto Comercial Weege e Haut, com propostas de tombamento federal em Testo Rego

A Casa Comercial Passold é também um importante exemplar da arquitetura comercial teuto-brasileira

Conjunto Comercial Weege e Haut







Na estrada de Wunderwald, que interliga dois importantes núcleos rurais – Testo Alto, em Pomerode, e Vila Itoupava, em Blumenau destacam-se duas prioridades: o Sítio Tribess com sua casa de taipa (à esquerda) e o conjunto de casa enxaimel e singulares ranchos de madeira (à direita)

Abaixo a Casa Wunderwald, em Pomerode, é outro exemplar de destaque, com travamento horizontal duplo, peças de madeira falquejada, larga porta frontal e esquadrias de madeira primorosamente trabalhadas



Casa Zumach, Testo Rega, Pomerode



Ovidio Siewert, Testo Rega, Pomerode



Wendelin Siewert, Testo Rega, Pomerode



Hugo Rahn, Testo Rega, Pomerode



Helmut Lümke, Testo Rega, Pomerode



Raduenz, Testo Rega, Pomerode





Conjunto da Igreja, Testo Rega, Pomerode



Cemitério, Testo Rega, Pomerode



Antigo açougue Tribess (demolido), Testo Rega, Pomerode



Casa da Estufa, Testo Rega, Pomerode



Casa Lemke, Testo Rega, Pomerode



Casa Hornburg, Testo Rega, Pomerode



Além dos tombamentos individuais pontilhados, foram tombados pelo Iphan o Conjunto Paisagístico e Cultural de Testo Alto, aliado à proposta de reconhecimento estadual do Conjunto Paisagístico e Cultural da Vila Itoupava.

### Mapas 6 e 7

Jaraguá do Sul – 128.237 habitantes

Jaraguá do Sul representa hoje a terceira maior economia do estado (atrás de Joinville e Blumenau). Com um parque industrial considerável (e em expansão), a

zona urbana encontra-se em franco crescimento, num processo de renovação que desconsidera parcela significativa do seu patrimônio histórico. No centro, as poucas edificações de valor cultural que restaram sobrevivem com dificuldades frente à especulação imobiliária – especialmente as edificações de cunho residencial.

Nas áreas rurais, encontra-se o testemunho mais importante da colaboração do imigrante para a formação do município. No entanto, do mesmo modo como Testo Alto sofre a influência da expansão do centro urbano de Pomerode, algumas zonas rurais de Jaraguá do Sul tornaram-se periferias urbanas.

Casa Rux, em Jaraguá do Sul





Casa Jungton, no Vale do Rio da Luz. Casa enxaimel com lateral característica (5 módulos) e fachada frontal rebocada. Varanda com guarda-corpo de balaústres (comuns na região de Jaraguá do Sul) e portão de madeira trabalhada



Casa Oldenburg. Enxaimel com lateral de 5 módulos e varanda frontal



Casa Schubert, Rio Cerro

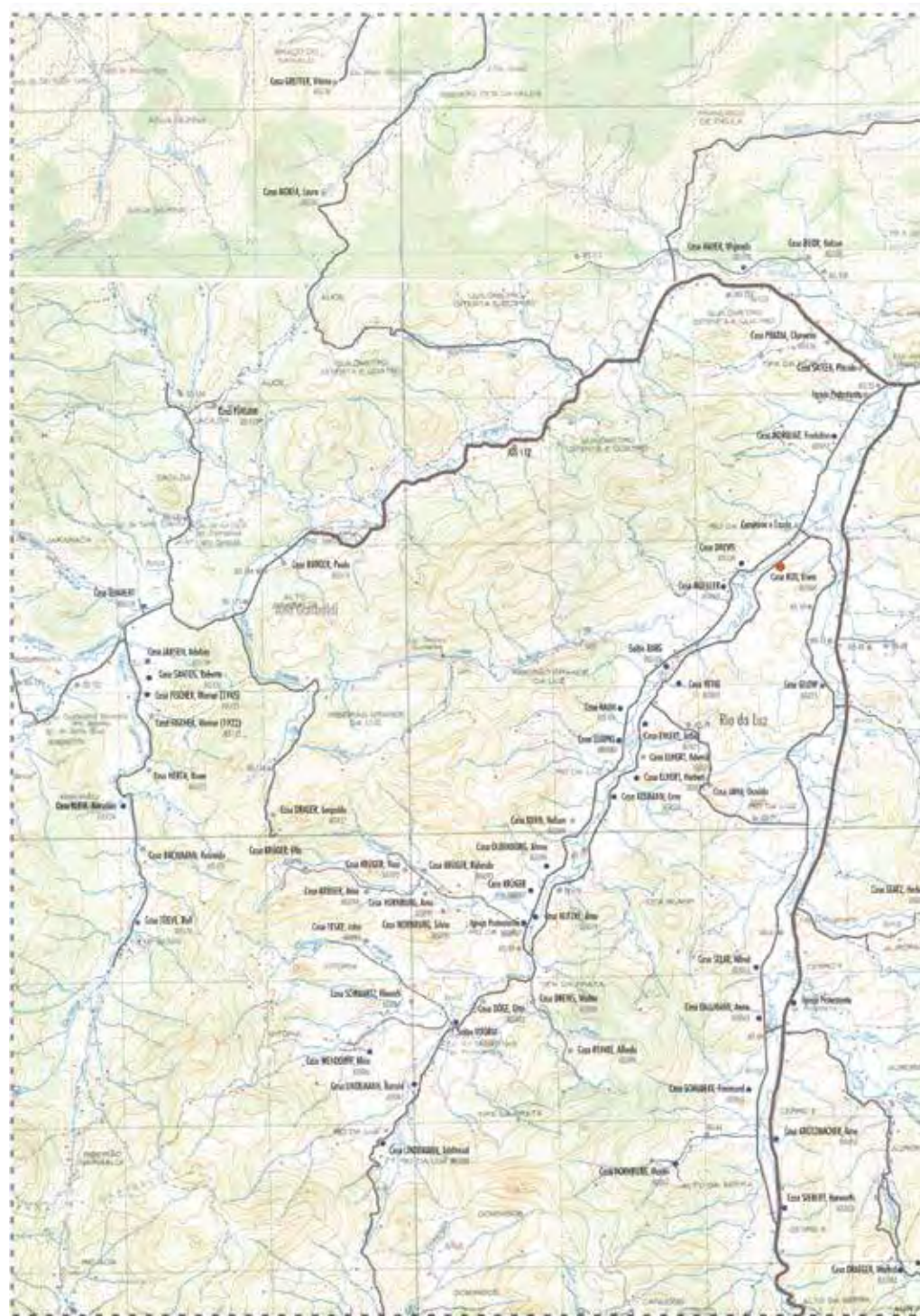


Casa Krüger, Rio Cerro

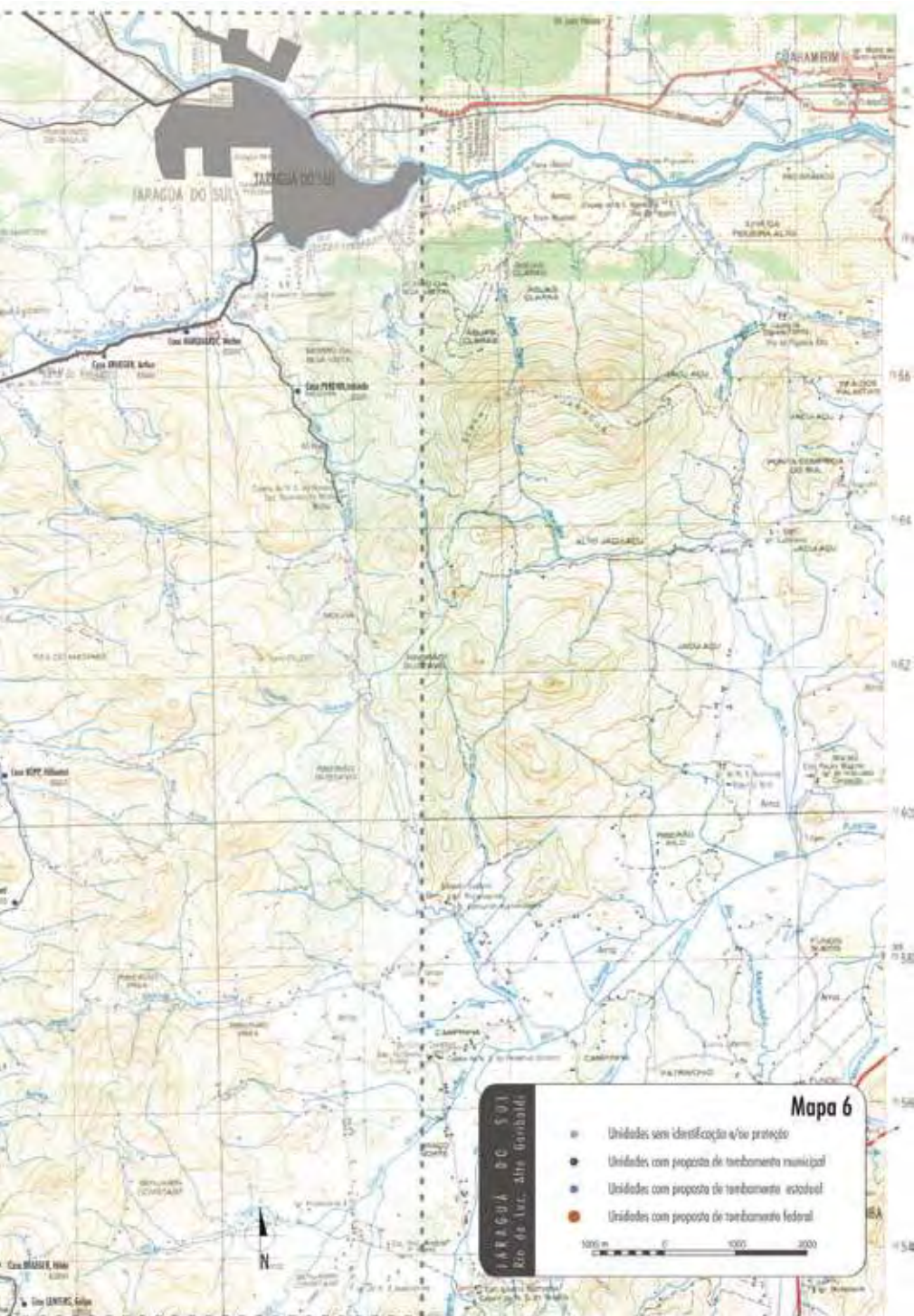


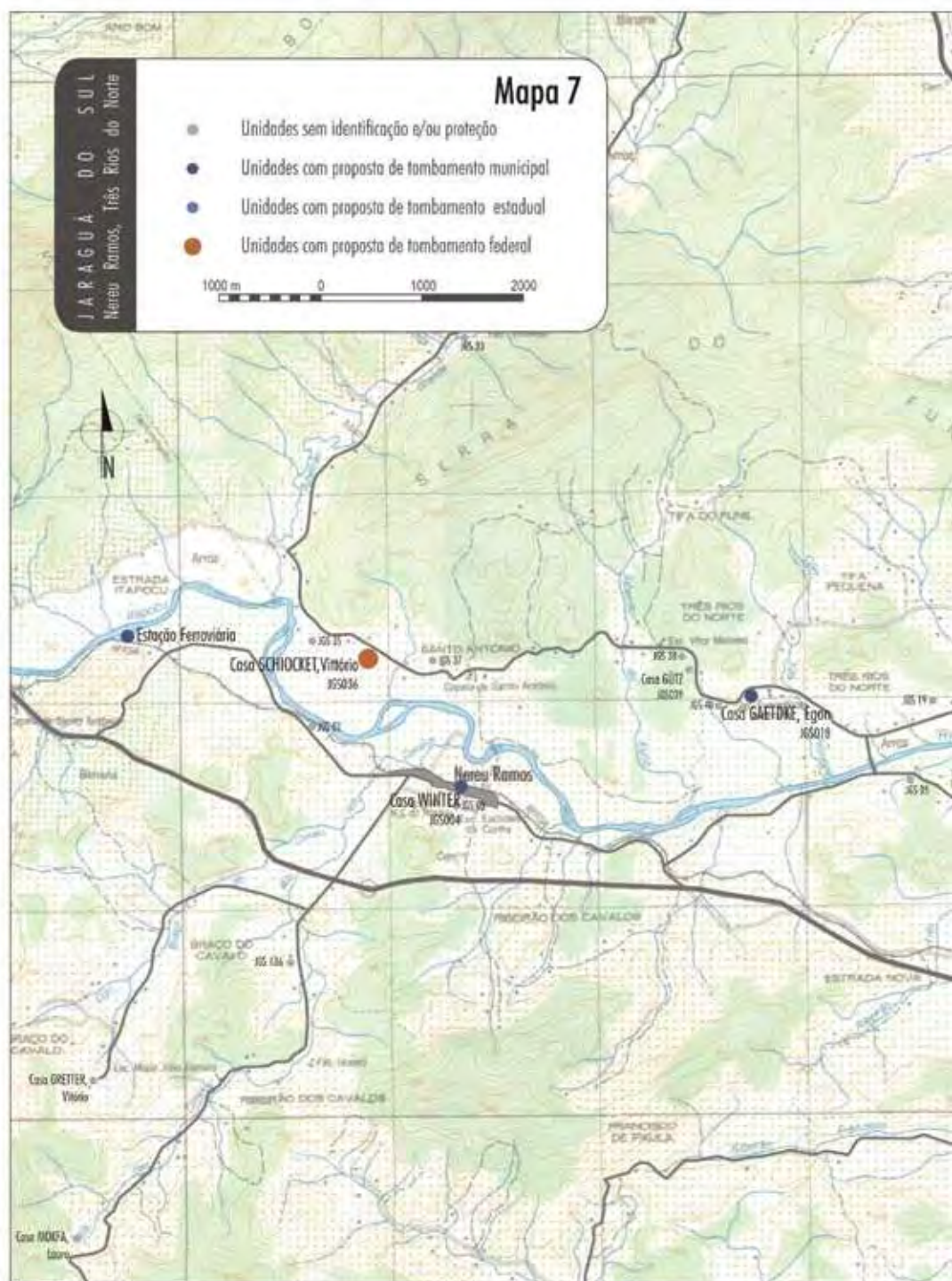
Casa Gilow, Rio Cerro





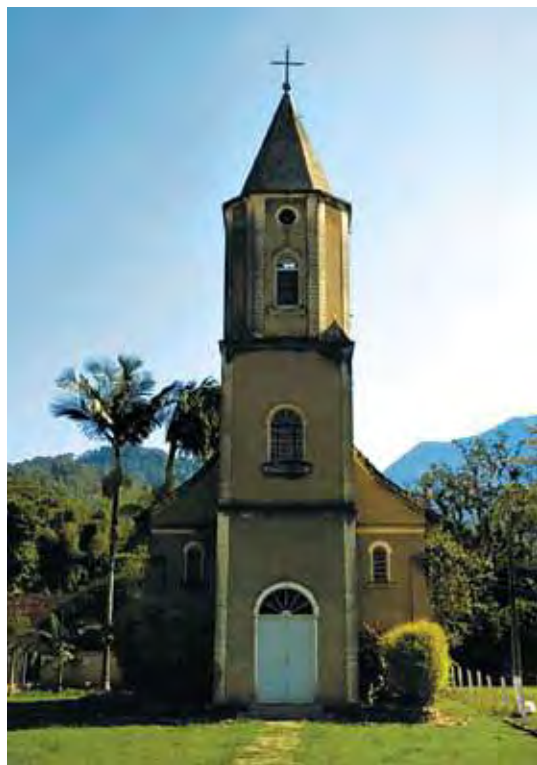












Igreja Santa Luzia, Santa Luzia



Igreja Protestante do Rio da Luz, Vale do Rio da Luz

Casa Eurides Silveira, Rio Cerro



Casa Schmidt, Vale do Rio da Luz





Casa Jansen, Garibaldi



Casa Reinoldo Klein, Garibaldi



Casa Elga Tribess, Nereu Ramos



Casa Winter, Nereu Ramos



Igreja de Nereu Ramos



Casa Schiocket, Nereu Ramos



O Vale do Rio da Luz, do Rio Cerro (mapa 6) e a localidade de Nereu Ramos (mapa 7), onde estão localizadas algumas das mais importantes propriedades de imigrantes de Jaraguá do Sul, sofrem a influência do crescimento urbano da cidade.

Os vales do Rio da Luz e do Rio Cerro encontram-se na porção norte da Serra Garibaldi, divisor de águas que separa os municípios de Jaraguá do Sul e Pomerode. Ao sul, está Testo Alto. À margem direita do Rio da Luz, em meio a um grande número de propriedades rurais de destaque e da paisagem característica – vales, montanhas e rios –, está a Casa Rux, importante exemplar enxaimel de tijolos aparentes, com fachada frontal avarandada e painéis de tijolos formando desenhos geométricos, tombada pelo Iphan.

Na Barra do Rio Cerro, às margens do Rio Jaraguá, encontra-se um exemplar singular de casa enxaimel, com mansarda, varanda – de madeira, com elementos cuidadosamente recortados, tanto no guarda-corpo como no portão –, desenhos de tijolos na fachada frontal e esquadrias trabalhadas. Trata-se da Casa Arthur Krüger.

Seguindo o Rio Jaraguá, em direção a sua nascente, chega-se à localidade de Garibaldi, onde nasce o Ribeirão de mesmo nome. A influência italiana no lugar é percebida nas plantas baixas das casas – com cozinha separada do corpo da casa – e das fachadas – onde a estrutura enxaimel convive com varandas compostas por sequências de arcos. São características similares àquelas encontradas nas estradas de Rio dos Cedros e Rodeio. Nesse contexto, destaca-se a Casa Jansen. Ribeirão Garibaldi e Santa Luzia – outra localidade de destaque – merecem ser melhor conhecidas, pois acredita-se ainda haverem propriedades importantes nessas que são localidades um pouco mais afastadas do centro e, por isso, mantém-se mais preservadas.

Em Nereu Ramos (mapa 7) é perceptível a presença do italiano através da arquitetura que mistura

volumetria teuto-brasileira com elementos clássicos, como arcos plenos e detalhes em argamassa – a exemplo do que acontece na localidade de Caravaggio, em Rio dos Cedros, em Rodeio e em outras cidades que receberam o elemento italiano. No contexto, destaque para a Casa Vittorio Schiocket. O lugar sofreu também a influência da implantação da rede ferroviária no início do século XX, que liga o porto de São Francisco do Sul a Rio Negro, no Paraná, conectando cidades como Jaraguá do Sul e São Bento do Sul.

### Mapa 8

Joinville – 487.045 habitantes

Maior cidade de Santa Catarina, Joinville surgiu a partir da implementação da Colônia Dona Francisca, em 1850. Foi formada, basicamente, pela chegada de imigrantes alemães e suíços, distribuídos pelos lotes coloniais previamente demarcados. Os principais arruamentos do centro histórico remontam do estabelecimento do núcleo colonial.

Hoje, Joinville além de ser o maior núcleo urbano, é a maior economia do estado. Como em outros lugares, a área rural – onde está grande parte do patrimônio da imigração – também foi atingida pelo processo de crescimento. Como nas demais colônias, os lotes da Dona Francisca eram distribuídos ao longo de estradas rurais que, geralmente, acompanhavam os leitos dos rios. A estrada mais conhecida leva o mesmo nome da antiga colônia, também conhecida como Estrada da Serra, pois foi aberta com a intenção de ligar o litoral ao planalto – de Joinville a Rio Negro.

É na zona rural da Estrada Dona Francisca e adjacências que estão algumas das mais importantes propriedades de imigrantes de Joinville. Entre elas, destacam-se a Wally Krüeger, no cruzamento da estrada com a BR101; a Casa Fleith, na Estrada do Pico; e a Casa Schiwsky, na Estrada do Quiriri, todas tombadas pelo Iphan.



Casa Livino Neitzel, Estrada do Quiriri



Ponte pênsil, Estrada do Quiriri



Acima e abaixo, Casa Schwisky, em Joinville



Casa Curt Weege, Estrada do Quiriri



Casa Eugênio Buhneman, Estrada do Quiriri







Casa Valdir Bartz



Casa João Malon

Ponte baixa e ponte pêncil de madeira que cruzam o Rio da Prata







Casa Alex Pabst



Casa Erwin Pabst

As transformações causadas pela proximidade com o centro urbano em expansão são mais percebidas nas Estradas Mildau, da Tromba e do Morro, onde muitas casas enxaimel identificadas pelo inventário de 1983 já não existem mais, substituídas por casas novas e loteamentos mais densamente ocupados.

A Estrada do Rio da Prata possui paisagem singular, preservada, com propriedades que mantêm a pequena atividade agropecuária como fonte de sustento – em outras regiões, a substituição do “velho pelo novo” vem muitas vezes acompanhada do abandono das atividades de produção rural. No Rio da Prata, a magnífica paisagem natural – entremeada por cursos d’água, vales e montanhas – é complementada pelas implantações características das propriedades de imigrantes – conjuntos de casas e ranchos, com jardins, pomares, hortas, pequenas plantações e pastagem para o gado.

Nos últimos anos, o crescimento da cidade tem sido acompanhado pela diversificação das atividades desenvolvidas nas áreas rurais. Muitas foram totalmente transformadas. O parque industrial de Joinville hoje corta um pedaço significativo da antiga Estrada Dona Francisca. O Distrito de Pirabeiraba, que até a década de 1980 também possuía

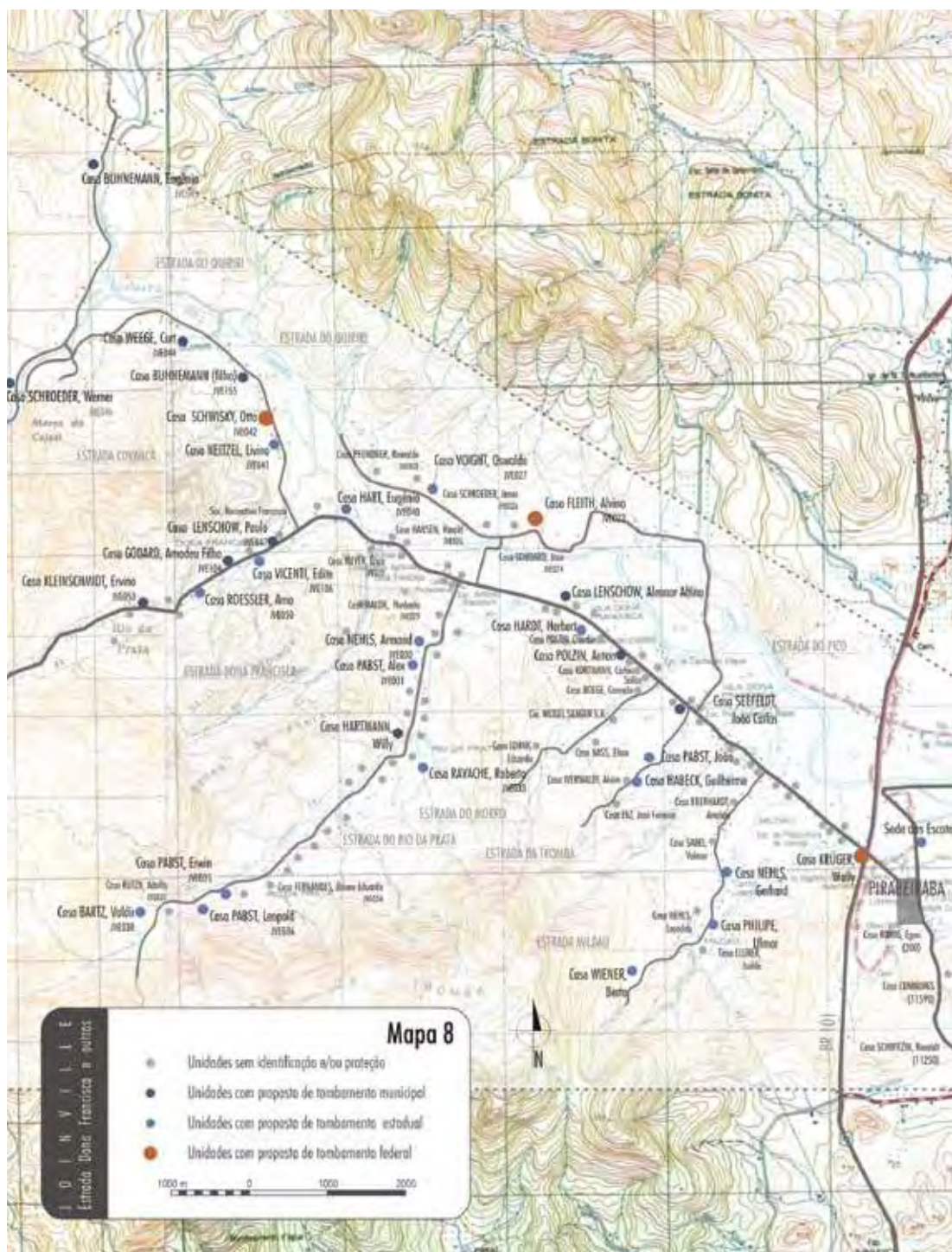
um acervo significativo de bens de valor cultural, transformou-se rapidamente e hoje muitos exemplares já não existem mais.

A Estrada Dona Francisca – hoje SC301 –, que vai até São Bento do Sul, continua sendo a principal via de ligação entre o litoral norte e o planalto. É razoável que algumas transformações tenham acontecido na paisagem – com acréscimos de novas construções e substituição de outras. Mesmo assim, é ainda uma estrada cênica, acompanhando o vale do Rio Cubatão e, depois, subindo a serra em direção ao planalto.

### Mapa 9

São Bento do Sul – 74.903 habitantes

São Bento do Sul resultou da expansão da Colônia Dona Francisca, a partir da construção da Estrada da Serra – que parte de Joinville em direção ao planalto. A cidade é hoje, juntamente com Rio Negrinho, um pólo da indústria moveleira. Na porção ainda preservada da antiga Estrada Dona Francisca, próxima ao setor industrial de Oxford, encontra-se um dos conjuntos de propriedades





Antigo Moinho Schwarz, em São Bento do Sul



Casa Mareth, em São Bento do Sul



Propriedade Terezinha Schwarz, em São Bento do Sul



Casa e Propriedade Paulo Paul, em São Bento do Sul



Casa e Propriedade Paulo Paul, em São Bento do Sul



Cemitério Dona Francisca, em São Bento do Sul





Casa e Propriedade Bieholz, em São Bento do Sul



Casa e Propriedade Natzke, em São Bento do Sul

rurais mais expressivos da região e do Brasil. Em menos de 10 quilômetros de estrada é possível encontrar cerca de 50 propriedades de interesse cultural estabelecidas a partir da distribuição de lotes coloniais entre imigrantes alemães e, posteriormente, também de poloneses.

Estão entre as casas mais significativas do conjunto da imigração: a Casa Waldemiro Struck, a Casa Schlagenhauser, a Casa Neumann e a Casa Edeltraud Eichendorf, tombadas pelo Iphan. No mesmo contexto, destaca-se também a Casa Nelson Struck, a Escola do Km75, a propriedade

de Adolfo Schwarz, a Casa Terezinha Schwarz, a Casa Beckert, a Casa Nivaldo Becker, a Escola do Km 80, o Cemitério da Dona Francisca e a Casa Rudnick.

### Mapa 10

Guabiruba – 14.900 habitantes

Localizada ao lado da cidade de Brusque, Guabiruba guarda um acervo de edificações remanescentes do povoamento da Colônia Itajaí-Brusque, fundada em 1860. O centro urbano

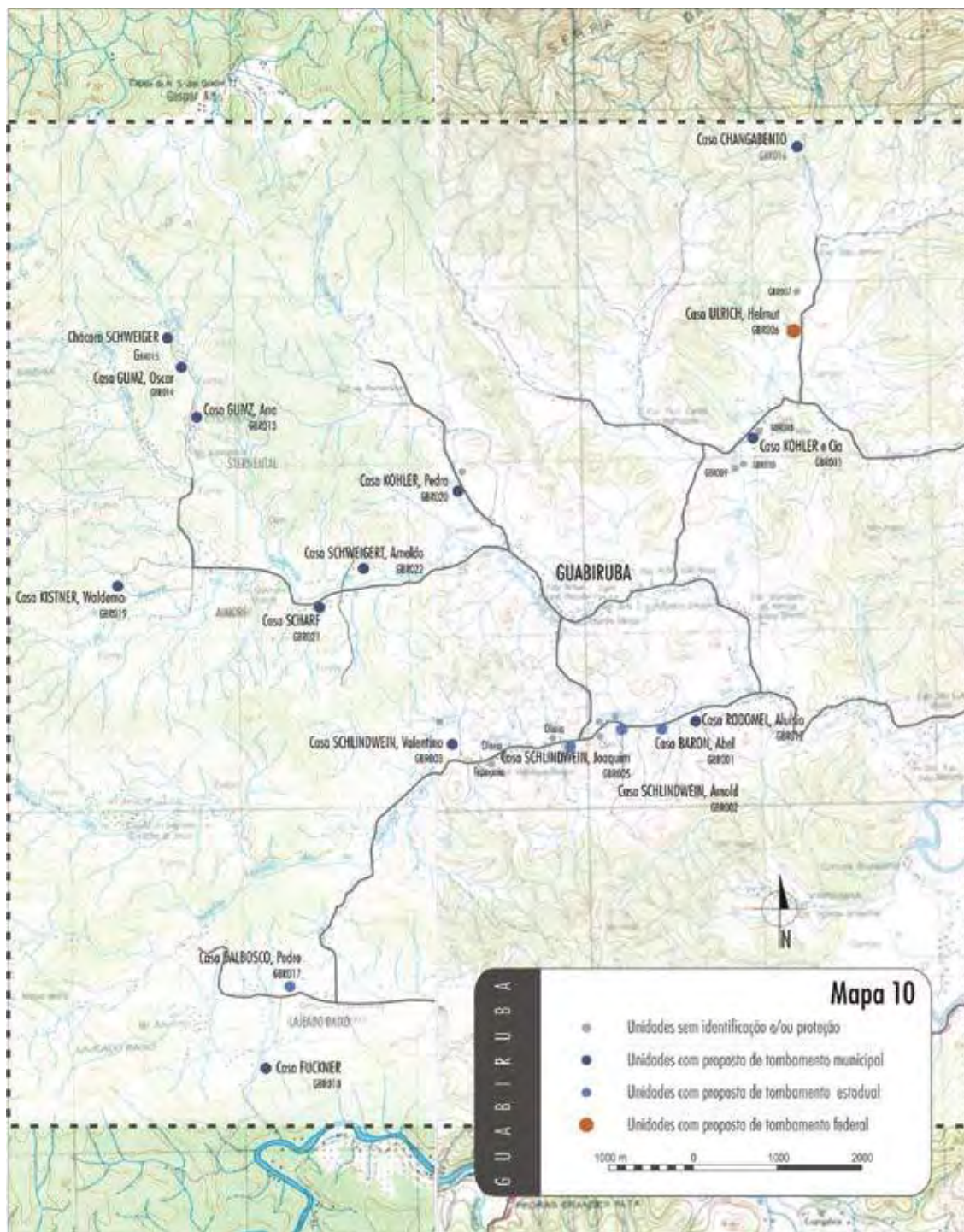
Casa ao lado da 5698



Propriedade em frente à Casa Natzke







de Brusque nasceu a partir do estabelecimento do núcleo colonial. No entanto, a cidade, que cresceu devido ao rápido desenvolvimento da indústria têxtil, perdeu muitas das suas características coloniais. Em Guabiruba – distante 7 quilômetros do centro de Brusque – ainda é possível encontrar um acervo razoável de propriedades e edificações de influência teuto-brasileira, como a Casa Abel Baron, a Arnold Schlindwein, a Joaquim Schlindwein, a Pedro Dalbosco, a Pedro Koheler, a Scharf e a Arnal-

do Schweigert. Destaca-se ainda a Casa Helmut Ulrich, tombada pelo Iphan.

### Mapa 11

Orleans – 20.025 habitantes

Urussanga – 19.195 habitantes

O sul do estado começou a receber imigrantes italianos por volta de 1875, quando chegaram os primeiros grupos. Nessa época, foram fundadas três colônias (Grão-Pará, Azambuja e Urussanga),

A estrada que liga a localidade de Rio Maior, em Urussanga, a Orleans, guarda muitos exemplares excepcionais da arquitetura italo-brasileira do sul de Santa Catarina. Neste contexto, destaque para a Igreja de São Gervásio e São Protásio (abaixo) e a Casa Ivanir Cancelier (foto da página ao lado)







originando cidades como Orleans, Pedras Grandes, Urussanga e Nova Veneza, que guardam até hoje um rico legado cultural dos imigrantes italianos.

Para o mapeamento foram percorridas algumas das principais estradas locais, destacando-se o percurso do Rio América Alto e Rio América Baixo, em Urussanga, onde se encontra a Casa Bez Fontana, um dos mais importantes exemplares de sobrado italiano de madeira. Seguindo a mesma estrada estão, entre outras, a Casa Mário Baldessar e a Casa Zelma Mariot. Na estrada que liga Orleans a Rio Maior, também em Urussanga, é possível encontrar muitas casas e sobrados em pedra, destacando-se a Casa Barzan (ainda em Orleans, na localidade de Palmei-

ra Alta), a Casa Ivanir Cancelier e a Igreja São Gervásio e São Protásio, protegidas em nível federal. Destacam-se, também, os sobrados da família Bocardo e da família Mazzuco.

Ainda no sul, na cidade de Nova Veneza, encontra-se um dos mais expressivos conjuntos de alvenaria aparente de pedra, o Conjunto de Pedra da Família Bratti, igualmente protegida pelo Iphan.

A região de colonização italiana do sul de Santa Catarina também vem sofrendo com o crescimento urbano das cidades mais próximas, especialmente Tubarão e Criciúma. Em Pedras Grandes, entre Urussanga e Tubarão, muitos sobrados e edificação de interesse ainda podem ser encontrados em meio a uma paisagem já bastante modificada.



Acima, sobrado Família Mazzuco, em Orleans

Abaixo, sobrado da família Barzan, Orleans







Casa Mário Cancelier (acima à esquerda), casa em Palmeira Alta (acima à direita). Abaixo, os galpões da propriedade Bez Fontana, que mantém preservadas as características originais da pequena propriedade rural onde funcionam a mercearia e a cafeteria





Casa Bez Fontana, Urussanga

Na região, muitas casas e sobrados em alvenaria de pedra destacam-se na paisagem, como a Casa Hilário Mariot (abaixo), no bairro da Figueira



Capelinha de Nossa Senhora do Caraggio, Urussanga

O Sobrado da Família Soratto (abaixo à esquerda), no Rio América Alto, e a Casa Cittadin (abaixo à direita), na Santaninha













## O projeto dos Roteiros Nacionais de Imigração

O patrimônio cultural da região dos imigrantes em Santa Catarina apresenta inúmeras particularidades em relação ao patrimônio cultural já identificado e protegido no Brasil. Dentre os diferenciais mais importantes, pode-se destacar os bolsões territoriais marcados pelo episódio das imigrações, o grande número de remanescentes materiais e imateriais, a predominância rural e o caráter vivo do patrimônio preservado.

Os bolsões territoriais – as ilhas culturais – resultantes do semi-confinamento das colônias de imigrantes, em trechos até então não explorados do interior do Brasil, resultou em áreas com paisagens preservadas, em sua plenitude, com manifestações tangíveis e intangíveis. A profusão dessas manifestações, espalhadas por dezenas de municípios, distribuídas ao longo dos caminhos rurais e dos núcleos urbanos, animadas pelas tradições preservadas, constituem um novo desafio à política de preservação do patrimônio no Brasil.

Como proposta efetiva, foram lançados os Roteiros Nacionais de Imigração, espécie de consórcio que une entidades do governo federal e estadual, com 16 municípios catarinenses.

Potencializar a sustentabilidade e a geração de trabalho e renda nos caminhos agrícolas e qualificar as paisagens urbanas e rurais da região constituem as premissas básicas do projeto. Ao interligar, em extensas regiões do interior do estado, as áreas mais atraentes do ponto de vista paisagístico/cultural, podem criar-se novas alternativas econômicas. Ampliando as alternativas econômicas, atua-se na fixação dos detentores do patrimônio em seus lotes, e podem diminuir as distâncias sociais.

**Sustentabilidade social e econômica** – Agregar alternativas de renda para as famílias detentoras do legado dos imigrantes norteou, desde o início, as propostas de preservação do patrimônio cultural dos imigrantes. Não há como preservar um patrimônio em vias de transformar-se social e economicamente, assim como não é razoável propor apenas a preservação da arquitetura, em um meio tão denso de manifestações culturais.

Por essas razões, o projeto de preservação e valorização do patrimônio cultural dos imigrantes em Santa Catarina busca proporcionar, para o universo de bens que o constitui e para seus proprietários, novas alternativas de sustentabilidade

e bem-estar. Essas alternativas partem de considerar os minifúndios rurais como unidades de produção, e devem trazer possibilidades de acoplar os produtos e as propriedades ao mercado e a novas fontes de geração de trabalho e renda.

Tais possibilidades devem valer-se da excepcionalidade da área, de seus potenciais agrícolas, das alternativas de sobrevalorização dos produtos de referência cultural, da criação de pontos qualificados de comercialização de produtos tradicionais, de ações integradas com lazer, educação e turismo controlado – que revertam diretamente em proveito das famílias de produtores rurais. Esse é o maior dos desafios do projeto.

**Abrangência** – O estágio inicial do projeto apresentou a primeira parte da proposta de pre-

servação do patrimônio cultural dos imigrantes em Santa Catarina. A ação desenvolveu-se através do tombamento de edifícios, propriedades e áreas urbanas e rurais que estabelecem noções de continuidade ao patrimônio disperso e estimulam novas formas de apropriação social e econômica. Os bens que integram o rol dos imóveis, das propriedades e das áreas urbanas e rurais incorporados em seus vários níveis de tombamento foram selecionados tendo em vista diversos fatores. Destacam-se os objetivos de representar condignamente as manifestações dos diversos grupos étnicos que emigraram para Santa Catarina, seus vários períodos históricos e as diferentes soluções de técnicas e materiais construtivos, acabamentos estéticos, tipologias arquitetônicas,







Hory Heining

funções e partidos organizacionais de plantas e implantações no lote.

A proposta de preservação abrangeu os três níveis governamentais: o municipal, o estadual e o federal. Dentre os critérios, foram priorizadas a inter-relação dos bens em roteiros (impedindo que permaneçam isolados no espaço rural) e também a complementaridade com atrativos naturais, que contextualizem os edifícios e as áreas protegidas e reforcem sua sustentabilidade, inclusive social.

São algumas possibilidades decorrentes do projeto: maiores cuidados com a preservação das paisagens urbanas e rurais da região, implantação de centros de comercialização de produtos tradicionais, criação de eco-museus, estímulo às visitas planejadas e às alternativas de alojamento, tais como camping e pernoite em propriedades rurais, a divulgação de produtos tradicionais, promoção de festas e eventos, qualificação de

bares e restaurantes, turismo ecológico e estabelecimento de programas com escolas, envolvendo visitas dirigidas.

**Critério de seleção das unidades** – As edificações propostas para a primeira fase de tombamentos de unidades e conjuntos relacionados com os imigrantes em Santa Catarina fazem parte de um grupo de construções representativas da arquitetura e dos acontecimentos históricos mais importantes da imigração no estado e, em muitos casos, em todo o Brasil. Foram selecionadas nas colônias mais antigas, em uma área expressiva do território catarinense.

A predominância é de bens situados na área rural. No campo, as mudanças sociais, econômicas e ambientais ocorreram em escala menor, o que permitiu a preservação de construções antigas, com interferências menos sensíveis nas tradições e nos edifícios conservados.

Para a definição dos imóveis propostos para tombamento, foram pesquisados vários dos muni-





cípios mais relevantes do ponto de vista da imigração alemã, italiana, polonesa e ucraniana.

Nas proximidades de Florianópolis, ocorreram as primeiras experiências de fixação de imigrantes alemães, com a fundação da Colônia São Pedro, ainda em 1829. A região foi pesquisada em inventário de reconhecimento, buscando identificar padrões arquitetônicos e unidades excepcionais que pudessem acrescentar dados aos contextos mais estudados, de onde provém a maior parte dos bens para os quais se sugere proteção.

Como resultado da pesquisa, comprovou-se que os conjuntos rurais dos municípios do Vale do Itajaí e do nordeste do estado eram os que guardavam os exemplares mais íntegros e ilustrativos

das primeiras fases da arquitetura teuto-brasileira em Santa Catarina. Comprovou-se, também, que é no norte do estado que se conservam os elementos urbanos e arquitetônicos mais importantes relacionados com os imigrantes provenientes da Polônia e da Ucrânia.

Os italianos, por sua vez, distribuem-se em três áreas mais importantes. No sul do estado estão as colônias mais populosas, com remanescentes principalmente em Urussanga, Criciúma, Orleans e Nova Veneza. No Vale do Itajaí, onde a penetração deu-se através da Colônia Blumenau, os imigrantes provenientes da Itália instalaram-se especialmente nos atuais municípios de Ascurra, Rio dos Cedros e Rodeio. Ao longo do Rio Tijucas, que deságua no



litoral catarinense pouco ao norte da Ilha de Santa Catarina, também se instalaram esses imigrantes, logo interligados com a Colônia Brusque. Nova Trento, Canelinha e São João Batista decorrem desses povoamentos e de suas extensões.

Após análise exaustiva, pôde-se afirmar com segurança que esses conjuntos e unidades rurais devem ser considerados excepcionais, no contexto geral do patrimônio nacional e da arquitetura da imigração européia para o sul do Brasil. Apresentam inúmeras qualidades. Constituem-se como documentos vivos de uma época, testemunham a maestria construtiva, a autenticidade e originalidade das técnicas construtivas e da adaptação de lições milenares que contribuíram, preponderantemente, na formação da paisagem cultural da região.

**A implementação dos roteiros** – A implantação dos Roteiros Nacionais de Imigração é a proposta global desta primeira fase do reconhecimento e proteção do patrimônio dos imigrantes em Santa Catarina. Para sua concretização, foi estabelecida a parceria entre o governo federal, o estado e os municípios da região estudada.

A ação inicia-se pela proteção de perto de seiscentas propriedades, distribuídas entre aproximadamente 60 imóveis tombados pelo Iphan, 200 pela Fundação Catarinense de Cultura e outros 300 pelos diversos municípios. Esses tombamentos estão distribuídos ao longo dos principais caminhos pesquisados, que formam os roteiros, a serem imediatamente dotados de legislação de proteção específica.

Através da estruturação de roteiros de visitação ao longo dos caminhos onde estão distribuídas as propriedades rurais, será possível promover um incremento econômico para as diversas famílias de produtores hoje em dificuldades de manter-se no campo, devido à baixa rentabilidade da pequena produção agrícola familiar.

No que diz respeito à infraestrutura, além das propriedades tombadas, os roteiros terão sua

atratividade ampliada pelo planejamento cuidadoso dos caminhos rurais e dos centros urbanos abrangidos no projeto, pelas especificidades do patrimônio natural, pela criação de eco-museus nas áreas mais íntegras de preservação do patrimônio natural e cultural, por centros de recepção e de comercialização de produtos tradicionais.

Os municípios participam do projeto através de convênio de adesão, assinado mediante os seguintes compromissos:

- Criar ao menos um espaço de referência do projeto e de comercialização de produtos tradicionais ao longo dos roteiros, no âmbito do seu município.

- Indicar ao menos um técnico como responsável pelo projeto no município, fazendo contato permanente com os moradores e promovendo as alternativas de turismo e lazer controlados.

- Criar o Fundo de Preservação do Patrimônio Cultural, a ser previsto no orçamento, que deverá ser gerido por um conselho composto por representantes das secretarias municipais de cultura, educação, turismo e planejamento urbano, da Fundação Catarinense de Cultura e do Iphan.

- Participar das ações de divulgação dos roteiros, imprimindo fôlderes e cartazes específicos sobre os atrativos dos Roteiros Nacionais de Imigração no âmbito do seu município, sinalizando com placas rodoviárias os imóveis tombados em seu território.

Ao Iphan, além de prestar assessoria técnica, caberá o papel da articulação entre os demais órgãos do governo federal, promovendo uma política interministerial de preservação do patrimônio do imigrante. O foco está na criação de alternativas de sustentabilidade local, na promoção da qualidade de vida do morador, em todas as esferas – econômica, cultural, educacional –, na otimização da infraestrutura, nas ações de conservação do patrimônio edificado, além da difusão do conhecimento e valorização da história e das tradições locais e da divulgação dos atrativos culturais e naturais da região.





Lista de Bens Tombados pelo Iphan

Proposta de Tombamento Estadual

Termo de Cooperação assinado em 2007

## Lista de Bens Tombados pelo Iphan

Código	Edificação	Cidade	Localidade
ASC001	Casa Buzzi	Ascurra	Ribeirão São Paulo
BND001	Igreja da Liberdade	Benedito Novo	Ribeirão Liberdade
BLU142	Igreja Luterana do Espírito Santo	Blumenau	Centro
BLU168	Comercial Husadel	Blumenau	Centro
BLU173	Museu da Família Colonial	Blumenau	Centro
BLU183	Antiga Escola nº 1	Blumenau	Itoupava Central
BLU080/81	Conjunto Zimmdars	Blumenau	Itoupava Rega
BLU004c	Casa Conrad, Heinz Carl (Haco)	Blumenau	Vila Itoupava
BLU028	Casa Hoerning, Alcides	Blumenau	Vila Itoupava
BLU005c	Beneficência Misericórdia (maternidade)	Blumenau	Vila Itoupava
BLU002c	Salão Primavera	Blumenau	Vila Itoupava
BLU035	Casa Bauer, Nelson	Blumenau	Vila Itoupava - fundos Havenstein
BLU051	Casa Hein, Hary (Tangerina)	Blumenau	Vila Itoupava - Sarmento
GBR006	Casa Ulrich, Helmut	Guabiruba	São Pedro
IDL001	Casa Duwe	Indaial	Arapongas
IDL039	Casa Hersing, Lorival	Indaial	Encano Alto
IDL035	Casa Ristow, Arlindo e Edmundo	Indaial	Encano Alto



Objeto de Tombamento	Livros do Tombo	Endereço
Casa alvenaria autoportante	Histórico   Belas Artes	Ribeirão São Paulo, 1119
Igreja enxaimel e cemitério	Igreja: Belas Artes   Cojunto Igreja e Cemitério: Histórico   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Alto Liberdade
Igreja alvenaria autoportante rebocada	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Amazonas, 119
Casa comercial	Histórico   Belas Artes	R. XV Novembro, 801
Casas enxaimel do museu	Histórico   Belas Artes	Al. Duque de Caxias, 78
Escola enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Dr. Pedro Zimmermann, 8107
Edificação enxaimel e edificação alvenaria autoportante	Histórico   Belas Artes	R. Erwin Manzke, 9562
Edificação enxaimel	Belas Artes	R. Henrique Conrad, 654
Casa enxaimel e conjunto com ranchos	Casa enxaimel: Belas Artes   Casa e ranchos: Histórico   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Viena, 1720
Edificação enxaimel de 1923	Histórico	R. Henrique Conrad, 432
Salão enxaimel	Histórico	R. Henrique Conrad, 1260
Conjunto edificado: casa enxaimel e ranchos madeira	Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Max Bauer, 991
Casa enxaimel	Belas Artes	R. Paulo Zingel, s/nº
Casa enxaimel	Histórico/ Belas Artes	R. Holstein, s/nº
Casa enxaimel e rancho anexo	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Augusto Maas, 5700
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Reinhold Schroeder, s/nº
Casa enxaimel e rancho anexo	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Reinhold Schroeder, s/nº

## Lista de Bens Tombados pelo Iphan

Código	Edificação	Cidade	Localidade
IDL050	Casa Schroeder, Luiza	Indaial	Encano Central
IDL089	Ponte madeira coberta Warnow	Indaial	Warnow
IDL113	Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	Indaial	Warnow Alto
ITP010	Igreja Santo Estanislau	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP009	Casa Polaski, David	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP025	Igreja São Pedro e São Paulo	Itaiópolis	Moema
ITP	Conjunto de Alto Paraguaçu	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
JGS147	Depósito Breithaupt	Jaraguá do Sul	Centro
JGS036	Casa Schiocket, Vittorio	Jaraguá do Sul	Nereu Ramos
JGS068	Casa Rux, Erwin	Jaraguá do Sul	Rio da Luz (mag.dir.)
JVE170	Estação Ferroviária	Joinville	Centro
JVE001	Casa Kruger, Wally	Joinville	Dona Francisca
JVE023	Casa Fleith, Alvino	Joinville	Pico
JVE042	Casa Schwisky, Otto	Joinville	Quiriri
NNV0017a	Casa de Pedra da Família Bratti	Nova Veneza	Nova Veneza e Caravaggio
ORL002	Casa Barzan, João Félix	Orleans	Palmeira Alta
POD017	Casa Arndt, Erwin (Casa da Crista)	Pomerode	Testo Alto
POD010	Casa Siewert, Ovídio	Pomerode	Testo Alto
POD012	Casa Sievert, Wendelin	Pomerode	Testo Alto



Objeto de Tombamento	Livros do Tombo	Endereço
Casa enxaimel	Belas Artes	R. Reinhold Schroeder, 6700
Ponte de madeira	Histórico   Belas Artes	R. Mal. Deodoro da Fonseca
Capela e torre sineira	Histórico   Belas Artes	Estrada Geral do Warnow Alto
Igreja	Belas Artes	R. Anita Ruthes Andreyevsky, s/nº
Casa comercial	Histórico   Belas Artes	R. João Kominek, 120
Igreja e cemitério	Igreja: Belas Artes   Igreja e cemitério: Histórico   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Estrada Geral de Moema
Poligonal núcleo histórico	Histórico   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	-
Edificação enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Expedicionário Gumercindo da Silva
Casa alvenaria autoportante	Belas Artes	Estrada Geral Itapocu Hansa, 8315
Casa enxaimel e ranchos anexos	Belas Artes	R. Erwin Rux, 663
Estação	Histórico   Belas Artes	R. Leite Ribeiro, s/nº
Casa alvenaria autoportante	Belas Artes	Estrada D. Francisca Km 0
Conjunto edificado: casa enxaimel e ranchos madeira	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Estrada do Pico s/nº
Casa enxaimel	Belas Artes	Estrada do Quiriri, 2223
Conjunto edificado: casas de pedra	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Estrada que liga Nova Veneza a Caravaggio
Casa alvanaria de pedra aparente	Belas Artes	Estrada Geral Rio Palmeira Alta s/nº
Casa enxaimel e ranchos anexos	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Progresso, 1241
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Testo Alto, 7875
Casa enxaimel e ranchos anexos	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Testo Alto, 8019

## Lista de Bens Tombados pelo Iphan

Código	Edificação	Cidade	Localidade
POD014	Casa Lümke, Helmut (casa de taipa)	Pomerode	Testo Alto
POD014a	Casa Raduenz, Walter	Pomerode	Testo Alto
POD018	Casa Voigt, Ella	Pomerode	Testo Alto
POD007	Casa Wacholz, Felipe	Pomerode	Testo Alto (mar.esq)
POD063	Comércio Haut	Pomerode	Testo Rega
POD062	Comércio Weege	Pomerode	Testo Rega
POD054	Casa Hardt, Erich	Pomerode	Testo Rega
POD024	Casa Wunderwald	Pomerode	Wunderwald
POD065	Sítio Tribess	Pomerode	Wunderwald
POD/JGS	Testo Alto e Rio da Luz	Pomerode e Jaraguá do Sul	
SBS009	Casa Schlagenhauer	São Bento	Dona Francisca   Bela Aliança
SBS010	Casa Struck, Waldemiro	São Bento	Dona Francisca   Bela Aliança
SBS004	Casa Neumann	São Bento	Dona Francisca
SBS002	Casa Eichendorf, Edeltraud	São Bento	Dona Francisca
TIO007	Casa Zimath, Norberto	Timbó	Pomeranos
TIO012a/B	Escola e Casa do Professor	Timbó	Pomeranos
TIO005	Casa Radoll, Invalt	Timbó	Rio Cedro (mar.esq)
TIO013	Salão Hammermeister	Timbó	Tirolezes
TIO048	Casa Ewald	Timbó	Via Hass



Objeto de Tombamento	Livros do Tombo	Endereço
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Testo Alto - Fundos, 9690
Casa enxaimel	Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Curitiba, 377
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Progresso, 2320
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Testo Alto, 6148
Comércio enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Presidente Costa e Silva, 719
Comércio enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Presidente Costa e Silva, 677
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Arnaldo Hardt, 379
Casa enxaimel	Histórico/ Belas Artes	R. Dr. Wunderwald, 2467
Conjunto edificado: casas enxaimel e ranchos de madeira	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Alberto Rahn, 1463
Núcleo rural	Histórico   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	
Casa alvenaria autoportante	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Estrada Dona Francisca, 7889
Casa e ranchos anexos	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Estrada Dona Francisca, 9135
Casa alvenaria autoportante	Histórico   Belas Artes	Estrada Dona Francisca, 2988
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	Estrada Dona Francisca, 158
Casa alvenaria autoportante e rancho anexo	Histórico   Belas Artes	R. Pomeranos, 3182
Casa enxaimel e antiga escola	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	R. Pomeranos, 140 (casa) e 182 (escola)
Conjunto edificado (casa enxaimel e ranchos de madeira)	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Cedro Margem Esquerda
Salão alvenaria autoportante	Histórico   Belas Artes	SC 477 esquina com Rua Edmundo Bell
Casa alvenaria autoportante	Belas Artes	R. Blumenau, 2240

## Lista de Bens Tombados pelo Iphan

Código	Edificação	Cidade	Localidade
TIO004	Casa Reinecke, Érica	Timbó	Via Hass
URS031	Propriedade Bez Fontana	Urussanga	Rio América
URS093	Igreja São Gervásio e São Protásio	Urussanga	Rio Maior
URS095	Casa Cancelier, Ivanir	Urussanga	Rio Maior
VRG001	Igreja São Judas Tadeu	Vargem	Centro
VDR001	Conjunto Irmãos Stoltenberg	Vidal Ramos	-



4/4

Objeto de Tombamento	Livros do Tombo	Endereço
Casa enxaimel	Histórico   Belas Artes	R. Blumenau, 4664
Conjunto edificado: sobrado e ranchos de madeira	Histórico   Belas Artes   Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	Estrada Geral Rio América Baixo s/nº
Igreja e campanário	Histórico   Belas Artes	Estrada Geral Rio Maior (SC 446) s/nº
Casa alvenaria pedra	Histórico   Belas Artes	Estrada Geral Rio Maior (SC 446) s/nº / Rio Maior
Igreja madeira	Histórico   Belas Artes	Centro de Vargem
Conjunto comercial	Histórico/ Belas Artes	-

## Proposta de Tombamento Estadual

1/9

Código	Edificação	Cidade	Localidade
ASC002	Casa Merini	Ascurra	Ribeirão São Paulo
ASC003	Casa Poffo, Miguel	Ascurra	Ribeirão São Paulo
ASC005	Casa Poltronieri	Ascurra	Saxônia
ASC006	Casa Possamai, Leandro	Ascurra	Saxônia
ASC008	Igreja Matriz	Ascurra	Centro
ASC009	Colégio	Ascurra	Centro
BND007	Casa Neitzke, Wigand	Benedito Novo	Ribeirão Liberdade
BND008	Comercial Toewes	Benedito Novo	Alto Benedito
BND010	Casa Hemmich	Benedito Novo	Alto Benedito
BND013	Casa Klitzke, Leopoldo	Benedito Novo	Centro
BND015	Comercial Doege	Benedito Novo	Centro
BND016	Casa Butzke, Gerda	Benedito Novo	Santa Maria
BLU	Vila Itoupava - rural	Blumenau	
BLU	Vila Itoupava - urbana	Blumenau	
BLU009c	Casa Manzke, Mario	Blumenau	Vila Itoupava
BLU013	Casa Bublitz, Robert	Blumenau	Vila Itoupava
BLU019	Casa Daegue, Herber	Blumenau	Vila Itoupava
BLU021	Casa Dauer, Ary	Blumenau	Vila Itoupava
BLU023	Casa Família Link	Blumenau	Vila Itoupava
BLU025	Casa Hensel, Arno	Blumenau	Vila Itoupava
BLU026	Casa Moreira, Manoel	Blumenau	Vila Itoupava
BLU036	Casa Bauer, Herman	Blumenau	Vila Itoupava (fundos Havenstein)
BLU052	Casa Franz, Hary (casa de taipa)	Blumenau	Vila Itoupava   Sarmento
BLU064	Igreja Evangélica Itoupava Rega I	Blumenau	Itoupava Rega
BLU071	Casa Manzke, Rudibert	Blumenau	Itoupava Rega
BLU076	Casa Manzke, Walter	Blumenau	Itoupava Rega
BLU092	Casa Jantz, Hary	Blumenau	Itoupava Rega
BLU093	Casa Flohr, Bruno	Blumenau	Itoupava Rega
BLU098	Casa Milghet, Arnaldo	Blumenau	Itoupava Rega



## Proposta de Tombamento Estadual

2/9

Código	Edificação	Cidade	Localidade
BLU109a	Comercial Manzke (Pick Com. e Rep. Ltda)	Blumenau	Vila Itoupava
BLU126	Casa Steinbrick, Alcido	Blumenau	Vila Itoupava
BLU135	Casa Prayon, Annemaria	Blumenau	Itoupava Rega
BLU139	Casa Vasselai	Blumenau	Itoupavazinha
BLU144	Casa Amaral, Carlos Tavares do	Blumenau	Centro
BLU145	Casa Cunha, Lupércio	Blumenau	Centro
BLU146	Casa Freitag, Percy	Blumenau	Centro
BLU147	Casa Freitas, Gelasio de Souza	Blumenau	Centro
BLU149	Casa Grossenbacher, Jayme	Blumenau	Centro
BLU151	Casa Kastner	Blumenau	Centro
BLU152	Casa Kegel, Wolfgang	Blumenau	Centro
BLU153	Casa Marlise Monsen   Egon Stein	Blumenau	Centro
BLU154	Casa Merlo, Paulo Afonso Freitas	Blumenau	Centro
BLU155	Casa Nemetz, Luiz Carlos (R. Fl. Peixoto)	Blumenau	Centro
BLU158	Casa Schmidt   Klein	Blumenau	Centro
BLU159	Casa Schramm, Luiz	Blumenau	Centro
BLU160	Casa Stodieck	Blumenau	Centro
BLU161	Casa Stodieck, Ricardo	Blumenau	Centro
BLU162	Casa Varig	Blumenau	Centro
BLU163	Casa Vetterle, Hilda	Blumenau	Centro
BLU164	Cia. Hering (1160)	Blumenau	Centro
BLU165	Cia. Hering (1790)	Blumenau	Centro
BLU166	Cia. Hering (s/nº)	Blumenau	Centro
BLU167b	Colégio Santo Antônio (nº 1125)	Blumenau	Centro
BLU169	Fundação Hermann Hering	Blumenau	Centro
BLU170	Igreja Matriz	Blumenau	Centro
BLU175	Teatro Carlos Gomes	Blumenau	Centro
BLU181	Casa Seibt, Leopoldo	Blumenau	Estrada da Cachaça
BLU190	Casa taipa cervejaria	Blumenau	Itoupava Central
CPA005	Casa enxaimel do centro	Campo Alegre	Centro

## Proposta de Tombamento Estadual

3/9

Código	Edificação	Cidade	Localidade
CPA006	Casa Silveira, Serapião Nunes da	Campo Alegre	Centro
CPA007	Casa Família Cubas	Campo Alegre	Centro
CPA009	Casa Bueno Franco	Campo Alegre	Centro
CPA013	Casa Villa Valeska	Campo Alegre	Centro
CPA015	Igreja Matriz	Campo Alegre	Centro
CPA016	Casa Família Gornack	Campo Alegre	Centro
CPA018	Casa Piske	Campo Alegre	São Miguel
CPA019	Casarão do Lageado	Campo Alegre	Lageado
CPA020	Antigo Engenho (ou Serraria?)	Campo Alegre	Salto do Engenho
CPA022	Casa Iadüncka Kobus	Campo Alegre	Bateias de Baixo
GBR001	Casa Baron, Abel	Guabiruba	Rua Guabiruba
GBR002	Casa Schilindwein, Arnold	Guabiruba	Rua Guabiruba
GBR005	Casa Schlindwein, Joaquim	Guabiruba	Rua Guabiruba
GBR017	Casa Dalbosco, Pedro	Guabiruba	Lajeado Baixo
GBR020	Casa Kohler, Pedro	Guabiruba	
GBR021	Casa Scharf	Guabiruba	Rua Carlos Gumz
GBR022	Casa Schweigert, Arnaldo	Guabiruba	Rua 10 de Junho
IDL	Warnow	Indaial	
IDL028	Casa Preilipper, Carlos (enx. taipa 1860)	Indaial	Encano Central
IDL042	Casa Bertoldi, Elcio Luis	Indaial	Encano (central) Alto
IDL057	Igreja Luterana	Indaial	Encano
IDL080	Casa Braatz, Hermes	Indaial	Warnow
IDL082	Casa Höeschl, Carlos (antigo secos e molhados)	Indaial	Warnow
IDL083	Casa Höeschl, Carlos	Indaial	Warnow
IDL084	Casa Raiter, Helga	Indaial	Warnow
IDL085	Comércio Enxaimel Warnow	Indaial	Warnow
IDL086	Igreja Luterana	Indaial	Warnow
IDL088	Antiga Estação Ferroviária	Indaial	Warnow
IDL099	Casa Ebert, Ivo	Indaial	Warnow

## Proposta de Tombamento Estadual

4/9

Código	Edificação	Cidade	Localidade
IDL200	Casa Kreissig, Friedrich	Indaial	Mulde
IDL225	Comercial Pffeunreiter	Indaial	Encano do Norte
IDL228	Estação Ferroviária	Indaial	Centro
IDL231	Casa Enns, Asta	Indaial	Warnow
IDL232	Casa Voight, Harry	Indaial	Encano
IDL235	Casa Elísio, Valdemar	Indaial	Carijós
IDL236	Antigo Lar Salim	Indaial	
IDL237	Casa Gonzaga de Taipa	Indaial	
IDL238	Cemitério da Mulde	Indaial	
IDL239	Cemitério do Encano Norte	Indaial	
ITP001	Casa Bartniak	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP002	Casa Dona Zenita	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP003	Casa Buba, Lúcia	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP004	Casa Pieczarka, Verônica	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP005	Casa Andreckzeweski (Antigo Hospital)	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP006	Casa 6	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP007	Salão e Secretaria Paroquial	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP008	Casa Iglkowski, Geraldo	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP009	Casa Polaski, David	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP011	Cemitério	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP012	Sociedade Instrutiva e Recreativa Rui Barbosa	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP013	Casa 13 (primeira após o cemitério)	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP014	Casa 14 (segunda após o cemitério)	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP015	Casa 15 (terceira após o cemitério)	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
ITP017	Casa Koval, Mário Elias	Itaiópolis	Iracema
ITP020	Casa Wagner	Itaiópolis	Moema
ITP021	Casa Levandoski, Maria Amélia	Itaiópolis	Moema
ITP022	Antigo Comércio Família Heyse	Itaiópolis	Moema
ITP023	Casa Heyse	Itaiópolis	Moema



Código	Edificação	Cidade	Localidade
ITP027	Convento das Irmãs Servas de Maria Imaculada	Itaiópolis	Moema
ITP029	Igreja Ucraniana da Sagrada Família	Itaiópolis	Xavier da Silva
ITP030	Igreja	Itaiópolis	Centro
ITP032	Casa 32	Itaiópolis	Centro
ITP035	Casa Sztoltz, Dionísio	Itaiópolis	Alto Paraguaçu
JGS015	Casa Tribess, Elga	Jaraguá do Sul	Rio da Luz
JGS044	Casa Krueger, Arthur	Jaraguá do Sul	Barra do Rio Cerro
JGS060	Casa Gilow	Jaraguá do Sul	Rio Cerro Pequeno (marg esq)
JGS096	Igreja Protestante	Jaraguá do Sul	Rio da Luz (marg esq)
JGS104	Casa Drews, Alex (Drewe?)	Jaraguá do Sul	Rio da Luz I (marg dir)
JGS105	Casa Braun, Alfonso	Jaraguá do Sul	Rio da Luz I (marg esq)
JGS110	Casa Mayer, Wigando	Jaraguá do Sul	Rio Jaraguá (marg esq)
JGS118	Casa Lehmert	Jaraguá do Sul	Ribeirão Garibaldi (marg dir)
JGS119	Casa Jansen, Adelino	Jaraguá do Sul	Ribeirão Garibaldi (marg dir)
JGS126	Casa Töeve, Rolf	Jaraguá do Sul	Ribeirão Garibaldi (marg dir)
JGS148	Casa Nagel	Jaraguá do Sul	Chico de Paulo
JGS151a	Casa Puff, Arlindo	Jaraguá do Sul	Garibaldi
JGS151b	Casa Puff, Arlindo	Jaraguá do Sul	Garibaldi
JGS153	Casa Kopiaki, Pedro	Jaraguá do Sul	Centro
JGS154	Casa Muller, Alzira Thiern	Jaraguá do Sul	Centro
JGS155	Casa Schoenau, Erma	Jaraguá do Sul	Centro
JVE	Rio da Prata	Joinville	
JVE004	Casa Nehls, Gehard/ Melanie	Joinville	Mildau
JVE005	Casa Nehls, Leonildo	Joinville	Mildau
JVE006	Casa Philipi, Ulmar (Bleichuwelh)	Joinville	Mildau
JVE008	Casa Wiener, Berta	Joinville	Mildau

## Proposta de Tombamento Estadual

6/9

Código	Edificação	Cidade	Localidade
JVE009	Casa Seefeldt, João Carlos	Joinville	Dona Francisca
JVE010	Casa Pabst, João	Joinville	Tromba
JVE012	Casa Bärwaldt, Alvin	Joinville	Tromba
JVE021	Casa Hardt, Herbert	Joinville	Dona Francisca
JVE030	Casa Nehls, Armand	Joinville	Prata
JVE031	Casa Pabst, Alex	Joinville	Prata
JVE035	Casa Pabst, Erwin	Joinville	Prata
JVE036	Casa Pabst, Leopold	Joinville	Prata
JVE038	Casa Bartz, Valdir	Joinville	Prata
JVE039	Casa Meyer, Érica	Joinville	Dona Francisca
JVE040	Casa Hardt, Eugênio	Joinville	Dona Francisca
JVE041	Casa Neitzel, Livino	Joinville	Quiriri
JVE044	Casa Weege, Curt	Joinville	Quiriri
JVE050	Casa Roessler, Arno	Joinville	Dona Francisca
JVE084	Casa Voigt, Ivo	Joinville	Dona Francisca
JVE086	Casa Gomes de Oliveira, João (Vigando Fleith)	Joinville	Dona Francisca
JVE087	Casa Prochnow, Virgílio	Joinville	Dona Francisca
JVE105	Casa Parucker	Joinville	Dona Francisca
JVE108	Casa Km 9,8	Joinville	Dona Francisca
JVE111	Igreja Luterana	Joinville	Dona Francisca
JVE143	Casa "11"	Joinville	Prata
JVE167	Cemitério Luterano	Joinville	Rio do Júlio
JVE168	Escola Municipal	Joinville	Rio do Júlio
JVE169	Igreja Luterana	Joinville	Rio do Júlio
MFR006	Casa da Cultura	Mafra	Centro
MFR015	Comercial/ residencial (MFR015)	Mafra	Centro
	Casa Prefeito Ayres Rauen	Mafra	Centro
NVZ010	Igreja Matriz de São Marcos*	Nova Veneza	Centro
ORL001	Casa Cancelier, Mário de Lorenzi	Orleans	Palmeira do Meio

Código	Edificação	Cidade	Localidade
ORL003	Casa Canever, Felix	Orleans	Palmeira Alta
POD001	Casa Jandre, Bruno (Strutz ou Souza Cruz)	Pomerode	Testo Alto
POD002	Salão Belz	Pomerode	Testo Alto (mar.esq)
POD007	Casa Wacholz, Felipe	Pomerode	Testo Alto (mar.esq)
POD009	Casa Zummach (Haut filial)	Pomerode	Testo Alto
POD013	Casa Rahn, Hugo	Pomerode	Testo Alto
POD019	Igreja	Pomerode	Testo Alto (mar.dir)
POD020	Cemitério dos Imigrantes	Pomerode	Testo Alto (mar.dir)
POD056	Casa Comercial Passold	Pomerode	Testo Rega
POD066	Casa Siebert - pousada da estufa	Pomerode	Testo Alto
POD067	Casa Scheiwe (taipa)	Pomerode	Vale do Selke
POD076	Casa Hornburg (Casa Azul)	Pomerode	Testo Alto
RCD001	Casa Mengarda, Isali	Rio dos Cedros	Caravaglio
RCD002	Casa Mengarda, Severino	Rio dos Cedros	Caravaglio
RCD003	Casa Santos Reis	Rio dos Cedros	Caravaglio
RCD004	Casa Lenzi	Rio dos Cedros	Caravaglio
RCD005	Casa Giovanella, Iria	Rio dos Cedros	Caravaglio
RCD008	Casa Menestrina, Jovito	Rio dos Cedros	Caravaglio
RCD009	Casa Klug	Rio dos Cedros	Centro/Tiroleses
RCD010	Casa Kannenberg, Orlando	Rio dos Cedros	Cedro Margem dir.
RCD013	Casa Wolter, Edimar	Rio dos Cedros	Rio Aida
RCD017	Comercial Beyer	Rio dos Cedros	Setembro/Cedro Alto
RCD018	Casa Meyer, Wilhelm	Rio dos Cedros	Setembro/Cedro Alto
RCD019	Igreja Sto Antônio	Rio dos Cedros	Sto. Antônio
RDC	Caravaggio	Rio dos Cedros	
ROD001	Casa Fronza, Waldemiro	Rodeio	Est.Geral Timbó/Rodeio
ROD002	Casa Gotardi, Domenica	Rodeio	Est.Geral Timbó/Rodeio
ROD003	Casa Tamanini, Luiz	Rodeio	Est.Geral Timbó/Rodeio
ROD006	Casa Sardagna, Marta	Rodeio	Est.Geral Timbó/Rodeio
SBS001	Casa Grosskopf, Adolfo	São Bento	Cruzeiro



## Proposta de Tombamento Estadual

8/9

Código	Edificação	Cidade	Localidade
SBS001a	Casa Weber, Frida	São Bento	Estrada do Rio Negro
SBS002	Casa Edeltraud Eichendorf	São Bento	Dona Francisca
SBS003	Casa Eichendorf, Edwirges	São Bento	Dona Francisca
SBS004	Casa Neumann	São Bento	Dona Francisca
SBS009	Casa Schlagenhauer	São Bento	Cruzeiro
SBS010	Casa Waldemiro Struck	São Bento	Cruzeiro
SBS011	Casa Struck, Nelson	São Bento	Dona Francisca
SBS012	Casa Schwarz, Adolfo	São Bento	Dona Fca./Bela Aliança
SBS013	Antigo Moinho Schwarz	São Bento	Dona Fca./Bela Aliança
SBS017	Casa ao lado da nº 5698	São Bento	Dona Fca./Bela Aliança
SBS019	Casa Schwarz, Terezinha	São Bento	Dona Fca./Bela Aliança
SBS021	Escola Km 75	São Bento	Dona Fca./Bela Aliança
SBS023	Cemitério Dona Francisca	São Bento	Dona Francisca
SBS024	Casa Beckert	São Bento	Dona Francisca
SBS026	Casa Becker, Nivaldo	São Bento	Dona Francisca
SBS032	Casa Rudnick	São Bento	Dona Francisca
SBS037	Casa Selke, Paulo	São Bento	Dona Francisca
SBS038	Escola Km 80	São Bento	Dona Francisca
SBS039	Capela N. Sra. Auxiliadora dos Cristãos	São Bento	Lençol
SBS046	Cemitério de Lençol	São Bento	Lençol
SBS049	Estação Ferroviária Rio Natal	São Bento	Rio Natal
SBS051	Estação Ferroviária Rio Vermelho	São Bento	Rio Verm. Estação
SBS052	Capela N. Sra. Da Medalha Milagrosa	São Bento	Rio Verm. Povoado
SBS053	Cemitério de Rio Vermelho Povoado	São Bento	Rio Verm. Povoado
SBS	Estrada Dona Francisca	São Bento do Sul	
TIO001	Casa Klug, Regina	Timbó	Rio Cedro (mar.esq)
TIO002	Casa Thurow, Geraldo	Timbó	Rio Cedro (mar.esq)
TIO010	Casa Kloehn, Valmor	Timbó	Rio Cedro (mar.esq)
TIO014	Casa Lorentz	Timbó	Centro
TIO016	Casa Draeger, Milda	Timbó	Mulde

## Proposta de Tombamento Estadual

9/9

Código	Edificação	Cidade	Localidade
TIO018	Casa Kreissing (Casa com Porão)	Timbó	Mulde
TIO020	Casa Schneider	Timbó	Mulde
TIO024	Casa de taipa Zatelli	Timbó	Pomeranos
TIO026	Casa Jankee, Wally	Timbó	Pomeranos
TIO027	Casa Lorenz, Oma	Timbó	Pomeranos
TIO028	Casa Schumann	Timbó	Pomeranos
TIO030	Casa Wolter	Timbó	Pomeranos
TIO037	Casa Muller	Timbó	SC417
TIO050	Fábrica de Papelão	Timbó	
URS006	Casa Mazzucco, Bortolino	Urussanga	Centro
URS025	Conjunto estação de trem e casa do agente	Urussanga	Bairro da Estação
URS028	Casa Zanin, Mário Pelegrin	Urussanga	Bairro da Estação
URS029	Fábrica (Zanin, Mário Pelegrin)	Urussanga	Bairro da Estação
URS030	Casa Cassetari, Ivete	Urussanga	Bairro da Estação
URS036	Casa Bonot, Angelo	Urussanga	Rio América Baixo
URS037	Casa Sander	Urussanga	Rio América Baixo
URS042	Sobrado Família Soratto	Urussanga	Rio América Alto
URS045	Casa Mariot, Zelma	Urussanga	Rio do Salto
URS047	Casa Ronconi	Urussanga	Rio do Salto
URS055	Sobrado Trevisol, Albino*	Urussanga	Rio Caeté
URS056	Casa Thomazi, Angelo*	Urussanga	Rio Caeté
URS063	Casa Contessi	Urussanga	Rio Deserto
URS079	Casa Luciot	Urussanga	Rio Carvão
URS082	Casa Maestrelli, Sérgio	Urussanga	Rio Carvão
URS086	Casa Mariot, Sidário	Urussanga	Santaninha
URS091	Sobrado Família Bocardo	Urussanga	Rio Maior
URS097	Sobrado Família Mazzucco	Urussanga	Rio Maior



**TERMO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA QUE ENTRE SI CELEBRAM OS ÓRGÃOS E ENTIDADES ABAIXO NOMINADOS COM O OBJETIVO DE PROMOVER E REALIZAR AÇÕES QUE AUXILIEM NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO DO IMIGRANTE E IMPLANTAÇÃO DOS ROTEIROS NACIONAIS DE IMIGRAÇÃO.**

A **UNIÃO**, por intermédio do **MINISTÉRIO DA CULTURA**, com sede na Esplanada dos Ministérios, Bloco B, em Brasília/DF, doravante denominado **MinC**, neste ato representado pelo seu Ministro, Senhor **GILBERTO PASSOS GIL MOREIRA**, brasileiro, casado, portador da Cédula de Identidade nº 02.493.945-6, expedida em 30 de dezembro de 2002 pela SSP/RJ, inscrito no CPF/MF sob o nº 000.309.618-15, nomeado por Decreto Presidencial de 1º de janeiro de 2003, publicado no Diário Oficial da União do mesmo dia, ambos criados pela Medida Provisória nº 103, de 01 de janeiro de 2003, convertida na Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, publicada no dia 29 subsequente; do **INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN**, neste ato representado pelo seu Presidente, **LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA**, brasileiro, casado, carteira de identidade nº M-2.169.075, expedida pela SSP/MG, CPF nº 463.783.166-00, nomeado pela Portaria nº 102, de 07/02/2006, da Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República, publicada no DOU de 08/02/2006, Seção II, página 02; do **MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO**, com sede na Esplanada dos Ministérios, Bloco A, 8º andar, Brasília/DF, doravante denominado **MDA**, neste ato representado pelo seu Ministro, Senhor **GUILHERME CASSEL**, brasileiro, casado, portador da Cédula de Identidade nº 3025451927, expedida pela SSP/RS, inscrito no CPF/MF sob o nº 303.570.800-25, nomeado por Decreto Presidencial de 26 de junho de 2006, publicado no DOU de 27/06/2006; do **MINISTÉRIO DO TURISMO**, com sede na Esplanada dos Ministérios, Bloco U, 2º andar, em Brasília/DF, doravante denominado **MTUR**, neste ato representado por sua Ministra, Senhora **MARTA SUPLYCY**, portadora do RG. nº. 2978995-3, expedida pela SSP/SP e do CPF/MF sob o nº 699.158.908-00, residente nesta Capital, nomeada pelo Decreto de 22 de março de 2007, publicado no dia subsequente; do **SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE SANTA CATARINA - SEBRAE/SC** pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ/MF sob o nº **82.515.859/0001-06**, com sede e foro na Avenida, Rio Branco, 611-Centro - Florianópolis - SC, CEP: 88015-203/SC, doravante denominado **SEBRAE**, neste ato representado por seu representante legal Diretor Superintendente, **CARLOS GUILHERME ZIGELLI**, brasileiro, casado, advogado, portador da carteira de identidade nº 6577, expedida pela OAB/SC, e do CPF nº 564.875.689-53, residente e domiciliado em Florianópolis/ SC, e por seus Diretores, **JOSÉ ALAOR BERNARDES**, brasileiro, casado, advogado, portador da carteira de identidade RG nº 550.332-9, expedida pela SSP/SC, e do CPF nº 007.107.419-87, residente e domiciliado em Florianópolis/ SC, e **ANACLETO**



Paulo Roberto Moresco  
Gerência de Orçamento,  
Finanças e Contabilidade  
18/02/07





	<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	Instituto Histórico Brasileiro de Geografia e Estatística Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
--	--------------	--	--

**ANGELO ORTIGARA**, brasileiro, divorciado, administrador, portador da carteira de identidade n.º 13/R-820.207, expedida pela SSP/SC, e do CPF n.º 384.480.689-04 residente e domiciliado em Florianópolis/ SC, o **ESTADO DE SANTA CATARINA**, com sede na SC 401, km 5, nº 4600, Saco Grande II, Florianópolis/SC, neste ato representado pelo seu Governador, Senhor **LUIZ HENRIQUE DA SILVEIRA**, brasileiro, portador da Cédula de Identidade nº 71.740-1 SSP/SC e inscrito no CPF/MF sob o nº 005.869.359-91; o **MUNICÍPIO DE ASCURRA**, com sede na Rua Henjamim Constant, 221, em Ascurra/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **PEDRO MOSER**, portador da Cédula de Identidade nº 1.727.545 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 058.586.909-04; o **MUNICÍPIO DE BENEDITO NOVO**, com sede na Rua Celso Ramos, 1168, em Benedito Novo/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **CARLINDO ALBERTO PERSHUN**, portador da Cédula de Identidade nº 694.138-9 - SSP/SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 381.246.619-87; o **MUNICÍPIO DE BLUMENAU**, com sede na Praça Victor Konder, nº 2, em Blumenau/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **JOÃO PAULO KLEINÜBING**, portador da Cédula de Identidade nº 1.577.929-7 SSP/SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 901.403.629/91; o **MUNICÍPIO DE INDAIAL**, com sede na Avenida Getúlio Vargas, 126, em Indaial/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **OLÍMPIO JOSÉ TOMIO**, portador da Cédula de Identidade nº 944.764-4 - SSP/SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 501.157.239-00; o **MUNICÍPIO DE ITAIÓPOLIS**, com sede na Av. Getúlio Vargas, 308, em Itaiópolis/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **IVO GELBCKE**, portador da Cédula de Identidade nº 609.822 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 310.658.489-00; o **MUNICÍPIO DE JARAGUÁ DO SUL**, com sede na rua Walter Marquardt, 111, em Jaraguá do Sul/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **MOACIR BERTOLDI**, portador da Cédula de Identidade nº 2/R 372.213 SSP SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 310.551-339-68; o **MUNICÍPIO DE JOINVILLE**, com sede na Rua Hermann August Lepper, 10, em Joinville/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **MARCO TEBALDI**, portador da Cédula de Identidade nº 2404861-7 SSP/SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 256.712.350-49; o **MUNICÍPIO DE NOVA VENEZA**, com sede na Travessa Osvaldo Búrigo, 44, em Nova Veneza/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **ROGÉRIO JOSÉ FRIGO**, portador da Cédula de Identidade nº 6/R 965.437 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 417.227.879-53; o **MUNICÍPIO DE ORLEANS**, com sede na Rua XV de Novembro, 12, em Orleans/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **VALMIR JOSÉ BRATTI**, portador da Cédula de Identidade nº 6/R 195.211 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 077.483-539-72; o **MUNICÍPIO DE POMERODE**, com sede na Rua XV de Novembro, 525, em Pomerode/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **ERCIO KRIEK**, portador da Cédula de Identidade nº 3/R 202617-4 SSP/SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 605.728.259-00; o **MUNICÍPIO DE RIO DOS CEDROS**, com sede na Rua Nereu Ramos, 205, Em Rio dos Cedros/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **HIDERALDO JOSÉ GIAMPICCOLO**, portador da Cédula de Identidade nº 828.030-4 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 311.484.849-49; o **MUNICÍPIO DE RIO DO SUL**, com sede na Praça 25 de Julho,01, em Rio do Sul/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **MILTON HOBUS**, portador da Cédula de Identidade nº 579.048-4 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 292.517.459-00; o **MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SUL**, com sede na Rua Jorge

Paulo Nogueira Moresco  
 Chefe de Gabinete  
 Planejamento e Contabilidade  
 14/11/2017



Lacerda, 75, em São Bento do Sul/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **FERNANDO MALLON**, portador da Cédula de Identidade nº 1.092.272 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 609.106.909-87; o **MUNICÍPIO DE URUSSANGA**, com sede na Praça da Bandeira, 12, em Urussanga/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **LUIZ CARLOS ZEN**, portador da Cédula de Identidade nº 424.935 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 299.983.449-72, o **MUNICÍPIO DE TIMBÓ**, com sede na Avenida Getúlio Vargas, 700, em Timbó/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **OSCAR SCHNEIDER**, portador da Cédula de Identidade nº 1.195.515-5 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 415.032.879-04 e o **MUNICÍPIO DE VIDAL RAMOS**, com sede na Avenida Jorge Lacerda, s/n, em Vidal Ramos/SC, neste ato representado pelo seu Prefeito, Senhor **NABOR JOSÉ SCHIMITZ**, portador da Cédula de Identidade nº 20/R 952.469 SSP-SC, inscrito no CPF/MF sob o nº 429.542.319-04, resolvem firmar o presente **TERMO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA**, sob o regime de mútua cooperação, sujeitando-se os partícipes, no que couber, às disposições contidas na Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, no Decreto nº 93.872, de 23 de dezembro de 1986, na Instrução Normativa nº 1, de 15 de janeiro de 1997, da Secretaria do Tesouro Nacional, e demais normas regulamentares da matéria, mediante as considerações, cláusulas e condições seguintes:

**CONSIDERANDO** que o projeto dos Roteiros Nacionais de Imigração tem como objetivo o reconhecimento da importância do patrimônio cultural dos imigrantes no conjunto do patrimônio cultural brasileiro.

**CONSIDERANDO** que a formalização do projeto dos Roteiros Nacionais de Imigração representa uma chance de valor cultural que incide sobre os conjuntos urbanos e sobre a área rural das regiões que o integram, buscando valorizar o patrimônio cultural identificado e ampliar a qualidade de vida de seus detentores, transformando especificidades culturais em instrumento de desenvolvimento sustentável e geração de trabalho e renda; e

**CONSIDERANDO** que, em Santa Catarina, os Roteiros Nacionais de Imigração abrangem as regiões selecionadas por meio do Inventário Cultural, aplicado nos municípios onde são maiores as evidências da contribuição dos imigrantes no contexto sociocultural da atualidade.

#### CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO

O presente instrumento tem por objeto estabelecer um regime de estreita cooperação entre os partícipes, no âmbito de suas respectivas competências, no sentido da implementação dos Roteiros Nacionais de Imigração por meio da execução de uma política de reconhecimento e de preservação do patrimônio cultural do imigrante e de desenvolvimento sustentável para os municípios envolvidos nas regiões selecionadas pelo projeto, buscando:

- garantir a preservação do patrimônio cultural, de natureza material e imaterial, das regiões de Santa Catarina onde foi mais antigo (ou onde mais se preserva) o processo de imigração;
- estimular a geração de renda, por meio da criação de opções que possibilitem a permanência das famílias de pequenos produtores rurais em suas propriedades;



Petula Ruyato Moresca  
Secretária de Circunscritas,  
Arquitetura e Cartografia



*[Handwritten signature]*



	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	Pavão Verde (A) - Brasília - 5075 Quadra 02 - Ed. Central Brasília - 70040-910 - Brasília - DF - Tel: (61) 414-4277 Fax: (61) 414-4100 e Site: www.iphan.gov.br
--	--------------	--	---

e) promover parcerias institucionais para a qualificação da educação, por meio da sua relação com a cultura, e da capacitação técnica nas ações relacionadas à agricultura familiar e ao turismo cultural, em conjunto com as comunidades;

d) estimular formas de comercialização e de beneficiamento dos produtos tradicionais das colônias;

e) fortalecer o turismo nas regiões selecionadas;

f) ampliar a parceria entre o poder público Federal, Estadual, e Municipal, para os fins a que se destina o presente TERMO DE COOPERAÇÃO; e,

g) interagir com os planos de governança local e regional estabelecidos.

**CLÁUSULA SEGUNDA - DAS AÇÕES**

Para a consecução do objeto constante da Cláusula Primeira serão executadas pelos órgãos responsáveis, em parceria com os Governos Federal, Estadual e Municipal e com as demais entidades da sociedade civil envolvidas, mediante a formalização de instrumentos apropriados, de caráter operacional e específico, garantindo-se a integração e a transversalidade entre os entes administrativos envolvidos neste TERMO DE COOPERAÇÃO, as seguintes ações:

a) o reconhecimento do legado histórico dos imigrantes como integrante do patrimônio cultural do Brasil pelo Ministério da Cultura e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e do patrimônio cultural do Estado de Santa Catarina pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, por meio da Fundação Catarinense de Cultura;

b) a chance de vários dos seus cenários urbanos e rurais como paisagens culturais brasileiras;

c) o encaminhamento aos Conselhos Consultivos ou órgãos equivalentes do IPHAN, do Estado e dos Municípios envolvidos, do pedido de tombamento de uma série de bens representativos do processo de imigração em Santa Catarina, de acordo com os resultados obtidos em pesquisa realizada pelo IPHAN;

d) o estabelecimento de legislações e medidas administrativas destinadas à preservação dos bens tombados, de suas áreas de entorno e da paisagem ambiental das regiões selecionadas;

e) a estruturação de cunhinhos rurais para o recebimento de fluxos turísticos compatíveis com suas possibilidades de absorção;


f) o estabelecimento de pontos de recepção a visitantes e comercialização de produtos tradicionais;





g) a criação de eco-museus, em conjunto com os municípios envolvidos e com o Estado de Santa Catarina;

h) a qualificação dos museus e das bibliotecas municipais pelo MinC e pelo IPHAN e pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, por meio da Fundação Catarinense de Cultura, em conjunto com as prefeituras signatárias deste TERMO;

i) a parceria entre órgãos federais, estaduais e municipais na implementação de políticas de preservação do patrimônio e de desenvolvimento econômico e social das regiões selecionadas;

j) a divulgação do patrimônio integrante dos Roteiros Nacionais de Imigração, em âmbito internacional, nacional, regional e local;



Paulo Roberto Moraes  
Direção de Planejamento e Contabilidade

4





# IPHAN

INSTITUTO DO  
PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO E  
ARTÍSTICO  
NACIONAL

PROPOSTA DE TERMO DE COOPERAÇÃO  
RUA QUARAIÁ, 127 - 66.000-000 - SÃO CARLOS, SC  
TELEFONES: (51) 333-1111 - FAX: (51) 333-1112  
E-MAIL: iphan@iphan.gov.br

k) a valorização das pequenas propriedades, do arranjo produtivo local e, principalmente, da agricultura familiar.

**PARÁGRAFO PRIMEIRO** - As ações relacionadas no *caput* desta cláusula terão foco nos projetos voltados para a geração de renda, na área urbana e rural, com ênfase na produção culturalmente referenciada, na formação profissional, no apoio tecnológico, na infra-estrutura, no financiamento e na capacitação gerencial e produtiva, no intuito de garantir a qualidade da produção, a empregabilidade da população local e o desenvolvimento sustentável.

### CLÁUSULA TERCEIRA - DAS ATRIBUIÇÕES

Cabe aos partícipes definir e viabilizar os meios necessários para atingir o objeto do presente Termo de Cooperação, assim como implementar as ações previstas na Cláusula Segunda, observando suas competências institucionais e suas disponibilidades financeiras e orçamentárias, o disposto neste instrumento e as atribuições abaixo discriminadas para:

#### I - os Ministérios e demais Órgãos do Governo Federal:

- a) executar, no âmbito de sua competência, as ações sob sua responsabilidade previstas na Cláusula Segunda, interagindo com os Governos Estadual, Municipal e a comunidade local;
- b) priorizar as ações previstas na Cláusula Segunda, em relação à programação orçamentária e financeira no âmbito de sua atuação;
- c) disponibilizar, conforme suas possibilidades técnicas e orçamentárias, os recursos previstos para a execução das ações sob sua responsabilidade;
- d) firmar os instrumentos legais necessários, quando for o caso, para a utilização dos recursos previstos para cada ação;
- e) acompanhar e avaliar o desenvolvimento das ações sob sua responsabilidade;
- f) coletar, compilar e divulgar informações referentes às suas respectivas ações;
- g) garantir que as suas ações sejam executadas de forma harmônica e integrada;
- h) disponibilizar pessoal técnico qualificado, destinado a apoiar a execução das atividades previstas neste Termo de Cooperação; e
- i) arcar com o ônus referente a diárias, passagens e outras despesas, decorrente da participação de seus técnicos nas ações de acompanhamento deste Termo de Cooperação.

#### II - o Governo do Estado de Santa Catarina:


- a) colaborar com órgãos federais, com seus representantes e com as Prefeituras Municipais signatárias deste TERMO DE COOPERAÇÃO na execução das ações estabelecidas na Cláusula Segunda desse TERMO;
- b) oferecer a contrapartida necessária, sempre que viável, para a consecução das ações planejadas na Cláusula Segunda desse TERMO;
- c) firmar os instrumentos legais necessários, quando for o caso, para a utilização dos recursos previstos para cada ação prevista na Cláusula Segunda;
- d) executar, no âmbito de sua competência, as ações sob sua responsabilidade, em especial no que se refere ao encaminhamento ao Conselho Consultivo Estadual do pedido de tombamento de bens móveis e imóveis de valor cultural afetos ao processo de imigração e na divulgação



Prédio Paulo de Morency  
Garibaldi do Glicério,  
Inscrição = Contabilidade



5

	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	Rua Rio de Janeiro - 140 511 - Centro - Recife - PE CEP: 51010-000 - Brasil - UF: PE - Tel: (51) 4144-2000 Fax: (51) 4144-1200 e Internet: www.iphan.gov.br
---	--------------	--	--

dos Roteiros Nacionais de Imigração, interagindo com os Governos Federal, Municipal e a comunidade local;

e) participar do acompanhamento, monitoramento e avaliação das ações implementadas.

III - as Prefeituras Municipais signatárias deste TERMO DE COOPERAÇÃO:

a) priorizar as ações de cunho urbanístico, cultural, de fomento agrícola, turístico e social previstas no presente TERMO;

b) colaborar com os órgãos federais, ou seus representantes, e com o Governo Estadual, na execução das ações previstas na Cláusula Segunda;

c) oferecer a contrapartida necessária, sempre que viável, para a consecução das ações planejadas;

d) Conceder aos proprietários de bens tombados isenção, total ou parcial, no pagamento dos impostos de sua competência, dentro das suas possibilidades;

e) divulgar a sua condição de integrantes dos Roteiros Nacionais de Imigração;

f) firmar os instrumentos legais necessários, quando for o caso, para a utilização dos recursos previstos para cada ação constante da Cláusula Segunda;

g) criar, no âmbito do seu município, o Centro Municipal de Recepção e Comercialização de Produtos Tradicionais nos moldes propostos pelo projeto;

h) facilitar a interlocução junto às organizações da sociedade civil e à comunidade local;

i) instituir um quadro de funcionários (no mínimo 1 técnico) para atuar especificamente no projeto;

j) estabelecer legislação urbanística específica, por meio da adequação do Plano Diretor e da criação de Áreas e Planos de Preservação, para os setores selecionados pelo projeto, num prazo máximo de 365 (trezentos e sessenta e cinco) dias a partir da assinatura do presente TERMO;

k) garantir, dentro da sua previsão orçamentária anual, recursos a serem aplicados especificamente em ações de conservação e restauro de imóveis, fomento a atividades agrícolas e artesanais, capacitação e atendimento técnico, dentre outras ações de preservação e valorização do patrimônio do imigrante da região;

l) estruturar roteiros de visitação no interior do município;


m) complementar e atualizar o Inventário de Bens Culturais do município, de acordo com os modelos disponibilizados pelo IPHAN, num prazo de 365 (trezentos e sessenta e cinco) dias a partir da assinatura do presente TERMO;





n) realizar, em parceria com as demais instituições culturais signatárias deste TERMO, o Inventário do Patrimônio Imaterial do município;

o) responsabilizar-se pelo material de divulgação no âmbito municipal;

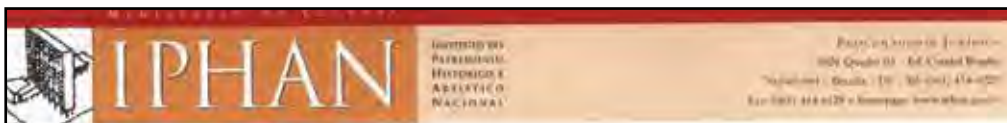
p) executar, no âmbito de sua competência, as ações sob sua responsabilidade previstas na Cláusula Segunda, interagindo com os Governos Federal, Estadual e a comunidade local; e

q) participar do acompanhamento, monitoramento e avaliação das ações implementadas.



6



#### CLÁUSULA QUARTA – DA COORDENAÇÃO, DO ACOMPANHAMENTO E DA AVALIAÇÃO

A responsabilidade pela coordenação e pelo acompanhamento da execução das ações pertinentes a este TERMO DE COOPERAÇÃO caberá, na esfera federal, ao Comitê Executivo Nacional dos Roteiros Nacionais de Imigração e, na esfera regional, ao Comitê Gestor Estadual.

**PARÁGRAFO PRIMEIRO** - O Comitê Executivo Nacional será composto pelo MINISTÉRIO DA CULTURA; pelo IPHAN; pelo MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO, por meio de sua Secretaria de Agricultura Familiar e pela Delegacia Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário no Estado de Santa Catarina; pelo MINISTÉRIO DO TURISMO, por intermédio de sua Secretaria Nacional de Políticas de Turismo; pelo SEBRAE/SC; pelo GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, por meio da Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S.A – EPAGRI, da SANTUR - órgão oficial de Turismo do Estado de Santa Catarina, e da Fundação Catarinense de Cultura; e cinco representantes selecionados pelos municípios envolvidos.

I - O Comitê Executivo Nacional deverá interagir com outros órgãos federais, com os Governos Estadual e Municipal, com as organizações da sociedade civil e com o Comitê Gestor Estadual, para garantir a execução das ações e acompanhá-las, bem como obter informações para subsidiar quaisquer órgãos interessados; e,

II - Os integrantes governamentais do Comitê Executivo Nacional serão indicados pelos titulares dos órgãos e entidades que representam e designados mediante Portaria ou instrumento equivalente.

**PARÁGRAFO SEGUNDO** - O Comitê Gestor Estadual será composto pela 11ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; pela Delegacia Federal do Ministério do Desenvolvimento Agrário no Estado de Santa Catarina; pela EPAGRI; pela SANTUR; pela Fundação Catarinense de Cultura e um representante de cada município signatário deste TERMO escolhido entre as suas Secretarias Municipais de Turismo, Cultura, Agricultura e Educação.

I - O Comitê Gestor Estadual deverá interagir com o Comitê Executivo Nacional, com outros órgãos federais, com os Governos Estadual e Municipal e com as organizações da sociedade civil, para garantir a adequada execução das ações e o fornecimento das informações necessárias ao seu acompanhamento;

II - O Comitê Gestor Estadual será coordenado por um de seus integrantes, escolhido por seis meses;

III - Os integrantes governamentais do Comitê Gestor Estadual serão os titulares dos órgãos que o compõem ou representantes por eles indicados, designados por meio de ato legal pertinente das esferas federal, estadual e municipal;

IV - O Comitê Gestor Estadual será assistido tecnicamente por profissional designado pelas instituições envolvidas e pelas prefeituras municipais; e,

V - É facultada aos municípios signatários deste TERMO a indicação de um representante para a participação no Comitê Gestor Estadual num prazo de até 30 dias a partir da assinatura do presente TERMO.

**PARÁGRAFO TERCEIRO** - O Comitê Executivo Nacional reunir-se-á em caráter ordinário pelo menos uma vez a cada seis meses, com o objetivo de acompanhar e avaliar o andamento das ações e propor novas prioridades.



Estado de Santa Catarina  
Secretaria de Desenvolvimento  
Municipal e Contratações  
12/10/2011



7



	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	FUNDAÇÃO JUSCELINO Kubitschek - Brasília - DF - Edifício Brasília Suloviana - Brasília - DF - Edifício Brasília Fax: (061) 4144.129 e Homepage: www.iphan.gov.br
--	--------------	---	---

**PARÁGRAFO QUARTO** - O Comitê Gestor Estadual reunir-se-á em caráter ordinário pelo menos uma vez por quadrimestre, com o objetivo de acompanhar o andamento das ações, fornecendo o apoio local necessário à sua execução, inclusive propondo alternativas para a solução de eventuais problemas, as quais serão submetidas, quando pertinente, à apreciação e deliberação do Comitê Executivo Nacional e suas análises e decisões serão lavradas em ata.

I - O Comitê Gestor Estadual deverá realizar, anualmente, audiência pública com a população local, a fim de proporcionar o acompanhamento e a avaliação participativa.

II - Caberá ao Conselho Gestor Estadual analisar projetos, indicar prioridades para investimentos, acompanhar procedimentos administrativos e licitatórios; e,

III - A participação das prefeituras signatárias deste TERMO nas reuniões do Conselho Gestor Estadual poderão ser segmentadas de acordo com os planos de governança local e regional estabelecidos.

**PARÁGRAFO QUINTO** - O Comitê Executivo Nacional reunir-se-á ao final de cada ano-calendário, com o objetivo principal de avaliar os resultados alcançados, propor medidas corretivas, se necessário, e aprovar o relatório anual, contendo, em especial, análise detalhada do andamento de todas as ações previstas na Cláusula Segunda deste Instrumento.

I - As informações necessárias à elaboração do relatório referido neste parágrafo deverão ser enviadas, bimestralmente, pelos responsáveis pela execução das ações à coordenação do Comitê Executivo Nacional.

**CLÁUSULA QUINTA - DA IMPLEMENTAÇÃO**

A implementação deste instrumento dar-se-á por intermédio do planejamento, execução, monitoramento e avaliação das ações mencionadas na Cláusula Segunda, dentro da competência de cada partícipe e mediante controle do Comitê Executivo Nacional e do Comitê Gestor Estadual.

**PARÁGRAFO PRIMEIRO** - Os recursos necessários à execução das ações previstas serão disponibilizados pelos órgãos governamentais responsáveis, respeitando suas limitações financeiras e orçamentárias.


**PARÁGRAFO SEGUNDO** - Caberá a cada órgão partícipe prover recursos para custear as despesas de deslocamento, hospedagem e alimentação dos seus respectivos representantes, executores da ação ou integrantes dos Comitês, caso seja necessário.

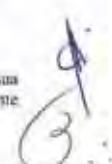
**CLÁUSULA SEXTA - DA PUBLICAÇÃO**


O Ministério da Cultura providenciará a publicação de extrato do presente Termo de Cooperação, no Diário Oficial da União, nos termos do parágrafo único do art. 61 da Lei nº 8.666/93. Da mesma forma o Estado de Santa Catarina se compromete a publicar o presente Termo de Cooperação no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina.

**CLÁUSULA SÉTIMA - DA VIGÊNCIA E DA PRORROGAÇÃO**


O presente Termo de Cooperação vigorará por cinco anos a partir da data de sua assinatura, podendo ser prorrogado por acordo dos partícipes, mediante a celebração do competente Termo Aditivo.


  
Paulo Roberto de Moraes  
Governador do Estado de  
Santa Catarina  
BRASÍLIA - DF





8

  
Conselho Gestor Estadual

  
Comitê Executivo Nacional

#### CLÁUSULA OITAVA - DA DENÚNCIA OU RESCISÃO

Esse instrumento poderá ser denunciado ou rescindido, a qualquer tempo, desde que haja prévia e expressa comunicação, por escrito, mediante termo próprio, entre as partes signatárias deste TERMO, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, sendo vedado às partes pleitear indenização, seja a que título for.

Parágrafo Primeiro - Este instrumento poderá, ainda, ser rescindido, na ocorrência de qualquer uma das seguintes hipóteses:

- a) caso fortuito ou força maior;
- b) superveniência de norma legal que torne o presente formal ou materialmente inexecutável;
- c) descumprimento das normas estabelecidas na legislação vigente;
- d) inadimplemento de quaisquer das cláusulas ou condições deste instrumento

Parágrafo Segundo - Em caso de denúncia ou rescisão será firmado instrumento de "Encerramento de Termo" que estabeleça as responsabilidades relativas à conclusão ou extinção de cada um dos trabalhos em fase de execução.

#### CLÁUSULA NONA - DA PUBLICIDADE

A publicidade decorrente dos atos, programas, obras, serviços e campanhas, decorrentes deste TERMO, deverá ter caráter educativo, informativo, cultural ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos.

Parágrafo único - Em qualquer ação promocional relacionada ao objetivo deste TERMO, será destacada a participação do IPHAN e dos Órgãos e Entidades participantes desse Termo, mediante prévia consulta aos partícipes, sobre a forma de como será feita esta publicidade, e observado o disposto no caput desta Cláusula, nos termos do § 1º do artigo 37 da Constituição Federal.

#### CLÁUSULA DÉCIMA - DOS RECURSOS FINANCEIROS

O presente TERMO DE COOPERAÇÃO não obriga a transferência de recursos financeiros entre os partícipes, não gerando qualquer encargo entre as mesmas, inclusive o de indenizar, caso as ações previstas não sejam realizadas, arcando cada qual com as eventuais despesas realizadas.

PARÁGRAFO ÚNICO - Para a execução das atividades pactuadas no presente instrumento e seu Anexo que envolvam recursos financeiros, os partícipes deverão observar a legislação específica para despesas da espécie, em especial a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, o Decreto nº 93.872, de 23 de dezembro de 1986, e a Instrução Normativa nº 1, de 15 de janeiro de 1997, da Secretaria do Tesouro Nacional.

#### CLAUSULA DÉCIMA PRIMEIRA - DA ALTERAÇÃO




*Paulo Roberto Moresco*  
 Gerência de Documentação,  
 Arquivo e Contabilidade



	<b>IPHAN</b>	INSTITUTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL	FUNDAÇÃO IPHAN Rua Quilino de Aguiar, 100 50040-900 - Recife - PE - CEP 51040-900 Tel: (51) 4144-1234 e 4144-1235 Fax: (51) 4144-1234 e 4144-1235
<p>Este Termo de Cooperação poderá ser alterado por acordo dos partícipes, a qualquer tempo, mediante a celebração de termos aditivos, que serão, previamente, submetidos às suas áreas jurídicas para análise e aprovação e desde que não seja modificado seu objeto.</p>			
<p><b>CLAUSULA DÉCIMA-SEGUNDA - DO FORO</b></p>			
<p>Os casos omissos e/ou situações contraditórias deste TERMO DE COOPERAÇÃO deverão ser resolvidos mediante conciliação entre os partícipes, com prévia comunicação por escrito da ocorrência, consignando prazo para resposta, e todos aqueles que não puderem ser resolvidos desta forma, serão dirimidos pelo Supremo Tribunal Federal, <i>ex vi</i> do art. 102, inciso I, alínea "c", da Constituição Federal.</p>			
<p>E, por estarem assim justos e de acordo, firmam este instrumento em 23 (vinte e três) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo nomeadas, que também assinam, para que surtam seus efeitos jurídicos e legais, em juízo e fora dele.</p>			
<p>Pomerode/SC, 27 de agosto de 2007.</p>			
 <b>GILBERTO PASSOS GIL MOREIRA</b> Ministro da Cultura	 <b>LUIZ FERNANDO ALMEIDA</b> Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional		
 <b>GUILHERME CASSEL</b> Ministro do Desenvolvimento Agrário	 <b>MARTA SUPlicy</b> Ministra do Turismo		
 <b>CARLOS GUILHERME ZIGELLI</b> Diretor-Superintendente do SBBRAE/SC	 <b>JOSÉ ALAOR BERNARDES</b> Diretor Administrativo Financeiro do SBBRAE/SC		
 <b>ANACLETO ANGELO ORTIGARA</b> Diretor Técnico do SBBRAE/SC	 <b>LUIZ HENRIQUE DA SILVEIRA</b> Governador do Estado de Santa Catarina		
 <b>PEDRO MOSER</b> Prefeito de Asa Quilada	 <b>CARLINDO ALBERTO PERSHUN</b> Prefeito de Benedito Novo		
		Paulo Roberto Moresco Gerente de Arquivo, Financeiro e Contabilidade 10/08/07	
<p>10</p>			





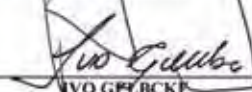
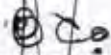


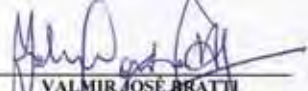


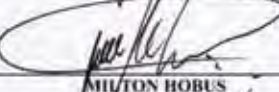
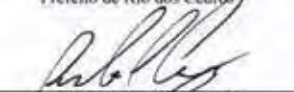
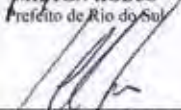

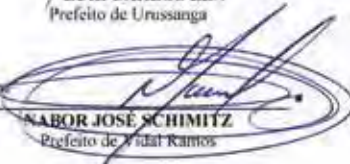


# IPHAN


INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL


PROCURADORIA JURÍDICA  
 504 Quilombo - 53.º Cron. Inst. Jus  
 50.045-04 - Recife - PE - Tel: (081) 438-6228  
 Fax: (081) 444-6274 - E-mail: pmj@IPHAN.gov.br


  


 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>JOÃO PAULO KLEINÜBING</b>        Prefeito de Blumenau</p>	 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>OLÍMPIO JOSÉ TOMIO</b>        Prefeito de Itajaí</p>
 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>IVO GELBCKE</b>        Prefeito de Itaipópolis</p>	 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>MOACIR BERTOLDI</b>        Prefeito de Jaraguá do Sul</p>
 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>MARCO TEBALDI</b>        Prefeito de Joinville</p>	 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>ROGÉRIO JOSÉ FRIGO</b>        Prefeito de Nova Veneza</p>
 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>VALMIR JOSÉ BRATTI</b>        Prefeito de Orleans</p>	 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>ERCIO KRIEK</b>        Prefeito de Bommeade</p>
 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>HIDERALDO JOSÉ GIAMPICCOLLO</b>        Prefeito de Rio dos Cedros</p>	 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>MILTON HOBUS</b>        Prefeito de Rio do Sul</p>
 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>FERNANDO MALLON</b>        Prefeito de São Bento do Sul</p>	 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>LUIZ CARLOS ZEN</b>        Prefeito de Urussanga</p>
 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>OSCAR SCHNEIDER</b>        Prefeito de Timbó</p>	 <hr style="border: 0; border-top: 1px solid black;"/> <p><b>SABOR JOSÉ SCHIMITZ</b>        Prefeito de Vidal Ramos</p>









PREFEITO MUNICIPAL DE NOVOESCOLA  
 Direção de Orçamento, Finanças e Contabilidade  
 11.01.11.001



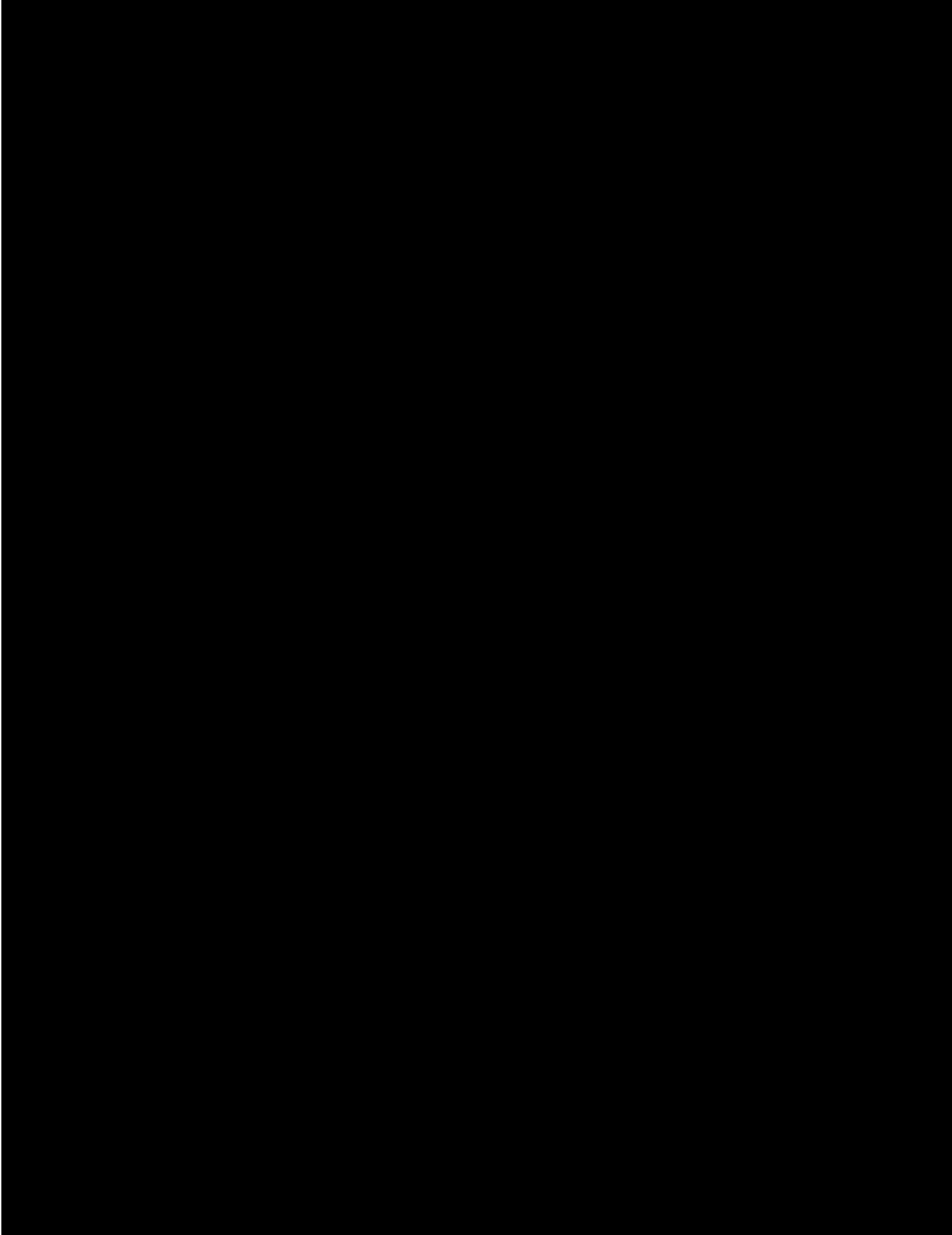


## Referências bibliográficas

- CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Laurdes, 1970.
- CUNHA, Dilney. *Suíços em Joinville – O duplo desterro*. Joinville: Letradágua, 2003.
- CENTENÁRIO de Blumenau 1850-1950. Edição da Comissão de Festejos.
- DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração Italiana em Santa Catarina: documentário*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.
- DE BONI, Luis A. (org.). *A presença Italiana no Brasil – Vol. II – Porto Alegre*; Torino: Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- DIEGES JR., Manuel. *Imigração, Urbanização, Industrialização*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura – Brasil, 1964.
- FERREIRA, Cristina; PETRY, Sueli Maria Vanzuita (org.); BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento – Instituto Blumenau 150 anos, 1999.
- FICKER, Carlos. *História de Joinville: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca*. 2 ed. ...., 1965.
- FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808 – 1824 – 1974*. São Leopoldo: Instituto Hans Staden; Federação dos Centros Culturais “25 de julho”, 1974.
- HOLANDA, Sergio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. *Historia geral da civilização brasileira*. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1972.
- JOCHEM, Toni Vidal. *São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos de sua história*. São Pedro de Alcântara: [s.n.], 1999 (São José : Elbert Industria Gráfica).
- PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. *Estudos de geografia urbana de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1991.
- PIAZZA, Walter F. *A colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Ed. da UFSC, Ed. Lunardelli, 1983.
- RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1992.
- RODYCZ, Wilson Carlos (org.). *Colônia Lucena – Itaiópolis – Crônica dos imigrantes poloneses*. Florianópolis: BRASPOL, 2002.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.
- SANTOS, Sívio Coelho dos. *Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MinC/ Pró-Memória/ INL, 1987.
- SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972.
- SOARES, Maria Elita. *São Bento do Sul: sua história e seus documentos*. São Bento do Sul: Prefeitura Municipal, 1992.
- VIEIRA FERREIRA, Fernando Luís. *Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina*. - 2ª ed. – Orleans: Gráfico Lelo LTDA, 2001.
- WEIMER, Günter. *Arquitetura da Imigração Alemã – um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade e Livraria Nobel, 1983.









Ministério da  
**Cultura**

